



15º FÓRUM ESTADUAL DE MUSEUS

Museus resilientes, profissionalização,
pesquisa e educação

Anais

Casa de Cultura Mario Quintana
8 a 11 de abril de 2025

ANAIS DO 15º FÓRUM ESTADUAL DE MUSEUS

João Francisco Hermeling de Almeida
Sônia Regina Silva do Nascimento
Monica Marlise Wiggers
Giovanna Silveira Santos
(org.)

Porto Alegre, 2025

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Jackeline Machado. CRB - 5/1482

A532a Fórum Estadual de Museus (15.: 2025: Porto Alegre, RS)
Anais do 15º Fórum Estadual de Museus : museus resilientes, profissionalização, pesquisa e educação / organização de João Francisco Hermeling de Almeida, Sônia Regina Silva do Nascimento, Monica Marlise Wiggers, Giovanna Silveira Santos.
– Porto Alegre: Secretaria de Estado da Cultura do RS, Sistema Estadual de Museus, 2025.
Apoio editorial: Instituto Estadual do Livro.
Inclui conferências, artigos apresentados, programação e informações institucionais.

ISBN: 978-65-89863-34-2

1. Museus – Rio Grande do Sul – Anais. 2. Museologia – Congressos.
3. Patrimônio cultural – Gestão. 4. Políticas públicas para museus.
I. Almeida, Francisco Hermeling de. II. Nascimento, Sônia Regina Silva do.
III. Wiggers, Monica Marlise. IV. Santos, Giovanna Silveira V. Título.

CDD 069
CDU 069(81-52)(063)

FICHA TÉCNICA

Anais do 15º Fórum Estadual de Museus

Governador do Estado do Rio Grande do Sul
Eduardo Leite

Secretário de Estado da Cultura
Eduardo Loureiro

Diretor do Departamento de Memória e Patrimônio da Sedac
Eduardo Hahn

Coordenadora do Sistema Estadual de Museus
Giovanna Silveira Santos

Organização e diagramação de conteúdo
João Francisco Hermeling de Almeida, Sônia Regina Silva do
Nascimento, Monica Marlise Wiggers e Giovanna Silveira
Santos

Identidade visual
João Francisco Hermeling de Almeida e Monica Marlise
Wiggers

Apoio Editorial
Instituto Estadual do Livro

COMISSÃO ORGANIZADORA DO 15º FÓRUM

Adilson Nunes de Oliveira - Coordenador da 6º Região Museológica (RM)
Alice Bemvenuti - Representante da 1ª RM
Aline Escandil de Souza - Conselheira Presidenta do Conselho Regional de Museologia da 3ª Região (COREM 3R)
Aline Regiane de Jesus Mota - Coordenadora da 4ª RM
Ana Ramos Rodrigues Castro - Colegiado Setorial de Museus
Andréia Becker - Colegiado Setorial de Museus
Augusto Duarte Garcia - Coordenador da 7ª RM
Carine Silva Duarte - SEM
Cláudio Damião Braun - Coordenador da 3ª RM
Deise Formolo - Vice-coordenadora da 2ª RM
Doris Rosângela Freitas do Couto - Coordenadora do SEM
Fabiana Ciocheta Mazuco - Coordenadora da 5ª RM
Itamar Ferretto Comarú - Coordenador da 2ª RM
Jeniffer Cuty - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Joana Soster Lizzot - Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)
Klara Maciel Albarenque - SEM
Márcia Regina Bertotto - UFRGS
Noris Mara Pacheco Martins Leal - UFPEL/Colegiado Setorial de Museus

CONFERENCISTAS/PALESTRANTES DO 15º FÓRUM

Andréa Fernandes Costa - Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Cláudia Porcellis Aristimunha - Museu da UFRGS
Doris Couto - SEM
Eráclito Pereira - Curso de Museologia da UFRGS
Fernanda Santana Rabello de Castro - Instituto Brasileiro de Museus (Ibram)
Itamar Ferretto Comarú - 2ª RM/Prefeitura Municipal de Caxias do Sul
Márcia Beatriz dos Santos Bamberg - Museu Joaquim Felizardo
Márcia Regina Bertotto - Curso de Museologia da UFRGS
Monica Marlise Wiggers - SEM
Vanessa Barrozo Teixeira Aquino - Curso de Museologia da UFRGS
Wellington Silva - Museu de Comunicação Hipólito José da Costa

COORDENADORES DOS GRUPOS DE TRABALHO (GTs) DO 15º FÓRUM

1 - Gestão de Acervos: aquisição e gerenciamento de acervos e bens culturais - Diego Lemos Ribeiro (UFPEL) e Noris Mara Pacheco Martins Leal (UFPEL e Colegiado Setorial de Museus)

2 - Gestão de Risco: prevenção, conservação e plano de emergência - Doris Couto (SEM), Jeniffer Cuty (UFRGS) e Pedro Osório (Museu de Arte do Rio Grande do Sul - MARGS)

3 - Pesquisa e Formação no Campo Museológico - Adriane Raimann (Uniassevi), Aline Escandil de Souza (COREM 3R), Ana Ramos Rodrigues Castro (Colegiado Setorial de Museus), Cláudio Damião Braun (3ª RM) e Daniela do Amaral da Silva (UFRGS)

4 - Democratização e Acessibilidade aos Bens Culturais - Deise Formolo (2ª RM), Eliane Muratore (UFRGS), Geovana Erlo (2ª RM) e Márcia Beatriz dos Santos Bamberg (Museu Joaquim Felizardo)

5 - Financiamento e Fomento aos Museus do RS - Augusto Garcia (Prefeitura Municipal de Rio Grande), Joana Soster Lizzot (UFPEL) e Márcia Regina Bertotto (UFRGS)

6 - Museologia, Diversidade e Diferença - Andreia Becker (Colegiado Setorial de Museus), Cláudia Porcellis Aristimunha (UFRGS), Daniel Viana de Souza (UFPEL), Eraclito Pereira (UFRGS), Itamar Ferretto Comarú (2ª RM/Prefeitura Municipal de Caxias do Sul)

7 - Educação em Museus - Alice Bemvenuti (1ª RM), Carla Rodrigues Gastaud (UFPEL) e Marga Kremer (Fundação Vera Chaves Barcellos)



Apresentação

O 15º Fórum Estadual de Museus do Rio Grande do Sul buscou reunir trabalhadores de museus, acadêmicos, estudantes, pesquisadores e profissionais da área da museologia para trocar experiências, discutir diretrizes e promover a integração e o fortalecimento do setor museológico no Estado.

O evento aconteceu entre os dias 8 e 11 de abril de 2025, na Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), em Porto Alegre. Contou com conferências temáticas diversas e apresentação de pesquisas em sete Grupos de Trabalho (GTs), com os temas: Gestão de Acervos: aquisição e gerenciamento de acervos e bens culturais; Gestão de Risco: prevenção, conservação e plano de emergência; Pesquisa e Formação no Campo Museológico; Democratização e Acessibilidade aos Bens Culturais; Financiamento e Fomento aos Museus do RS; Museologia, Diversidade e Diferença; e, por fim, Educação em Museus.

O objetivo desta publicação é divulgar os trabalhos que foram apresentados presencialmente durante o encontro e enviados pelos autores.

O SEM espera que o Fórum tenha sido um momento profícuo de debates e convida todas e todos para a sua próxima edição, que tem previsão para se realizar no ano de 2027.



Cronograma do Evento

Turno	Horário	Atividade
TERÇA-FEIRA, 08/04/2025		
Tarde	13h30	Credenciamento
	14h30	Sessão solene de abertura
	15h30	Conferência de abertura Os desafios contemporâneos no campo museal, realidade e perspectivas Fernanda Santana Rabello de Castro - Ibram
	16h30	Apresentação cultural e confraternização Grupo Afoxé às Yabás
QUARTA-FEIRA, 09/04/2025		
Manhã	09h	Conferência Desastres Naturais e Museus do Rio Grande do Sul: cenários e desafios Monica Marlise Wiggers - SEM O salvamento de Acervos em Porto Alegre Vanessa Barrozo Teixeira Aquino - UFRGS
	10h20	Intervalo
	10h40	Conferência Educação Museal: potencialidades de um campo teórico, político e prático Andréa Fernandes Costa - Museu Nacional/UFRJ
	12h	Intervalo para almoço



Tarde

14h

Grupos Temáticos

Educação em Museus

Sala Sergio Napp 1

Casa de Cultura Mario Quintana - 2º Andar

Pesquisa e Formação no Campo

Museológico

Sala Luis Cosme

Casa de Cultura Mario Quintana - 2º Andar

Gestão de Risco: prevenção, conservação e plano de emergência

Sala Sergio Napp 2

Casa de Cultura Mario Quintana

17h

Encerramento Grupos Temáticos

19h

Conferência

Educação para a Diversidade em Museus

Cláudia Porcellis Aristimunha - Museu da UFRGS

Eráclito Pereira - Curso de Museologia da UFRGS

Itamar Ferretto Comarú - Prefeitura Municipal de Caxias do Sul

Márcia Beatriz dos Santos Bamberg - Museu Joaquim Felizardo

QUINTA-FEIRA, 10/04/2025

Manhã

09h

Conferência

Informatização e inovação em Museus a partir do uso de software livre

Marcia Regina Bertotto - UFRGS

10h

Intervalo

10h20

Conferência

Apresentação de casos de uso do Tainacan: MuseCom; MARSUL; MACRS; FVCB; MUCIN; MHJC

Welington Silva e Doris Couto



Tarde	12h	Intervalo para almoço
	14h	Grupos Temáticos
		Gestão de Acervos: aquisição e gerenciamento de acervos e bens culturais Sala Sergio Napp 1 Casa de Cultura Mario Quintana - 2º Andar
		Democratização e Acessibilidade aos Bens Culturais Sala Luis Cosme Casa de Cultura Mario Quintana - 2º Andar
		Museologia, Diversidade e Diferença Sala Sergio Napp 2 Casa de Cultura Mario Quintana
	17h	Encerramento dos Grupos Temáticos
	19h	Reunião dos profissionais de museus Pauta: Criação do sindicato

SEXTA-FEIRA, 11/04/2025

Manhã	09h	Assembleia do SEM Apresentação das proposições dos Grupos Temáticos Encaminhamentos e moções
	12h	Encerramento



Sumário

GT1 - Gestão de Acervos: aquisição e gerenciamento de acervos e bens culturais

- A catalogação e rotina de preservação na reserva técnica de películas cinematográficas do MuseCom - Vivian Eiko Nunes Fujisawa, Estela Machado Winter Galmarino e Denise Nauderer Hogetop
- Documentação Fotográfica do Acervo do Museu Anchieta de Ciências Naturais, Porto Alegre/RS - Lucas George Wendt e Alana Cioato

GT2 - Gestão de Risco: prevenção, conservação e plano de emergência

- Mapeamento Regional de museus afetados pelas enchentes de maio/2024 do Rio Grande do Sul - Márcia Regina Bertotto, Dorian Canello Padilha e Klara Maciel Albarenque
- Os desafios do Museu Gruppelli, Pelotas/RS, frente aos eventos climáticos - Arthur Coelho Stefanello, Maurício André Maschke Pinheiro e José Paulo Siefert Brahm
- Salvamento do Acervo de Muçum: ações do Museu de História Julio de Castilhos - Alice Braz Gallina, Doris Couto e Natália Papp Andrade

GT3 - Pesquisa e Formação no Campo Museológico

- A busca pela padronização da documentação museológica dos museus ferroviários - Cinara Isolde Koch Lewinski
- Coleção Eliseo Duarte: memória e registro de um tempo ainda em construção - Márcia Severo Spadoni e Janine Oliveira Arruda
- Narrativas em disputa: análise da concepção de projetos expográficos no sul do Brasil - Alahna Santos da Rosa, Julia Maciel Jaeger e Kimberly Terrany Alves Pires



- Pedras de arremesso: explorando a presença das boleadeiras em Morro Redondo/Rio Grande do Sul - Kamile Müller, Patrícia da Silva Hackbart e Diego Lemos Ribeiro

GT4 - Democratização e Acessibilidade aos Bens Culturais

- Digitalização e catalogação de jornais do século XIX no MuseCom: preservação e acesso - Lucia Helena Cunha Vidal, Laura Isabel Marcaccio Arce e José Marcelo Mendes Ribeiro
- Linguagem Simples e Acessibilidade em Museus - Eduardo Cardoso e Felipe Schneider Viaro
- Migração, acesso e preservação digital da coleção “Galeria de Vozes” do MuseCom - Estela Galmarino, Carlos Barcellos e Vinícius Bard
- Plano Museológico: uma ferramenta dialógica e democrática no museu Diários do Isolamento (Mudi) - Nicóly Ayres da Silva e João Pedro Peccini Rodrigues
- Projeto Acervo em Foco - Fernanda Yumi Kohatsu Feliciano, Giordano Alves Mendes, Giovanni Alvarez Ramos, Mariana da Silva Christmann e Mélodi Dall'Agnese Perin Franquine Ferrari
- Saberes compartilhados: exposições itinerantes do Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter - Lisiane Gastal Pereira, Cristiano Agra Iserhard, Felipe Diehl e Mauro Mascarenhas

GT5 - Financiamento e Fomento aos Museus do RS

- Museu de Arqueologia: a catástrofe climática e o despertar da história antiga - Ariane Gassen Vargas



- Museu Território - Quando lembrar é reivindicar: Práticas contra-coloniais dos Kaingang da Aldeia Gyró, Pelotas, RS - Nicóly Ayres da Silva e Diego Lemos Ribeiro
- Steinhaus: patrimônio, restauro e financiamento - Daniela Schmitt, Alice Jungblut Braun e Eduarda Farias da Silva

GT6 - Museologia, Diversidade e Diferença

- A Museologia Crítica como aporte teórico-reflexivo aos museus de arte frente à comunicação da produção de artistas mulheres - Amália Ferreira Meneghetti e Ana Maria Albani de Carvalho
- Exposição “Vivências Indígenas na Pandemia da Covid-19” do Museu Diários do Isolamento - Mariana Brauner Lobato, Miriã da Mota de Souza, Camila de Macedo Soares Silveira e Daniel Maurício Viana de Souza
- Memórias e Histórias LGBTQIAPN+ em Pelotas - Renan Marques Azevedo da Mata
- Práticas de Museologia Colaborativa em Porto Alegre: Experiências e desafios - Renata Lewis Scotto

GT7 - Educação em Museus

- Alfabetizando com a Fauna Marinha - Lucas Antonio Morates
- Material Educativo da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo - Camila Monteiro Schenkel, Aline Nunes e Andressa Cristina Gerlach Borba
- Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande do Sul a partir do Parque Histórico General Bento Gonçalves: possibilidades em educação para o Patrimônio - Everton Reis Quevedo, Luciana de Oliveira

OBSERVAÇÃO

Os textos reunidos neste volume foram publicados tal como submetidos pelos respectivos participantes, sem modificações ou revisões posteriores. O conteúdo expresso é de responsabilidade exclusiva dos autores.



GT 1

Gestão de Acervos: aquisição e gerenciamento de acervos e bens culturais



A catalogação e rotina de preservação na reserva técnica de películas cinematográficas do MuseCom

Vivian Eiko Nunes Fujisawa

Arquivista; SEDAC – MUSECOM
vivian-fujisawa@sedac.rs.gov.br

Estela Machado Winter Galmarino

Historiadora; SEDAC - MUSECOM
estela-galmarino@sedac.rs.gov.br

Denise Nauderer Hogetop

Doutora em linguística aplicada; SEDAC - MUSECOM
denise-hogetop@sedac.rs.gov.br

Resumo: O acervo de películas cinematográficas do MuseCom é formado majoritariamente por filmes de não-ficção tais como cinejornais, documentários e telejornais. São mais de 3500 títulos nas bitolas 35mm, 16mm, 9,5mm, 8mm e Super 8 nos suportes de acetato e nitrato de celulose e poliéster. O trabalho de catalogação nesta reserva técnica utiliza dois níveis hierárquicos, Item e Obra, baseados na estrutura de dados proposta no *Manual de Catalogação de Imagens em Movimento da Federação Internacional de Arquivos de Filmes* (FIAF). A elaboração e adoção de novos modelos de ficha catalográfica e de ficha de conservação, adaptados à realidade institucional, buscam qualificar e agilizar o processo de conhecimento e tratamento do objeto e da informação. Na atividade de conservação do acervo, são monitoradas as condições do ambiente da reserva e utilizados diferentes recursos para mantê-las estáveis, dentro dos parâmetros estabelecidos e dos equipamentos disponíveis. Os resultados obtidos até o momento foram a diminuição de variações de temperatura e umidade no ambiente do acervo e um controle maior das informações acerca da catalogação e conservação de películas no MuseCom.

Palavras-chave: Gestão de Acervos; Acervo Cinematográfico; Catalogação; Preservação.

Abstract: MuseCom's film collection is mostly comprised of non-fiction films such as newsreels, documentaries and TV news. There are over 3,500 titles in 35mm, 16mm, 9.5mm, 8mm and Super 8 formats on acetate, cellulose nitrate and polyester media. The cataloging work in this technical reserve uses two hierarchical levels, Item and Work, based on the data structure proposed in The FIAF Moving Image Cataloguing Manual *The development and adoption of new cataloging and conservation record models*, adapted to the MuseCom conditions, seek to qualify and streamline the process of understanding and treating objects and information. In the collection conservation activity, the conditions of the reserve

environment are monitored, and different resources are used to maintain them stable, within the established parameters and the available equipment. The results obtained so far have been a reduction in temperature and humidity variations in the collection environment and greater control of information regarding the cataloging and conservation of films in MuseCom.

Keywords: Collection Management; Film Collection; Cataloging; reservation

Introdução

O Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (MuseCom) foi instituído pelo Decreto Estadual nº 24.366, de 30 de dezembro de 1975. Seu acervo abarca diferentes áreas tais como Imprensa, Televisão, Publicidade e Propaganda, Fotografia, Cinema, Rádio e Fonografia. O Núcleo de Acervos do MuseCom tem como um dos objetivos preservar uma importante parcela do patrimônio audiovisual gaúcho perpetuando a vida dos objetos por meio de ações de documentação e conservação, passos importantes para a difusão.

A definição de “patrimônio audiovisual” é ampla e abrange uma grande parte da herança cultural de uma comunidade ou de um país. Seu registro é captado de múltiplas formas, como filmes, programas de televisão e de rádio, gravações de vídeo e de áudio. As imagens em movimento podem ser consideradas documentos audiovisuais, que se distinguem dos demais documentos pela complexidade de sua conservação, catalogação e acesso. A “Arquivística Audiovisual”, desta forma, abarca todos os aspectos que envolvem a gestão de documentos audiovisuais (EDMONDSON, 2013, p.19). O ofício do técnico que atua na área, as instituições e os espaços de guarda de acervos audiovisuais também englobam este campo.

A reserva técnica de películas cinematográficas do MuseCom guarda mais de 3500 títulos. A coleção é formada majoritariamente por filmes de não-ficção tais como cinejornais, documentários e telejornais de curta-metragem. Os filmes estão em diferentes suportes, com preponderância do acetato de celulose. O Museu também guarda alguns títulos em base de nitrato, principal suporte utilizado na produção de filmes cinematográficos até a década de 1950. As películas possuem diferentes bitolas e datam da década de 1940 até o início dos anos 2000. Os filmes registram acontecimentos políticos, urbanização de cidades, eventos sociais e aspectos do cotidiano. Parte deste acervo apresenta temática ou produção regional.

A catalogação de películas no MuseCom

O desenvolvimento do sistema de preservação de um acervo audiovisual abarca o conhecimento e o tratamento do objeto, o tratamento da informação e a perpetuação do objeto

(COELHO, 2009, p. 181). No MuseCom, os procedimentos de documentação do acervo de filmes se ancoram em boas práticas e padrões de referência adotados por instituições nacionais e internacionais. O trabalho de catalogação utiliza dois níveis hierárquicos, Obra¹ e Item², baseados na estrutura de dados proposta no Manual de Catalogação de Imagens em Movimento da Federação Internacional de Arquivos de Filmes (FIAF). Para este fim, foram adotados dois modelos de fichas, adaptados à realidade da instituição.

Figuras 1 e 2 – Fichas de catalogação e de conservação de películas



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA CULTURA
MUSEU DA COMUNICAÇÃO NÉPOLITO JOSÉ DA COSTA

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE PELÍCULAS

Identificador da obra	
Outros identificadores	
Tipo de descrição	
Título	
Data de produção	Local de produção
Idioma(s)	
Idioma(s) de diálogo(s)	Idioma(s) do resumo na embalagem
Idioma(s) escrito(s)	Idioma(s) do(s) material(is) que acompanha(m)
Conteúdo	
Sinopse	
Gênero	Forma
Assunto	
Agentes	
Ficha técnica/créditos	
Detentor dos Direitos de Reprodução - original ou atual/ Copyright	
Procedência	
Fontes relacionadas	
Informações de catalogação	
Nome do catalogador	Data (dia/mês/ano)
Observações	

¹ Publicado pelo MuseCom em 2024 nas versões impressa e digital. O link para acesso ao *e-book* consta nas Referências deste texto.

² Entidade que inclui o conteúdo intelectual ou artístico e o processo de realização em um meio cinematográfico (FIAF, 2022, p. 20-21).


GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA CULTURA
MUSEU DA COMUNICAÇÃO HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA

FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO DE PELÍCULAS

Identificador da obra		Número da ficha de conservação	
Outros identificadores			
Tipo de descrição			
Título			
Tipo de elemento do item			
Especificidades do item			
Tipo de portador geral		Extensão	
Bitola do item		Número de partes	
Tipo de suporte		Número de estojos/latas	
Stock do item		Velocidade	
Som e Sistemas de som		Janela	
Tipo de cor		Tela	
Estado de conservação			
Ressecamento		Fungos	
<input type="checkbox"/> a <input type="checkbox"/> b <input type="checkbox"/> c		<input type="checkbox"/> 0 <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3	
Emendas		Desplastificação	
<input type="checkbox"/> coladas <input type="checkbox"/> soltas		<input type="checkbox"/> 0 <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3	
Riscos no suporte		Defeitos na perfuração	
<input type="checkbox"/> 0 <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3		<input type="checkbox"/> 0 <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3	
Hidrólise		Desprendimento da emulsão	
<input type="checkbox"/> 0 <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3		<input type="checkbox"/> 0 <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3	
Rupturas e rasgos		Descoramento	
<input type="checkbox"/> 0 <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3		<input type="checkbox"/> 0 <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3	
Sulfuração		Grau Técnico	
<input type="checkbox"/> 0 <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3		<input type="checkbox"/> 0 <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3	
Informações do conservador			
Nome do conservador		Data (dia/mês/ano)	
Observações			

Fonte: Manual de boas práticas na gestão de acervos de películas cinematográficas (FUJISAWA; GALMARINO, 2024, p. 63; 65)

Os estudos que resultaram na construção das fichas tiveram como objetivo qualificar e agilizar o processo de conhecimento sobre os documentos audiovisuais da reserva técnica de películas. Com o aprimoramento dos procedimentos de análise do estado de conservação do objeto, buscou-se fortalecer o desenvolvimento de ações preventivas, contribuindo para a perpetuação do acervo e garantia de sua fruição pelas próximas gerações.

Na Ficha de catalogação devem ser priorizadas as informações primárias, isto é, constantes no próprio objeto como créditos ou letreiros inscritos nos fotogramas da película. Também poderão ser utilizados outros recursos, como materiais complementares, roteiros, fichas técnicas, considerados como fontes secundárias. Ambas as fichas possuem campos obrigatórios (título, dala, local, bitola, tipo de suporte, estado de conservação) e facultativos (agentes, procedência, sistema de som, velocidade). As orientações de preenchimento constam no “Manual de boas práticas na gestão de acervos de películas cinematográficas”.³

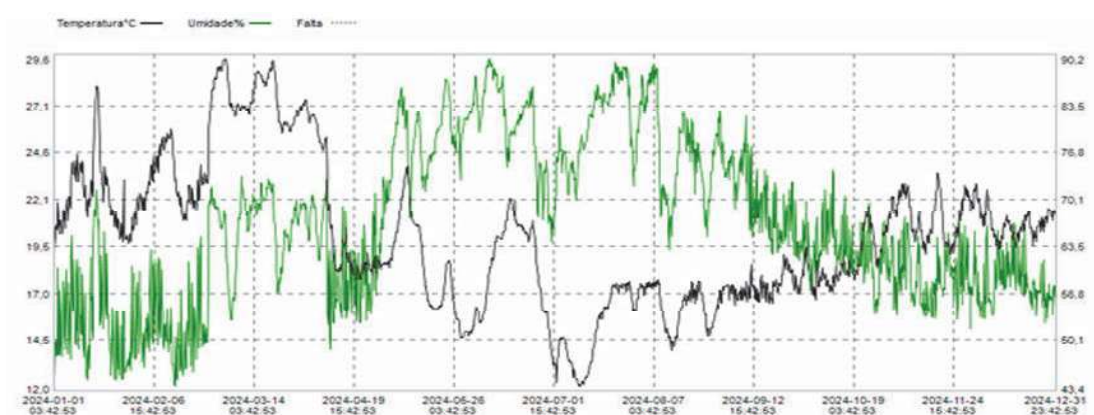
³ Produto ou cópia física da manifestação de uma Obra. Pode consistir em um ou mais componentes, por exemplo, 5 rolos (FIAF, 2022, p. 69).

Conservação Preventiva no acervo de películas

Na reserva técnica de películas cinematográficas do MuseCom são executadas ações com a finalidade de estabilizar o ambiente e manter os itens íntegros pelo maior tempo possível. Para tanto, são utilizados equipamentos de climatização, além da revisão periódica de cada rolo em mesa enroladeira (procedimento registrado na Ficha de estado de conservação). O estado de conservação do item deve ser periodicamente avaliado, de acordo com o estado físico e as condições ambientais e de armazenamento.

A medição para controle ambiental se dá através de *dataloggers*, instalados nas salas de guarda. O emprego destas ferramentas tem como objetivo monitorar os resultados relativos aos índices de umidade relativa e de temperatura dentro da reserva técnica. Os métodos de conservação deste acervo têm como referência a literatura técnica especializada e as condições do macroambiente, do prédio e da sala de guarda. Os parâmetros estabelecidos nas salas climatizadas da reserva técnica são de 18°C de temperatura e de 50% de umidade relativa. Segundo Alfonso García (2006, p. 106), estas são condições de climatização de um arquivo *standard*, isto é, índices padrão para a guarda de filmes. Contudo, o desafio é manter estes números estáveis, com as variações restritas aos percentuais recomendados, ao longo do ano.

Figura 3 – Registro de variações de temperatura e umidade na Sala 2 da reserva técnica no ano de 2024



Fonte: Gráfico gerado pela arquivista Vivian Fujisawa. Medição com *datalogger* Elitech, modelo GSP-6G.

Flutuações de temperatura e umidade relativa superiores a 3°C e 5%, respectivamente, podem acelerar os processos de degradação dos filmes gerando o aparecimento de fungos, ressecamento e deformações no suporte. A utilização de *software* específico permite detectar as variações registradas pelos *dataloggers* por meio da geração de gráficos e realizar análises do ambiente. Este instrumento contribui com a qualificação das ações de controle, facilitando o ajuste dos parâmetros nos equipamentos de climatização e outras providências que possam ser necessárias para a estabilidade da reserva técnica.

Considerações finais

A gestão de acervos de películas cinematográficas envolve várias frentes de trabalho que passam pela conservação e documentação, a fim de postergar a vida destes materiais permitindo que no futuro possam ser duplicados, digitalizados e acessados de forma ampla.

A preservação de filmes é um processo complexo que envolve diferentes atores em um museu. A implementação e fortalecimento de boas práticas requer uma boa comunicação entre a equipe. Os resultados obtidos até o momento no MuseCom demonstram um controle maior das informações acerca da catalogação e da conservação dos filmes. A pesquisa, o diálogo e a reafirmação cotidiana de condutas e procedimentos, somados à atualização constante da equipe, pode contribuir para a consolidação de boas práticas e de um sistema de preservação que garanta a sobrevida dos acervos e o cumprimento da missão institucional.

REFERÊNCIAS

FUJISAWA, Vivian Eiko Nunes; GALMARINO, Estela Machado Winter; Manual de boas práticas na gestão de acervos de películas cinematográficas. Porto Alegre: Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, 2024. 80 p.

Disponível em: <https://biblio.cultura.rs.gov.br/cgi-bin/koha/opac-retrieve-file.pl?id=247c1b5633fc4ddc2f8fac3b6f755020>. Acesso em: 03 abr. 2025.

COELHO, Maria Fernanda Curado (texto), SOUZA, Carlos Roberto de (coordenação). Manual de manuseio de películas cinematográficas – procedimentos utilizados na Cinemateca Brasileira, 2ª edição. São Paulo: Cinemateca Brasileira/Imprensa Oficial, 2006.

EDMONDSON, Ray. Filosofia e princípios da arquivística audiovisual. Tradução de: Carlos Roberto de Souza. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de preservação Audiovisual/Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2013.

FIAF. Manual de Catalogación de Imágenes em Movimiento. Autoria de Natasha Fairbairn, Maria Assunta Pimpinelli e Thelma Ross. Tradução de Ageo García e Circe Sánchez González. México: 2022.

FILMOTECA ESPANHOLA. Classificar para preservar/pesquisa e textos GARCÍA, Alfonso del Amo. Madri: Instituto de la Cinematografía y de las Artes audiovisuales, 2006.

Documentação Fotográfica do Acervo do Museu Anchieta de Ciências Naturais, Porto Alegre/RS

Lucas George Wendt

Mestre em Ciência da Informação; UFRGS
lucas.george.wendt@gmail.com

Alana Cioato

Mestre em Museologia e Patrimônio; UFRGS
alanacioatoo@gmail.com

Resumo: O presente texto examina a importância da documentação museológica fotográfica no contexto do Museu Anchieta de Ciências Naturais, um dos mais antigos museus escolares do Brasil, instituído em 1908. O objetivo geral é contextualizar teoricamente os processos documentais nos museus e discutir os impactos dessa prática na preservação e difusão do acervo. A metodologia adotada é a apresentação de um estudo de caso. Os resultados descrevem a recente iniciativa de criar um banco de imagens digital dos itens tombados do museu. Este processo envolve a tomada de registros fotográficos com identificação numérica, vistas variadas (ventral, dorsal, laterais) e detalhes anatômicos dos espécimes. Até o momento, mais de 2.000 imagens foram produzidas, cobrindo cerca de 450 exemplares, principalmente das coleções de Mastozoologia e Ornitologia. Este trabalho melhora a preservação (monitoramento do estado de conservação), amplia a acessibilidade (acesso remoto ao acervo), facilita a pesquisa (identificação taxonômica e análise comparativa) e enriquece a educação e comunicação (recursos para exposições e materiais didáticos). As considerações finais indicam que esta abordagem sistemática de documentação fotográfica se alinha às exigências contemporâneas, protegendo o patrimônio e valorizando a vocação educativa e científica do museu, transformando objetos em fontes acessíveis de conhecimento para futuras gerações.

Palavras-chave: Documentação museológica. Documentação museológica fotográfica. Documentação fotográfica. Museu Anchieta de Ciências Naturais. Coleções biológicas.

Abstract: This paper examines the importance of photographic museum documentation in the context of the Anchieta Museum of Natural Sciences, one of the oldest school museums in Brazil, established in 1908. The general objective is to theoretically contextualize the documentary processes in museums and discuss the impacts of this practice on the preservation and dissemination of the collection. The methodology adopted is the presentation of a case study. The results describe the recent initiative to create a digital image bank of the museum's listed items. This process involves taking photographic records with numerical identification, various views (ventral, dorsal, lateral) and anatomical details of the specimens. To date, more than 2,000 images have been produced, covering approximately 450 specimens, mainly from the Mastozoology and Ornithology collections. This work improves preservation (monitoring of conservation status), increases accessibility (remote access to the collection), facilitates research (taxonomic identification and comparative analysis), and enriches education and communication (resources for exhibitions and teaching materials). The final considerations indicate that this systematic approach to photographic

documentation is in line with contemporary demands, protecting heritage and enhancing the educational and scientific vocation of the museum, transforming objects into accessible

sources of knowledge for future generations.

Keywords: Museum documentation. Photographic museum documentation. Photographic documentation. Anchieta Museum of Natural Sciences. Biological collections.

Introdução

O presente texto examina a importância da documentação museológica fotográfica no contexto do Museu Anchieta de Ciências Naturais, instituído em 1908 por Pio Buck no Colégio Anchieta, Porto Alegre. Com base em práticas recentes de registro fotográfico sistemático do acervo, o texto discutirá os fundamentos da documentação museológica por meio da fotografia, seus impactos na preservação, acessibilidade e pesquisa, e os desafios contemporâneos de integração entre educação, ciência e tecnologia.

O Museu Anchieta de Ciências Naturais está entre os mais antigos museus escolares do Brasil, com papel destacado na história da educação e da museologia nacional (WITT, 2016; CIOATO, 2021). Vinculado ao Colégio Anchieta, mantido pela Companhia de Jesus em Porto Alegre, o museu nasceu no contexto da difusão do ensino das Ciências Naturais com base no Método Intuitivo e na proposta pedagógica inaciana, integrando prática educativa e produção científica. Desde sua origem, o museu reuniu coleções didáticas e espécimes naturais como modelos de representação do mundo físico e biológico.

O Museu Anchieta de Ciências Naturais teve origem no âmbito do projeto educativo dos colégios jesuítas, cuja tradição de ensino das Ciências Naturais remonta ao período colonial. Em 1908, Pio Buck inicia a constituição de um museu escolar que articula a coleta, o estudo e a exposição de exemplares naturais, com fins pedagógicos e científicos. A atuação posterior de outros jesuítas reforçou o caráter investigativo da instituição, consolidando-a como pólo de produção de conhecimento sobre a biodiversidade brasileira (WITT, 2016; CIOATO, 2021).

O museu abriga atualmente um acervo diversificado: entomologia (cerca de 130 mil exemplares), ictiologia (12 mil), paleontologia (1.245 lotes), botânica (716 exsiccatas), herpetologia (596 exemplares), ornitologia (471) e mastozoologia (230). Também conta com coleções de aracnologia, malacologia, mineralogia, arqueologia e etnografia, diversidade que reflete a atuação ampla da instituição, que integra ensino, pesquisa e extensão.

Este artigo centra-se na documentação museológica como eixo importante da gestão do acervo e na recente iniciativa do Museu Anchieta de criar um banco de imagens digital de

seus itens tombados. O objetivo geral do texto é contextualizar teoricamente os processos

documentais e discutir os impactos dessa prática sobre a preservação e a difusão do acervo. A metodologia que adotamos é a apresentação de um estudo de caso.

A documentação museológica: fundamentos e funções

Como destaca Dominguez (2010), o trabalho museológico se relaciona à documentação do acervo. A documentação em museus refere-se ao conjunto de procedimentos voltados ao tratamento da informação relacionada às coleções, abrangendo todas as etapas, desde o momento em que o objeto ingressa na instituição até sua eventual exibição. Sua função é estruturar e operar um sistema capaz de suprir as necessidades informacionais dos diferentes públicos atendidos pelo museu (YASSUDA, 2009). Nesse contexto, a documentação museológica assume um papel central na gestão museal, envolvendo atividades como registro, armazenamento, organização, tratamento, disseminação e recuperação da informação. Para Yassuda (2009), por lidar com documentos enquanto expressões da atividade humana, esse processo também atua como ferramenta de preservação e comunicação da memória social, além de subsidiar a produção de conhecimento científico.

Isso, no nexo de que o museu é

[...] é uma instituição colecionadora que organiza suas coleções conforme a natureza e a finalidade específica a que se destinam, e que tem por objetivo fundamental realizar ações de salvaguarda, pesquisa e comunicação de bens culturais materiais e imateriais que integram seu acervo (PADILHA, 2017, p. 17).

Baptista e Silva (2021) são autores que enfatizam o papel das instituições patrimoniais como fontes primárias de informação, e a documentação como instrumento de mediação entre suportes e usuários. Nesta direção, a documentação permite a constituição de instrumentos de acesso à informação (inventários, catálogos, bases de dados) e posiciona o museólogo como mediador entre acervo e público por meio da informação contida nos objetos e destacada neste instrumento de gestão.

Neste contexto, a documentação museológica por meio da fotografia é um instrumento auxiliar da documentação museológica tradicional, incidindo no sentido de prover mais contexto e maior detalhamento acerca dos objetos a partir de seu registro fotográfico. A documentação por meio da imagem, mesmo que útil, não substitui a documentação tradicional, sendo um meio de ampliação do potencial de coleta, registro e armazenamento de

informações sobre os itens de um acervo.

Resultados

A documentação fotográfica no Museu Anchieta segue um protocolo e tem objetivos. É realizada por um voluntário com experiência em fotografia e supervisionado por uma museóloga. O processo recente de documentação fotográfica no Museu Anchieta consiste na criação de um banco de imagens dos itens tombados. O procedimento inclui: (a) a tomada de registros fotográficos com identificação numérica (número de tombo); (b) registro fotográfico de vistas ventral, dorsal e laterais dos espécimes; e (c) geração de imagens de detalhes anatômicos relevantes dos objetos.

Até o momento, foram produzidas mais de 2 mil imagens, cobrindo aproximadamente 450 exemplares, com média de quatro fotos por item. Os conjuntos documentados pertencem às coleções de Mastozoologia e Ornitologia, principalmente, incluindo esqueletos e animais taxidermizados.

Figura 1 - Montagem que demonstra as fotos tiradas para cada exemplar. De cima para baixo, da esquerda para a direita: número de registro; vista dorsal; vista lateral, vista ventral; e detalhe.



Fonte: os autores (2025)

O trabalho realizado na geração das imagens incide sobre a) preservação dos itens do acervo, uma vez que a documentação fotográfica permite monitorar o estado de conservação dos itens e registrar intervenções. A comparação entre imagens sucessivas a serem feitas no futuro pode ajudar a detectar danos ou degradação; b) a acessibilidade, já disponibilização digital dos registros amplia o acesso remoto ao acervo, atendendo pesquisadores, professores

e estudantes, e favorecendo a inclusão de públicos diversos no acesso ao material disponível;
c) a pesquisa, no sentido de que a documentação qualificada facilita a identificação

taxonômica, a análise comparativa entre espécimes e a possível integração com outras bases de dados, como repositórios científicos e redes de coleções biológicas; e d) educação e comunicação, pois as imagens servem como recurso potencial para exposições virtuais, implementação em materiais didáticos e de divulgação científica por meio de redes sociais, ampliando o alcance da missão educativa do museu.

Figura 2 - Esquema que demonstra o espaço de trabalho da tomada das fotos. A imagem destaca ofundo neutro e a luz dedicada na cen



Fonte: os autores (2025)

Considerações Finais

A experiência do Museu Anchieta insere-se na história dos museus escolares, que emergem entre os séculos XIX e XX como espaços de ensino de ciências com acervos didáticos e coleções naturalistas. Esses museus nasceram da necessidade de criar ambientes educativos que permitissem o ensino prático das ciências naturais, respondendo às demandas pedagógicas de uma época em que o método experimental e a observação direta ganhavam destaque na educação. Ao lado de seu papel pedagógico, essas instituições também realizam pesquisa, produzindo conhecimento e conectando-se a redes nacionais e internacionais. Essa dupla função - educativa e científica - conferiu aos museus escolares uma posição singular no cenário educacional, estabelecendo-os como pontos de convergência entre a educação formal e a produção científica, onde estudantes e pesquisadores podiam interagir com espécimes e materiais que ilustravam conceitos teóricos de forma tangível.

A documentação museológica, nesse contexto, funciona como ponte entre o passado e o futuro, garantindo que o patrimônio científico e cultural acumulado ao longo dos anos seja

preservado e transmitido às novas gerações. O desenvolvimento de um protocolo de documentação fotográfica no Museu Anchieta de Ciências Naturais revela uma prática

alinhada às exigências contemporâneas de preservação, difusão e pesquisa. Esta abordagem sistemática não apenas protege fisicamente os objetos através do registro visual, mas também democratiza o acesso ao acervo, permitindo que pesquisadores e educadores de diferentes localidades possam estudar e utilizar esses materiais sem necessariamente manipular os originais.

A sistematização das informações sobre o acervo reforça a vocação educativa do museu e valoriza sua história centenária, criando um banco de dados que serve tanto para a gestão interna quanto para a comunicação com o público externo. A documentação museológica, ao integrar imagem, descrição e contexto, transforma objetos em fontes acessíveis de produção de conhecimento, estabelecendo um diálogo constante entre o material preservado e as demandas científicas e educacionais contemporâneas.

REFERÊNCIAS

CIOATO, Alana. “L'enseignement par les Yeux”: uma coleção de quadros parietais no Museu Anchieta de Ciências Naturais (Porto Alegre, RS), 2021, 400f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 2021. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/URGS_b05be048f55e14fb8a894285a223fe69. Acesso em: 29 jun. 2025.

BAPTISTA, António; SILVA, Carlos Guardado da. Organization and Representation of Musical Information (ORMI) in Portugal: a literature review. Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra, v. 34, n. 2, p. 11-26, 2021. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/boletimauc/article/view/10159>. Acesso em: 29 jun. 2025.

DOMÍNGUEZ, Inés María Belén. Alcances, significados y prácticas de investigación en el Museo Jesuítico Nacional de Jesús María: la Colección de Documentos Antiguos. Revista Electrónica de Fuentes y Archivos:(REFA), n. 1, p. 61-72, 2010. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=10033457>. Acesso em: 29 jun. 2025.

PADILHA, R. C. Documentação museológica e gestão de acervo. Florianópolis: FCC, 2014a. 71 p. (Coleção Estudos Museológicos; v. 2.). Disponível em: http://professor.ufop.br/sites/default/files/mas/files/padilha_documentacao_museologica_1.pdf. Acesso em: 29 jun. 2025.

WITT, Nara. Uma “Joia” no Sul do Brasil: O Museu de História Natural do Colégio Anchieta, criado em 1908 (Porto Alegre/RS). Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/151642>. Acesso em: 29 jun. 2025.

YASSUDA, Silvia Nathaly. Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista. 2009. 123 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/0f954290-21c1-4089-9ba0-eeae90f78646/content>. Acesso em: 29 jun. 2025.



GT 2
*Gestão de Risco: prevenção,
conservação e plano de emergência*



Mapeamento Regional de museus afetados pelas enchentes de maio/2024 do Rio Grande do Sul

Márcia Regina Bertotto

Doutora em Museologia; Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
marcia.bertotto@ufrgs.br

Dorian Canello Padilha

Graduando em Museologia; Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
doriancanello@gmail.com

Klara Maciel Albarenque

Graduanda em Museologia; Universidade Federal do Rio Grande do Sul
klara22alba@gmail.com

Resumo: O presente projeto de extensão visou mapear os impactos da enchente de maio de 2024 nos museus do Rio Grande do Sul, localizados nas 1^a, 2^a e 5^a Regiões Museológicas cadastrados no Sistema Estadual de Museus (SEM/RS) e no sistema de cadastro Museus BR. Os principais referenciais foram os conceitos de patrimônio (Gonçalves, 2009) e gestão e avaliação de museus (Cândido, 2013). A metodologia consistiu na sobreposição da mancha de inundação às áreas afetadas, abrangendo 245 municípios. Utilizou fontes documentais e bibliográficas para a coleta de informações online sobre os acervos, a infraestrutura, a presença de planos museológicos e a atuação de museólogos(as) em cada um dos museus. A análise quali-quantitativa revelou a falta de preparo das instituições no que se refere a desastres naturais, como o caso das enchentes, e a carência de recursos e profissionais qualificados. Considera-se a necessidade urgente de políticas de gestão e implementação de estratégias de prevenção de riscos.

Palavras-chave: Museus. Enchentes RS. Gestão de Riscos. Sistema Estadual de Museus/RS.

Abstract: This extension project aimed to map the impacts of the May 2024 flood on museums in Rio Grande do Sul, located in the 1st, 2nd and 5th Museum Regions registered in the State Museum System (SEM/RS) and in the Museus BR registration system. The main references were the concepts of heritage (Gonçalves, 2009) and museum management and evaluation (Cândido, 2013). The methodology consisted of superimposing the flood area on the affected areas, covering 245 municipalities. Online information (documentary and bibliographic sources) was collected about the collections, infrastructure, the presence of museological plans and the work of museologists. The quantitative and qualitative analysis revealed the lack of preparation of institutions regarding natural disasters, such as floods, and

the lack of resources and qualified professionals. The final considerations indicate the urgent need for management policies, training and implementation of risk management strategies.

Keywords: Museums. Floods. Risk Management. Sistema Estadual de Museus/RS.

Introdução

O aumento dos desastres naturais no Brasil tem sido impulsionado pelo crescimento urbano acelerado e desordenado. Em 2024, a Confederação Nacional de Municípios (CNM) destacou que 93% dos municípios brasileiros já foram atingidos por algum desastre natural, sendo as inundações, enxurradas e alagamentos os principais eventos registrados na última década, (MARENGO et al., 2024). No Rio Grande do Sul, esse cenário se repete, sendo um dos estados que sofre anualmente com desastres referentes a inundações e alagamentos. Contudo, em maio de 2024, foi registrado o maior¹ desastre natural da história do estado, tendo atingido 478 municípios, sendo, portanto, um dos mais graves desastres já ocorridos no país (GOVBR, 2025). Além dos danos humanos e sociais, esses eventos trazem consigo perdas irreparáveis ao patrimônio cultural, exigindo uma reflexão sobre a vulnerabilidade da gestão de instituições museológicas diante de tais crises.

Nesse contexto, o curso de Museologia da UFRGS desenvolveu um projeto de extensão voltado ao mapeamento dos museus afetados pela enchente de 2024, localizados nas 1ª, 2ª e 5ª Regiões Museológicas, que estão cadastrados no Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul - SEM/RS e no cadastro Museus BR (plataforma mantida pelo Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM). A iniciativa buscou avaliar o nível de capacitação dessas instituições para enfrentar desastres naturais, além de analisar como elas utilizam suas redes sociais como ferramenta de comunicação com a comunidade local, ampliando ou limitando sua capacidade de resposta em situações críticas.

O objetivo geral contempla mapear os museus atingidos na enchente de Maio/2024, localizados nas 1ª, 2ª e 5ª regiões museológicas do estado do Rio Grande do Sul, além de analisar as práticas, políticas e ferramentas utilizadas pelos museus. Entre os objetivos

¹ Porto Alegre não havia sofrido uma enchente dessa magnitude há quase 60 anos; as últimas tinham sido em 1941 e 1967, em que o Lago Guaíba chegou a 4,75 metros e mais de 3 metros, respectivamente. Nos dois desastres climáticos, mais de 70 mil pessoas foram atingidas na Capital.

específicos da investigação, destacam-se: Traçar paralelo entre regiões atingidas e as regiões museológicas; Compreender o paralelo entre as ferramentas utilizadas pelos museus e o nível

de risco e danos sofridos pelos museus; e Analisar a comunicação dos museus com a comunidade através de suas redes sociais.

No âmbito metodológico, em vista de alcançar os objetivos propostos o projeto contou com três principais etapas, através do acompanhamento da mancha da enchente e dos museus localizados nos municípios afetados; através da busca online pelas plataformas oficiais de cadastro (SEM - RS e MuseusBr) e pelas redes sociais e plataformas institucionais.

Paralelo entre regiões atingidas e as museológicas

A partir da análise da mancha de inundação (POSSANTTI; MÜLLER; RUHOFF, 2024) foram mapeados 245 municípios atingidos, localizados nas 1^a, 2^a e 5^a regiões museológicas do estado. Com esta identificação inicial, realizou-se um recorte que resultou na seleção de 99 municípios que continham museus em atividade no estado.

Com base nessas informações, foi elaborada uma planilha no Microsoft Excel, visando sistematizar os dados disponibilizados nas plataformas indicadas, de forma a desenvolver um comparativo entre os dados obtidos. Esse processo buscou facilitar o gerenciamento de informações, assim como possibilitar uma visualização mais eficiente do cenário museológico das áreas afetadas. A partir do levantamento realizado, foram identificados 186 museus cadastrados na plataforma MuseusBR e 99 museus na base de dados do SEM/RS. Este primeiro cruzamento de dados nos possibilitou analisar as principais ferramentas e práticas políticas utilizadas pelas instituições museais, compreendendo, desta forma, como se organizam e se caracterizam nas regiões impactadas pela enchente.

Práticas, políticas e ferramentas

Na etapa referente às práticas, políticas e ferramentas se buscou analisar as formas de gerenciamento de informações utilizadas pelas instituições localizadas nas regiões

museológicas citadas anteriormente, compreendendo o nível de infraestrutura existente nesses espaços, de forma a analisar o nível de preparo frente a emergências.

A coleta de dados, para a compilação dessas informações, se fez por meio de pesquisas online a partir do levantamento de dados disponibilizados pelos museus em suas

fichas de cadastro nos sistemas de coleta citados anteriormente. A partir disso, as constatações mais relevantes foram:

1. No que diz respeito à presença de profissionais especializados na área da museologia nas equipes dessas instituições, a pesquisa revela que apenas 32 museus indicam haver museólogos (as), enquanto 135 museus não têm a presença de um (a) museólogo (a) na sua equipe, 54 não informaram sobre este quesito;
2. Quanto ao Plano Museológico, um instrumento essencial para a gestão da instituição, principalmente diante de possíveis cenários de risco, a pesquisa revelou que 153 museus declaram não possuir, em contrapartida apenas 52 afirmam ter um plano desenvolvido para sua instituição, além de 17 que não informaram esse dado;
3. No que diz respeito às políticas de descarte e aquisição de acervos, a pesquisa revela que 38 museus possuem política de aquisição; enquanto 45 não possuem, em contrapartida 25 museus possuem política de descarte, ao passo que 58 não possuem essa política e 102 museus não informaram sobre esse quesito;
4. A análise das ferramentas de catalogação e registros de acervo indicou diversas metodologias adotadas pelas instituições museológicas. Diante disso, a pesquisa revelou que 123 museus não informaram sua ferramenta de registro, 16 informaram que utilizam listagem digital, 27 fichas de catalogação, 23 livros de registro/tombo/inventário manuscrito e 12 informaram que utilizam software/sistema de catalogação informatizada.

Comunicação com a população

O processo de pesquisa da comunicação online das instituições museais com a comunidade do seu entorno foi realizado através de um mapeamento digital onde foram mapeados 92 museus com redes de comunicação, chegando a 49% dos museus encontrados.

Destes, a maior parte das redes são de instituições localizadas na 1ª região museológica, em especial na capital.

Para além disso, a pesquisa revelou que, a partir da divulgação nas redes de comunicação se evidenciou que, ao todo, cinco museus foram muito afetados pelas enchentes, oito foram afetados de forma menos intensa e 79 museus não foram atingidos.

Cabe destacar que 53 museus possuíam postagens atualizadas de há um mês da realização do projeto de extensão, enquanto seis museus tinham postagens referentes ao último trimestre, cinco museus no último ano e 18 museus há mais de um ano.

Considerações finais

A pesquisa evidenciou a fragilidade estrutural dos museus atingidos pela enchente, revelando um cenário crítico caracterizado, em grande parte, pela ausência de planos museológicos, pela carência de inventários sistematizados e pela insuficiência de profissionais especializados. A escassez de políticas institucionais de gestão e de registro patrimonial compromete significativamente os processos de recuperação dos acervos afetados, tornando essas instituições especialmente vulneráveis diante de desastres naturais.

Observou-se, ainda, que os museus que contaram com maior respaldo e mobilização da comunidade local no contexto da enchente foram aqueles que mantinham uma atuação mais ativa em suas redes sociais, o que evidencia a importância estratégica da comunicação digital na articulação com o público e na construção de redes de apoio. Além disso, destaca-se que os museus pertencentes à 1ª Região Museológica apresentaram maior presença e engajamento digital, o que pode ser atribuído, em parte, à sua localização geográfica mais próxima à capital do estado, onde há maior acesso à infraestrutura tecnológica e a redes institucionais.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS E SANEAMENTO BÁSICO (ANA). Estudo aponta que enchentes de 2024 foram maior desastre natural da história do RS e sugere caminhos para futuro com eventos extremos mais frequentes. Portal Gov.br, Brasília, 30 abr. 2025. Disponível em: <https://11nk.dev/mGHV0>. Acesso em: 23 jun. 2025.

BRASIL. Plataforma MuseusBR. Disponível em: <https://cadastro.museus.gov.br/>. Acesso em: 23 jun. 2025.

CANDIDO, Manuelina Maria Duarte. Gestão de Museus, um Desafio Contemporâneo: Diagnóstico Museológico e Planejamento. 1.a ed. Porto Alegre: Mediatriz, 2013;

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In.: CHAGAS, Mario e ABREU, Regina. (orgs). Rio de Janeiro, Lamparina, 2009 2 edição

MARENGO, José A. D. et al. O maior desastre climático do Brasil: chuvas e inundações no estado do Rio Grande do Sul em abril-maio 2024. Estudos Avançados (Online), São Paulo, v. 38, n. 112, p. 202–227, set.–dez. 2024. DOI: 10.1590/s0103-4014.202438112.012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/LyHVHKhzm67CwpvcWPKPwTm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 jun. 2025.

POSSANTTI, MÜLLER, J.; RUHOFF, A. (Editores.). (2024). Cheias no Rio Grande do Sul - Base de dados e informações geográficas na Região Hidrográfica do Lago Guaíba e na Lagoa dos Patos em 2024. UFRGS. Disponível em: <https://storymaps.arcgis.com/stories/a81d69f4bccf42989609e3fe64d8ef48>. Acesso em: 23 jun. 2025.

RIO GRANDE DO SUL. Sistema Estadual de Museus. Disponível em: <https://cultura.rs.gov.br/sistema-estadual-de-museus>. Acesso em: 23 jun. 2025

Os desafios do Museu Gruppelli, Pelotas/RS, frente aos eventos climáticos

Arthur Coelho Stefanello

Estudante de Bacharelado em Museologia/Universidade Federal de Pelotas
arthurstefaneello@gmail.com

Maurício André Maschke Pinheiro

Mestrando em Memória Social e Patrimônio Cultural/Universidade Federal de Pelotas
mauriciopinheiro685@gmail.com

José Paulo Siefert Brahm

Professor de Bacharelado em Museologia/Universidade Federal de Pelotas
josepaulobrahm@gmail.com

Resumo: O Museu Gruppelli, localizado na região rural de Pelotas/RS, desempenha um papel fundamental na preservação do patrimônio rural da comunidade local. No entanto, nos últimos anos, as enchentes recorrentes têm representado um grande desafio para a manutenção do acervo e da estrutura do museu. Episódios como as enchentes de 2016 e as mais recentes (em 2024), que atingiram a região com severidade, evidenciam a vulnerabilidade do espaço diante das severas mudanças climáticas. As enchentes mais recentes trouxeram desafios ainda maiores, com alagamentos que ameaçaram a integridade do acervo e causaram danos estruturais ao prédio. Para enfrentar esses desafios, diversas iniciativas têm sido planejadas e implementadas. Uma das principais ações é a contenção da água e o reforço da cobertura do museu, essenciais para minimizar os impactos das condições climáticas adversas. A colaboração da comunidade e o apoio de instituições como da UFPel, por meio do Projeto de Extensão Revitalização do Museu Gruppelli também são fundamentais para a continuidade do museu diante desses desafios. A mobilização para captação de recursos e a conscientização sobre a importância da preservação patrimonial são aspectos-chave para garantir a sustentabilidade do Museu Gruppelli.

Palavras-chave: Patrimônio Rural. Museu. Clima.

Abstract: The Gruppelli Museum, located in the rural region of Pelotas/RS, plays a fundamental role in preserving the rural heritage of the local community. However, in recent years, recurring floods have represented a major challenge for the maintenance of the museum's collection and structure. Episodes such as the 2016 floods and the most recent ones (in 2024), which severely affected the region, highlight the vulnerability of the space to severe climate change. The most recent floods brought even greater challenges, with flooding that threatened the integrity of the collection and caused structural damage to the building. To address these challenges, several initiatives have been planned and implemented. One of the

main actions is the containment of water and the reinforcement of the museum's roof, essential to minimize the impacts of adverse weather conditions. The collaboration of the community and the support of institutions such as UFPel, through the Gruppelli Museum Revitalization Extension Project, are also essential for the museum's continuity in the face of these challenges. Mobilizing fundraising and raising awareness about the importance of heritage preservation are key aspects to ensuring the sustainability of the Gruppelli Museum.

Keywords: Rural heritage. Museum. Climate.

Apresentação

O Museu Gruppelli, situado na zona rural de Pelotas/RS, no que se denomina Colônia Municipal, Sétimo Distrito, representa um caso emblemático desses desafios. Fundado por moradores locais e com forte participação comunitária, o museu atua como espaço de memória e identidade regional. Embora enchentes já tivessem ocorrido em anos anteriores, foi após a histórica enchente de 2016 que o Museu Gruppelli sofreu danos significativos, que a comunidade e os gestores começaram a realmente se atentar para os riscos recorrentes dessa situação.

A enchente não apenas destruiu grande parte da documentação do museu, como também expôs a vulnerabilidade de acervos culturais e a necessidade urgente de se repensar a infraestrutura e a gestão de patrimônio em regiões propensas a desastres naturais. Esses eventos serviram como um alerta para a importância de estratégias de preservação e adaptação, levando à adoção de novas medidas de proteção e à conscientização da comunidade sobre os impactos das mudanças climáticas na preservação do patrimônio cultural. A partir dessa experiência, a questão da resiliência diante das mudanças climáticas passou a ser central nas discussões sobre o futuro do museu e de outros espaços culturais locais.

Para investigarmos o patrimônio rural e dar conta dos objetivos do trabalho, utilizaremos uma abordagem de pesquisa exploratória, conforme definição de Gil (2007), visando a uma maior familiaridade com o problema e permitindo a consideração de variados aspectos.

Como coleta de dados fizemos usos de entrevistas com moradores locais. As entrevistas foram conduzidas no próprio museu, utilizando gravações em áudio. A escolha de realizar as entrevistas nos museus visa aproveitar o ambiente para enriquecer a coleta de dados, conforme Motta (2015) sugere, permitindo que os bens patrimonializados e musealizados comuniquem-se com a sociedade através do tempo e das especificidades sociais.

Ao discutir o caso do Museu Gruppelli, esta pesquisa pretende contribuir para o debate sobre a resiliência do patrimônio cultural em áreas rurais, enfatizando a importância do envolvimento comunitário e da formulação de políticas públicas voltadas à proteção desses espaços de memória diante das transformações ambientais inevitáveis em curso.

A enchente de 2016

No ano de 2016, a região rural de Pelotas foi severamente afetada por uma enchente que marcou profundamente a memória das comunidades locais. O excesso de chuvas, a elevação abrupta do nível dos córregos e a dificuldade de escoamento das águas revelaram, mais uma vez, a vulnerabilidade dos territórios rurais diante dos eventos extremos associados às mudanças climáticas. Dentre os inúmeros prejuízos causados, destaca-se o impacto direto sobre o Museu Gruppelli, espaço comunitário dedicado à preservação da história e da cultura da Colônia Municipal. Na tarde do dia 26 de março de 2016, a comunidade do Sétimo Distrito de Pelotas vivenciou um dos episódios mais marcantes de sua história recente. Em menos de uma hora, o arroio Quilombo, próximo ao museu, transbordou de forma abrupta e o que se viu foi uma enchente súbita, sem tempo para reação ou retirada de objetos, que atingiu diretamente o prédio do museu e toda a área ao seu redor.

Segundo seu Ari Bunde (2016): “foi a maior enchente que eu vi em todos esses anos.” Nesta enchente o museu sofreu grande danos, perdendo inclusive objetos do acervo, como, por exemplo, o amado tacho de cobre e a cadeira marrom que ficava no cenário da barbearia. Destacamos que foram realizados dois mutirões de salvamento do acervo da instituição. Essas ações contaram com a participação de alunos e professores dos Cursos de Bacharelado em Museologia e Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). As tentativas de salvar o acervo do Museu contaram com a importante

participação das professoras dos mencionados cursos, Silvana de Fatima Bojanoski, Francisca Michelin e do professor Diego Lemos Ribeiro, à época coordenador do Projeto de Extensão Revitalização do Museu Gruppelli da UFPel. Diante das dificuldades enfrentadas para preservar os objetos históricos que ainda permaneciam no espaço, eles assumiram o papel de orientar a equipe responsável por ajudar no processo de salvamento do acervo do espaço museal, através de seus conhecimentos e experiências.

As enchentes de 2023 e 2024: mudanças climáticas, patrimônio rural e resistência comunitária

Os anos de 2023 e 2024 ficaram marcados por uma sequência de enchentes devastadoras no Rio Grande do Sul, que trouxeram não apenas perdas materiais, mas também deixaram cicatrizes profundas na memória coletiva de muitas comunidades. Essas enchentes, cada vez mais frequentes e intensas, escancaram os efeitos das mudanças climáticas sobre os territórios, especialmente nas áreas rurais e em locais onde resistem práticas culturais e patrimoniais. Os impactos das enchentes de 2023 e 2024 ultrapassaram novamente os limites físicos do Museu Gruppelli. Novamente o museu foi invadido pelas águas, comprometendo a conservação dos objetos do acervo. Somente nesse período o museu sofreu com mais de 6 enchentes. Além do museu, toda a dinâmica comunitária ao seu redor também foi afetada, evidenciando o quanto a memória, o patrimônio e o modo de vida rural estão interligados. Um exemplo claro disso foi o prejuízo sofrido pela Casa Gruppelli, espaço que abriga um restaurante, um armazém com produtos coloniais e uma área voltada para o turismo e a venda de itens produzidos por moradores da região, que fica ao lado do Museu Gruppelli. Com a inundação, o funcionamento do restaurante precisou ser interrompido por dias, e muitos produtos do armazém foram perdidos. É importante destacar, que esses danos não se limitam ao plano material. Eles afetam o emocional e o cotidiano das pessoas.

Conclusão

Diante do cenário crescente das mudanças climáticas, torna-se urgente refletir sobre seus impactos não apenas no meio ambiente, mas também sobre os bens culturais localizados em áreas rurais. O Museu Gruppelli, em Pelotas/RS, é um exemplo emblemático de como o

patrimônio rural está exposto a riscos que vão desde enchentes até alterações nos modos de vida locais, afetando diretamente a salvaguarda de memórias, objetos e práticas culturais.

O Museu Gruppelli implementou estratégias adaptativas, incluindo o reforço da cobertura do museu, digitalização dos acervos, criação de documentação digital e mobilização comunitária para preservar a história local. Foi elaborada uma lista de objetos prioritários para que a comunidade ajudasse no resgate em caso de novas enchentes, garantindo a preservação do patrimônio histórico e cultural. A mobilização comunitária é essencial para coordenar as ações de proteção e recuperação dos artefatos importantes do museu. Os objetos que estavam em contato direto com a superfície, foram colocados em suportes fixados em paredes ou colocados em cima de outros suportes, uma escada foi construída estrategicamente para auxiliar na realocação dos objetos para o andar superior. A comunidade por sua vez, montou um dique de pedra de um quilometro e meio para ajudar a conter, desviar ou levar a água com menor força para suas casas e para o museu. Assim, conclui-se que o enfrentamento às mudanças climáticas, no contexto do patrimônio rural, demanda uma abordagem integrada, que considere os saberes locais, a participação da comunidade e o conhecimento científico. Hoje o Museu Gruppelli é um símbolo de resistência e resiliência que luta arduamente na preservação e difusão das memórias, identidades e emoções locais.

REFERÊNCIAS

BUNDE, Ari. Entrevista em 16 de abr. de 2016.

DOMINGUES, João Pedro. Entrevista em 16 de maio de 2025.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projeto de pesquisa. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GRUPPELLI, Paulo Ricardo. Entrevista em 24 jun. de 2016.

GRUPPELLI, Paulo Ricardo. Entrevista em 16 de mai. de 2025.

Salvamento do Acervo de Muçum: ações do Museu de História Julio de Castilhos

Alice Braz Gallina

Graduanda em Museologia; Universidade Federal do Rio Grande do Sul
alicebraz.sp@gmail.com

Doris Rosangela Freitas do Couto

Mestra em Museologia e Patrimônio; Museu de História Julio de Castilhos;
doris.couto@hotmail.com

Natália Papp Andrade

Graduanda em Museologia; Universidade Federal do Rio Grande do Sul
nataliapapp73@gmail.com

Resumo: Este artigo descreve a metodologia adotada pelo Museu de História Julio de Castilhos (MHJC) para o salvamento emergencial do acervo do Museu Municipal Padre Lucchino Viero, localizado na cidade de Muçum (RS), atingido pela inundação de setembro de 2023. Por meio de cooperação técnica entre a Secretaria da Cultura do Estado e a Prefeitura de Muçum, 162 itens foram transferidos para o MHJC, em Porto Alegre, para sua higienização e estabilização. Ao longo de 2024, foram realizados procedimentos de conservação e reconstituição da documentação museológica. Em dezembro do mesmo ano, os bens culturais foram restituídos à instituição de origem.

Palavras-chave: Museu de Muçum; Museu de História Julio de Castilhos; salvamento de acervos museológicos; conservação ; documentação.

Abstract: This article describes the methodology adopted by the Julio de Castilhos History Museum (MHJC) for the emergency rescue of the collection of the Padre Lucchino Viero Municipal Museum, located in the city of Muçum (RS), which was hit by the flood in September 2023. Through a technical cooperation between the State Department of Culture and Muçum City Hall, 162 items were transferred to the MHJC in Porto Alegre for cleaning and stabilization. Throughout 2024, conservation and reconstitution procedures were carried out on the museum documentation. In December of the same year, the cultural assets were returned to their institution of origin.

Keywords: Museum of Muçum; Julio de Castilhos History Museum; rescue of museum collections; conservation; documentation.

Introdução

O presente artigo consiste em um relato de caso acerca do salvamento do acervo

museológico da cidade de Muçum-RS. Ao que se tem notícias, é a primeira vez no Rio Grande do Sul que um acervo museológico foi adotado por outra instituição com vistas a prover seu salvamento em uma situação de emergência. Isso se deu especialmente porque era inviável fazer o trabalho na cidade que foi devastada e não possuía nenhum material necessário ou equipes locais para o trabalho delicado que se fazia necessário. A partir do acordo entre Prefeitura e SEDAC/RS, a equipe do Museu de História Julio de Castilhos entrou em cena com o apoio de sua Associação de Amigos na aquisição de insumos e trabalhou com o acervo retirando-lhe a lama remanescente, estabilizando e documentando cada peça. Por fim, criou uma exposição nucleada para reinstalar o Museu.

O Resgate

Em setembro de 2023, um ciclone extratropical atingiu o estado do Rio Grande do Sul, provocando um aumento excepcional no volume de chuvas e, consequentemente, a elevação drástica dos corpos d'água na região. O município de Muçum foi um dos mais severamente impactados, atingido por uma cheia repentina do Rio Taquari, que ultrapassou a marca dos 21,79 metros de altura (SCHAFFNER, 2023). Entre os edifícios afetados estava a Casa de Cultura, sede do Museu Municipal Padre Lucchino Viero — também conhecido como Museu de Muçum. O acervo da instituição foi coberto por água e lama e a totalidade de sua documentação museológica foi perdida.

Após os esforços de assistência aos moradores, iniciou-se a tentativa de salvamento dos patrimônios da região. Os primeiros voluntários que chegaram ao Museu descartaram itens considerados irrecuperáveis, pelo seu ponto de vista leigo. Para auxílio do museu municipal, foi firmada uma cooperação técnica entre a Secretaria da Cultura do Rio Grande do Sul (SEDAC/RS) e a Prefeitura de Muçum, com o apoio técnico-museológico do Museu de História Julio de Castilhos e da Fundação Scheffel. Sob supervisão da diretora do MHJC e museóloga Doris Couto, foi feita uma primeira higienização dos objetos na sede do Museu de Muçum, apesar das condições insalubres do lugar.

Em 22 de fevereiro de 2024, 162 itens de acervo foram entregues ao Museu de História Julio de Castilhos, em Porto Alegre. Foram realizadas coletas de amostra para

análise laboratorial e objetos em metal foram submergidos separadamente em água deionizada com intuito de separar a lama, ferrugem solta e sais.

Os objetos de Muçum foram recuperados, mas não suas informações. Perderam-se suas numerações, descrições, históricos de uso e dados dos doadores: sua documentação como um todo. A primeira etapa de organização e pesquisa foi, portanto, uma listagem simplificada dos objetos em uma planilha digital, com um número para cada item, uma descrição curta da sua aparência e um estado de conservação resumido, buscando um reconhecimento inicial dos objetos. Nessa etapa, iniciaram-se paralelamente os trabalhos da turma de Museologia da UFRGS, da disciplina Práticas em Conservação Preventiva. Utilizando os dados da listagem, os alunos montaram um documento analisando o estado de conservação de cerca de 30 peças antes do seu tratamento.

Documentação e Higienização

Na planilha inicial de listagem do acervo, os números atribuídos às peças tornaram-se os Números de Registro. Foram montadas as Fichas Catalográficas de cada objeto. Após uma análise dos objetos e suas funcionalidades, eles foram divididos em 13 coleções: Armaria (Am); Artefatos Religiosos (Ar); Bibliografia (Bb); Etnologia (Et); Iconografia (Ic); Indumentária (Id); Instrumentos musicais (Im); Instrumentos de trabalho (It); Maquinário (Mq); Objetos de uso doméstico (Od); Objetos de uso pessoal (Op); Objetos rurais (Or) e; Viaturas (Vt).

Figura 1- Montagem de momentos do trabalho com o acervo.



Fonte: Doris Couto, 2024.

Com a inclusão de um objeto a uma coleção, este ganhou um número de coleção próprio. A etiqueta do item adota o sistema alfanumérico tripartido, contendo em sequência o seu número de registro, seu número de coleção e o código reduzido da sua coleção.

Após a organização inicial do acervo, iniciou-se uma pesquisa mais aprofundada sobre cada item resgatado. Procurou-se levantar dados históricos sobre os fabricantes, e os modelos produzidos. No entanto, uma etapa fundamental não pôde ser realizada pela equipe do MHJC: a investigação in loco em Muçum, junto à comunidade local. Muitas informações contextuais relevantes, como formas de uso, proveniência ou significados atribuídos, são conhecidas apenas pelos habitantes que vivenciaram o uso desses objetos. Diante disso, reconhece-se a incompletude do processo de pesquisa, recomendando-se sua continuidade pela equipe do Museu Municipal Padre Lucchino Viero.

Não havia registros prévios sobre o estado de conservação do acervo antes da enchente de setembro de 2023. Constatou-se, após o desastre, que praticamente todos os itens apresentavam danos causados por umidade. Muitos objetos, especialmente aqueles com engrenagens, compartimentos ou reentrâncias, estavam cobertos por camadas espessas de lama seca.

A higienização foi conduzida pela equipe de Conservação do Museu de História Julio de Castilhos, coordenada pela museóloga Doris Couto, com o apoio de estagiários dos cursos de Museologia e História. O trabalho contou ainda com parcerias. O Centro Histórico-Cultural Santa Casa (CHC Santa Casa) promoveu o curso de Restauração e Conservação de Livros, ministrado pela conservadora-restauradora Vera Zugno, utilizando como base a coleção bibliográfica do acervo de Muçum. Além disso, a disciplina “Práticas em Conservação Preventiva” do curso de Museologia da UFRGS, sob orientação da professora Dra. Jeniffer Cuty, contribuiu com a higienização das peças analisadas para o dossiê da disciplina.

A primeira etapa de limpeza das peças consistiu na remoção da lama seca, utilizando trinchas, espátulas, detergente neutro, sabão de coco, vinagre de álcool, álcool etílico e/ou água deionizada, conforme a natureza dos materiais. Em alguns casos, foram feitas imersões em água deionizada. Peças com mecanismos internos ou circuitos não foram desmontadas para limpeza, a fim de evitar danos adicionais.

Na segunda etapa, realizou-se a recuperação física dos objetos, muitos dos quais apresentavam fragilidade estrutural, fragmentações ou processos ativos de deterioração. Os itens metálicos foram escovados, lixados, polidos e selados com querosene e vaselina, para retardar a oxidação e eliminar resíduos salinos. Em peças de madeira atacadas por pragas xilófagas, utilizou-se massa para madeira como recurso de estabilização. Couros rasgados foram costurados com linha apropriada, e peças em madeira ou couro receberam hidratação com cera de abelha ou óleo de amêndoas.

As poucas pinturas resgatadas (quatro a óleo e uma aquarela) passaram por limpeza cuidadosa com solução de álcool etílico 98% e água deionizada, aplicada com bastonetes de algodão, de modo a preservar as camadas pictóricas. Rasgos nas telas foram reparados pelo verso com papel japonês e adesivo CMC. Indumentárias foram lavadas com sabão de coco, secas à sombra e, quando possível, tiveram rasgos estabilizados com costura em linha de algodão.

O acervo documental apresentava intensa proliferação fúngica, tratada após a secagem com trinchas, e os resíduos de lama foram removidos com álcool. Dez volumes foram restaurados e reencadernados durante o curso oferecido pelo CHC Santa Casa. Já os objetos em vidro e plástico, por estarem em melhor estado, exigiram apenas limpeza com detergente neutro.

O trabalho realizado pelo Museu Julio de Castilhos teve como objetivo principal interromper os processos de degradação acelerados pela ação da água e da lama. Nenhuma peça passou por restauro na instituição, contudo, parte do acervo foi restaurada por profissionais voluntários articulados pela Fundação Scheffel, incluindo cinco máquinas de costura de couro, uma imagem sacra e cinco telas.

Considerações Finais

O primeiro aspecto a destacar é o compromisso com o patrimônio musealizado do Rio Grande do Sul que a adoção do acervo atingido representou. A memória coletiva resguardada no Museu Padre Luchino Viero não encontraria a atenção necessária, uma vez que houveram muitas mortes, pessoas desalojadas e o salvamento do acervo não se constitui, em casos como esses, em uma prioridade.

Para a equipe do MHJC foi um aprendizado e um imenso desafio lidar com um acervo desconhecido e com o apelo de ser um elo de memória de uma população muito sofrida, e portanto, uma grande responsabilidade, resultando no sentimento de dever cumprido.

REFERÊNCIAS

CANADÁ. Governo do Canadá. Departamento de Patrimônio Canadense. Canadian Conservation Institute. Disponível em: <https://www.canada.ca/en/conservation-institute.html>. Acesso em 14 abr. 2025.

SCHAFFNER, Fábio. Como a cheia do Rio Taquari subjugou uma cidade inteira, disseminando morte, caos e destruição. GZH. Porto Alegre, n.p out. 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br>. Acesso em: 01 maio 2025.



GT 3

***Pesquisa e formação no
campo Museológico***



A busca pela padronização da documentação museológica dos museus ferroviários

Cinara Isolde Koch Lewinski

Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural; Museu do Trem de São Leopoldo;
cinarakoch@gmail.com

Resumo: A comunicação tem como tema a padronização da documentação museológica e busca apresentar os resultados oriundos do TCC do curso de Museologia, sob a orientação da professora Ana Celina, que procurou averiguar semelhanças e diferenças na documentação museológica do acervo fotográfico de três museus ferroviários: Museu Ferroviário Regional de Bauru, Museu do Trem de São Leopoldo e Museu Ferroviário de Tubarão. O estudo interdisciplinar sustentado por referenciais teóricos da área da Museologia com a contribuição da Ciência da Informação utilizou a metodologia de pesquisa acadêmica, na qual optou-se pelo estudo de caso múltiplos. Para desenvolver o trabalho foram consultadas a documentação museológica das três instituições estudadas e foram feitas entrevistas com um questionário semiestruturado, dos quais averiguou-se um baixo índice de padronização entre o material investigado. Enfim, é necessário tratar sobre a importância de se ter a padronização da documentação museológica nos museus, que além de potencializar o valor patrimonial do objeto também serve como um sistema de recuperação de informação, capaz de transformar as coleções em fontes de informações e pesquisa científica.

Palavras-chave: Documentação museológica. Museus Ferroviários. Museu do Trem de São Leopoldo. Museu Ferroviário Regional de Bauru. Museu Ferroviário de Tubarão.

Abstract: The paper's theme is the standardization of museum documentation and seeks to present the results of the final project of the Museology course, under the guidance of Professor Ana Celina, which sought to ascertain similarities and differences in the museum documentation of the photographic collection of three railway museums: the Bauru Regional Railway Museum, the São Leopoldo Train Museum and the Tubarão Railway Museum. The interdisciplinary study, supported by theoretical references from the area of Museology with the contribution of Information Science, used the academic research methodology, in which the multiple case study was chosen. To develop the work, the museum documentation of the three institutions studied was consulted and interviews were conducted with a semi-structured questionnaire, from which a low standardization index was found among the material investigated. Finally, it is necessary to address the importance of having standardized museological documentation in museums, which, in

addition to enhancing the patrimonial value of the object, also serves as an information retrieval system, capable of transforming collections into sources of information and scientific research.

Keywords: Museum documentation. Railway Museums. Museu do Trem de São Leopoldo. Museu Ferroviário Regional de Bauru. Museu Ferroviário de Tubarão.

Trajetória dos museus ferroviários pesquisados

Esse trabalho apresenta um estudo de caso sobre a documentação concernente ao acervo fotográfico de três museus ferroviários: o Museu do Trem de São Leopoldo, o Museu Ferroviário Regional de Bauru e o Museu Ferroviário de Tubarão. O estudo surgiu a partir de pesquisas feitas no acervo fotográfico do Museu do Trem de São Leopoldo que possibilitaram a coleta de informações relevantes sobre a sua constituição que, conforme já se esperava, está atrelada com a trajetória da instituição.

O Museu do Trem de São Leopoldo foi inaugurado em 26 de novembro de 1976 através de um acordo entre a Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA) e o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. Em 1982, RFFSA retoma o Museu do Trem por meio do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico (Preserve) e reconstrói a centenária edificação que passa a abrigar o Centro de Preservação da História Ferroviária do Rio Grande do Sul. Entretanto, o Museu do Trem de São Leopoldo foi um dos vários museus ferroviários no Brasil administrados pelo Preserve, onde projetos museológicos foram executados entre a década de 1980 e início dos anos 1990, ou seja, antes do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) assumir a responsabilidade pela salvaguarda do acervo ferroviário.

No decorrer da trajetória anteriormente apresentada, o Museu do Trem de São Leopoldo recebeu por doação e principalmente por transferência pela RFFSA acervos tridimensionais e bidimensionais.

De acordo com o Inventário de bens móveis de valor histórico, artístico e cultural do Museu do Trem São Leopoldo-RS o acervo documental, o acervo tridimensional e o bibliográfico estavam arrolados e alguns catalogados, porém, o acervo fotográfico só foi

contabilizado parcialmente (BRASIL, 2008). Atualmente, a falta de documentação museológica de todo o acervo ainda não foi resolvida completamente. Os dados sobre o acervo fotográfico se resumem na estimativa de que existam oito mil fotografias aproximadamente e que versam geralmente sobre os atos comemorativos, estações, materiais rodantes e obras de arte da ferrovia.

Diante disso, iniciou-se uma pesquisa para elaborar produtos documentais para o acervo fotográfico do Museu do Trem pensando nele dentro de um contexto de museus ferroviários. Como não seria possível fazer um estudo comparativo com dezenas de museus ferroviários no Brasil, optou-se por estudar a organização de acervos fotográficos de dois museus ferroviários que possuem um perfil muito semelhante ao acervo estudado: o Museu Ferroviário Regional de Bauru e o Museu Ferroviário de Tubarão.

Com relação à pesquisa sobre o Museu Ferroviário Regional de Bauru levantou-se algumas informações, como a data da fundação do Museu que ocorreu no dia 26 de agosto de 1989 como uma instituição pública, sob a gestão do Preserfe, vinculada ao Departamento de Proteção ao Patrimônio Cultural da Secretaria Municipal de Cultura de Bauru. Entretanto, a história desta instituição iniciou anteriormente, com a publicação da Lei nº 1445, em 11 de julho de 1969, que funda o Museu Ferroviário de Bauru como uma entidade da Prefeitura Municipal de Bauru. Em 1986, a partir da Lei nº 2731, a nomenclatura da instituição museológica é modificada para Museu Ferroviário Regional de Bauru, o que destacou sua abrangência e importância regional.

Atualmente, o Museu Ferroviário Regional de Bauru possui acervos digitalizados: documentos, fotografias e vídeos divididos em 11 categorias. As categorias possuem um breve resumo histórico e as 4022 fotografias tem somente a denominação no ambiente digital. Em janeiro de 2022, a equipe do Museu Ferroviário Regional de Bauru iniciou um processo de catalogação e registro fotográfico de todo acervo ferroviário tridimensional que gerou um catálogo virtual.

Já o Museu Ferroviário de Tubarão, de acordo com os estudos feitos nas páginas de sites e das informações concedidas pela coordenadora instituição, foi criado em 1997 por iniciativa do médico José Warmuth Teixeira e de trabalhadores da antiga Rede Ferroviária Federal e da Ferrovia Tereza Cristina. O acervo do museu trata da história da abertura das

linhas férreas pela região sul – catarinense. A inauguração ocorreu em 1 de setembro de 1884 pelo Visconde de Barbacena e seus sócios ingleses que pretendiam ligar a Estação da Piedade (Tubarão) à localidade de Minas (atual Lauro Müller) (TUBARÃO, 2022). Atualmente, o Museu Ferroviário de Tubarão, administrado pela Sociedade dos Amigos da Locomotiva, possui um acervo de diversas tipologias, inclusive o acervo fotográfico, que conta a história da estrada de ferro desta região. Com relação ao documento fotográfico, a instituição reúne fotografias, slides, negativos como uma tipologia de acervo. Hoje em dia, o museu possui 175 fotografias catalogadas pertencentes a um único fundo JWT (José Warmuth Teixeira), portanto, é dado às fotografias um tratamento arquivístico. As fotografias deste fundo tratam sobre diversos assuntos relacionados a ferrovia (locomotivas, obras de arte, estações, superintendentes etc.). Todo esse material foi registrado a partir das normativas de catalogação dos acervos que constam em um documento. O museu também possui um catálogo, porém, no momento não disponibiliza o seu acervo na internet e, portanto, a consulta é predominantemente presencial.

Considerações Finais

A partir do diagnóstico da gestão documental do acervo fotográfico adotada pelo Museu do Trem de São Leopoldo, pelo Museu Ferroviário Regional de Bauru e pelo Museu Ferroviário de Tubarão constatou-se diferentes abordagens quando se trata de fazer a documentação museológica do acervo fotográfico e identificou-se baixo índice de ocorrência de metadados comuns na documentação museológica do acervo fotográfico adotada nas três instituições museológicas.

Da mesma forma, percebeu-se que existem metadados empregados pelos museus ferroviários para os acervos fotográficos que possuem denominações diversas, mas que são equivalentes no seu sentido. Também se observa a ausência de padronização dos descritores do acervo fotográfico, entre os quais se averigua pouca convergência, apesar de as fotografias terem temas semelhantes. Sabe-se que ações em prol do compartilhamento dos acervos em rede desafiam o modo de documentar nos museus e permitem um outro olhar para as formas tradicionais de acesso, recuperação, armazenamento e gestão da informação. Enfim, é

necessário debater sobre a documentação museológica dos museus ferroviários para que a informação sobre os seus acervos se torne mais acessível à sociedade e também para a promoção da sustentabilidade do patrimônio industrial.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério dos Transportes/ Rede Ferroviária Federal S.A. – Superintendência Regional de Porto Alegre. Centro de Preservação da História da Ferrovia no Rio Grande do Sul. 1. ed. Porto Alegre: Ed. Gráfica Metrópole, 1985.

BRASIL. Ministério dos Transportes. Inventariança da extinta Rede Ferroviária Federal S.A. –RFFSA. Inventário de bens móveis de valor histórico, artístico e cultural do Museu do Trem São Leopoldo-RS. Porto Alegre: Unidade Regional Porto Alegre, 2008.

CARDOSO, Alice; ZAMIN, Frinéia. Patrimônio ferroviário no Rio Grande do Sul. Inventário das estações: 1874-1959. Porto Alegre: Pallotti, 2002.

MUSEU FERROVIÁRIO REGIONAL DE BAURU. História do Museu Ferroviário Regional de Bauru, 2023. Disponível em: <https://sites.bauru.sp.gov.br/museuferroviario/historia.aspx>. Acesso em: 06/11/2023

MUSEU FERROVIÁRIO DE TUBARÃO. Museu Ferroviário de Tubarão, 2022. Disponível em: <https://turismo.tubarao.sc.gov.br/museu-ferroviario-de-tubarao/>. Acesso em: 04/11/2023.

Coleção Eliseo Duarte: memória e registro de um tempo ainda em construção

Márcia Severo Spadoni

Mestre em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Luterana do Brasil;
Graduanda em Museologia pela Universidade Federal do RS; Museu de Ciências
Naturais do RS, Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura do RS;
orevesp@hotmail.com.

Janine Oliveira Arruda

Doutora em Zoologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul;
Bióloga pela Universidade Federal de Minas Gerais; Museu de Ciências Naturais do
RS, Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura do Rio Grande do Sul;
arrudajo@gmail.com.

Resumo: Objetos de todas as tipologias, como conchas, estão associados ao prazer estético e à aquisição de conhecimentos, refletindo prestígio social e contribuindo para a construção da identidade de quem os possui. Eliseo Duarte (1896-1987), um uruguaio apaixonado por moluscos, correspondeu-se, entre as décadas de 1950 e 1970, com malacólogos e colecionadores de diversas partes do mundo. Entre as trocas de cartas havia também a de exemplares de moluscos, principalmente de conchas. Esta coleção foi adquirida pelo Museu de Ciências Naturais do Rio Grande do Sul em 1979. Inicialmente mobilizou significativos recursos humanos para sua catalogação e produção de divulgação científica. O trabalho de registro desse material na coleção de moluscos não foi concluído. Em 2025 se retomou o tombamento e aqui se reúne as informações sobre a coleção e seu status atual.

Palavras-chave: Eliseo Duarte. Colecionismo. Conchas. Moluscos.

Abstract: Objects of all kinds, such as shells, are associated with aesthetic pleasure and the acquisition of knowledge, reflecting social prestige and contributing to the construction of the identity of those who own them. Eliseo Duarte (1896-1987), an Uruguayan with a passion for molluscs, corresponded with malacologists and collectors from all over the world between the 1950s and 1970s. Among the letters exchanged was a collection of mollusc specimens, mainly shells. This collection was acquired by the Museum of Natural Sciences of Rio Grande do Sul in 1979. Initially, it mobilized significant human resources for its cataloguing and scientific dissemination. The work of recording this material in the mollusc collection was not completed. In 2025, the collection was taken over again and here is information on the collection and its current status.

Keywords: Eliseo Duarte. Collecting. Shells. Molluscs.

Introdução

Eliseo Duarte (1896-1987) foi um uruguaio apaixonado por conchas de moluscos, dedicando sua vida a elas. Durante décadas, se correspondeu com outros especialistas do mundo, formando uma coleção diversa e numerosa. Esse feito se deu a partir de uma rede colaborativa de estudiosos interessados pela Malacologia, ciência que estuda os moluscos. Devido à diversidade de espécies e sua relevância, o acervo foi adquirido, em 1980, pelo Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (MCN)¹.

Este trabalho visa reivindicar o direito à memória da coleção de Eliseo Duarte (ED), através do levantamento de informações sobre seu papel social na ciência, desde seu ingresso no MCN, até o momento presente. Com relação aos objetivos específicos, propõe-se inserir novos lotes ao acervo, revisar as informações contidas na etiqueta original e contribuir para o incremento do acervo científico do MCN.

Como metodologia, adotou-se o viés qualitativo fazendo uso de repositórios de pesquisa, plataformas digitais, sites, pesquisa bibliográfica e visita à Coleção Malacológica de ED.

Desenvolvimento

A partir do contato de Eliseo Duarte com José Castellanos, da *Sociedad Malacológica Carlos de La Torres* (Cuba), iniciou-se um intercâmbio de Eliseo com pesquisadores de vários países, o que aprimorou sua coleção (MENEZES; THOMÉ, 1985). Esta, por conta dos dados enviados pelos especialistas com quem Eliseo se correspondia, foi considerada uma coleção científica.

Desde a pré-história os humanos utilizam moluscos na sua dieta. Na Idade Média,

¹ Até 2017, o Museu de Ciências Naturais (Lei N° 2728, de 05/11/1955, pertencia à Fundação Zoobotânica do RS (Lei N° 6.497, de 20/12/1972). Com a extinção da Fundação (Lei 14.982, de 16/12/2017), o Museu passou a integrar a Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Infraestrutura.

as conchas eram usadas como amuletos, representadas em brasões e em pinturas, como no quadro “O nascimento de Vênus” de Botticelli (THOMÉ *et al.*, 2010). Atualmente, são utilizados tanto para fins comerciais quanto científicos, como na pesquisa e salvaguarda de coleções mantidas em museus e instituições de pesquisa.

Mesmo sem utilidade e fora do circuito comercial, as coleções são mantidas por colecionadores e por museus, a fim de preservar sua materialidade. As coleções de objetos naturais ou artificiais possuem valor de troca, pois satisfazem o “instinto de propriedade” de indivíduos que tem nos objetos uma fonte de deleite e de aquisição de conhecimentos, atestando uma posição social (POMIAN, 1984).

Esse foi o percurso traçado por Eliseo Duarte, que através de intercâmbios com especialistas da América do Sul, Ásia, Europa e Oceania, formou um acervo diverso e organizado. Os intercâmbios são movimentos que estabelecem relações de reciprocidade entre pessoas e instituições em prol da ciência. Lopes (2009) referiu que a troca de material biológico, o saber produzido sobre a biodiversidade era uma forma de estreitar laços, divulgar os acervos e trocar experiências. Por conta disso, Eliseo fez questão que sua coleção integrasse uma entidade científica quando a colocou à venda.

Em 1978, pesquisadores do MCN deslocaram-se ao Uruguai para analisar o material. A Coleção Malacológica de ED foi adquirida em 1979, através de um projeto proposto por José Willibaldo Thomé (1930-2016) ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Processo N° 40.3205/79), ingressando no acervo do MCN no ano seguinte (MENEZES; THOMÉ, 1985). Na ocasião foram liberados 32 mil dólares para custear a compra do acervo de Eliseo Duarte (SBMa, 1995).

A informatização da coleção se deu através do Banco de Dados do Ambiente Natural (BDA), Decreto N° 31.162, de 03/6/1983, ficando o MCN responsável pela sua implementação (THOMÉ, 1984). Segundo relato de funcionários que trabalharam na digitação dos dados, o BDA funcionou entre 1983 e 1990. Contudo, não foram localizados documentos referentes ao seu período de vigência, tampouco sobre a motivação do seu encerramento. Existe a impressão de que nunca existiu.

Segundo Gondar (2016), a memória é, ao mesmo tempo, acúmulo e perda, lembrança e esquecimento, exigindo um eterno recomeço. Isso implica em adotar uma

determinada perspectiva que terá implicações éticas e políticas. Qualquer que seja o viés adotado, demonstra uma escolha, “uma intencionalidade quanto ao porvir”. Dessa forma não existe neutralidade. Há uma seleção prévia, desde a conservação dos documentos e discursos até sua interpretação, definindo o que se quer lembrar.

Metodologia

O estudo é de natureza qualitativa (MINAYO, 2002) o qual utiliza-se de crenças, motivações e significados das relações humanas para compreender a realidade. A utilização de dados quantitativos complementa essa interpretação. Iniciou-se com uma fase exploratória, passando pelo trabalho em campo e finalizando com o tratamento dos materiais. De modo a compreender como a Coleção Malacológica de ED chegou ao MCN, foram feitas buscas na internet usando as seguintes palavras-chaves: Eliseo Duarte, malacologia, conchas e Uruguai.

Na sala de coleção dos moluscos no MCN foram localizados materiais que ainda não haviam sido incluídos no acervo, tendo sido cada lote tratado individualmente. A partir desse material, foi feita a inclusão de uma nova etiqueta com os dados atualizados do nome científico e família; a complementação dos dados de coleta - país, estado, município, localidade -, coordenadas geográficas, data de coleta, nome do coletor, número de exemplares no lote. Para a atualização taxonômica consultou-se as bases *MolluscaBase* (<https://www.molluscabase.org/>), *World Register of Marine Species* <https://www.marinespecies.org/> e bibliografia especializada. Para a complementação das informações da localidade, foi utilizada a plataforma *Google Maps* (maps.google.com).

Resultados e Discussão

A coleção de Eliseo Duarte chegou ao MCN em uma Kombi, tendo seu acervo sido acondicionado em 36 caixas. Na instituição recebeu oficialmente o nome de Coleção Malacológica Eliseo Duarte.

Quatro trabalhos científicos foram publicados sobre a coleção: MENEZES e THOMÉ (1985); PICORAL e THOMÉ (1987); PICORAL et al. (1989); LOPES et. al. (1991). Além desses há uma reportagem sobre a coleção no Informativo da Sociedade

Brasileira de Malacologia (SBMa) de 30 de setembro de 1995.

Há uma divergência sobre o número de lotes comprados, com publicações se referindo a 16.000 lotes (MENEZES; THOMÉ, 1985) e outro que mencionou serem mais de 20.000 lotes (SBMa, 1995).

O MCN já possuía uma coleção malacológica chamada José Willibaldo Thomé (JWT) e foram reservados, dentro da coleção pré-existente, lotes nas numerações de 10.001 até 30.000 para receber o acervo da Coleção ED. Logo, a coleção ED se encontra encerrada na coleção JWT.

Segundo SBMa (1995) tombados cerca de 15.000 lotes da coleção ED. Todavia, nos livros de registro da coleção há vários lotes com informações em branco. Além de que o último lote com dados preenchidos da coleção ED é o 19.989. Logo, teriam sido incluídos 9.988, e não 15.000. Não se sabe o porquê há informações em branco em vários lotes e nem a razão dessa discrepância entre o número de materiais registrados. Para saber o total de lotes já incluídos na coleção, bem como as informações faltantes nos livros tombos, terá de ser feita a conferência das informações das etiquetas, lote por lote, e os dados em branco deverão ser preenchidos nos livros tomo. Dessa maneira, se saberá a partir de qual número continuar o tombamento dos lotes na coleção Eliseo Duarte.

A retomada dos registros dos materiais não incluído na coleção ED ocorreu no primeiro semestre de 2025. Atualmente estão sendo trabalhados 20 lotes de quítos. Há inúmeros outros lotes desse grupo aguardando processamento, o que deverá ser feito nos meses subsequentes.

REFERÊNCIAS

GONDAR, Jô. Por que memória social? *In*: DOBEI, Vera; FARIAS, Francisco R. de; GONDAR, Jô (org.). *Revista Morpheus : estudos interdisciplinares em Memória Social: edição especial*, 1 ed. Rio de Janeiro: Híbrida, v. 9, n. 15, 2016.

INFORMATIVO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE MALACOLOGIA – SBMa. Porto Alegre, ano 27, n. 115, setembro de 1995. ISSN 0101-8189.

LOPES, Paulo Tadeu Campos; Raymundo, Marcia Moccellini; Fonseca, Álvaro Luís Müller da; Bervian, Giovana; Thomé, José Willibaldo. Nota preliminar sobre a coleção malacológica “Eliseo Duarte” IV. *Revista Brasileira de Zoologia*, São Paulo, v. 7, n. 1-2, 121-127, 1991.

LOPES, Maria Margaret Juergen Richard. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. 2 ed. São Paulo: Aderaldo & Rothchild; Brasília, DF: Ed. UnB, 2009.

MENEZES, José A. Barcelos de; Thomé, José Willibaldo. Nota preliminar sobre a coleção malacológica “Eliseo Duarte”. *Revista Brasileira de Zoologia*, São Paulo, v. 3, n. 1, 61-64, 1985.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21. ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 1994.

PICORAL, Mônica; Thomé, José Willibaldo. Nota preliminar sobre a coleção malacológica “Eliseo Duarte” II. *Revista Brasileira de Zoologia*, São Paulo, v. 3, n. 8, p. 563-566, 1987.

PICORAL, Mônica; Mallmann, Maria Tereza Osorio; Schneider, Valesca Inez; Thomé, José Willibaldo. Nota preliminar sobre a coleção malacológica “Eliseo Duarte” III. *Revista Brasileira de Zoologia*, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 577-582, outubro, 1989.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. *In*: *Enciclopédia Einaudi*. v.1 (Memória-História). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

THOMÉ, José Willibaldo. Banco de Dados do Ambiente Natural. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 36, n. 4, 689-692, 1984.

THOMÉ, José Willibaldo; Gil, Guacira; Bergonci, Paulo E. Aydos; Tarasconi, José Carlos. *As conchas de nossas praias*. 2a edição – revisada e ampliada. Porto Alegre: Editora Redes, 2010.

Narrativas em disputa: análise da concepção de projetos expográficos no sul do Brasil

Alahna Santos da Rosa

Museóloga

Mestre em Museologia e Patrimônio (UFRGS)

alahna.s@gmail.com

Julia Maciel Jaeger

Museóloga

Mestre em Museologia e Patrimônio (UFRGS)

juliamacieljaeger@gmail.com

Kimberly Terrany Alves Pires

Mestre em Museologia e Patrimônio (UFRGS)

kimterrany@gmail.com

Resumo: A exposição é o principal meio de comunicação dos museus, onde ocorre a interação entre o homem, o objeto e seus significados imateriais. Nos últimos anos, organizações sem vínculo direto com o campo museal também adotaram as exposições para legitimar suas histórias e divulgar seus valores. O processo de concepção de exposições, independentemente do tipo de organização que a promove, envolve diversas etapas e agentes que influenciam na seleção e disposição dos elementos do espaço, criando um discurso que legitima uma narrativa. Nesse cenário, a empresa de consultoria museológica Pantheon Patrimônio e Cultura atua como mediadora, criando projetos expográficos e gerenciando suas etapas e os agentes envolvidos em seu desenvolvimento. Desta forma, este estudo analisa dois projetos: o Projeto 1, realizado para um museu público municipal, patrocinado pela iniciativa privada via Lei de Incentivo, e o Projeto 2, criado para uma entidade privada, que financiou o projeto com verba própria. A metodologia combina referências da Museologia (Blanco, 1999; Cury, 2005) e da Comunicação Organizacional (Morás; Baldissera, 2023; Griffin, 1987) para analisar o processo de concepção desses projetos. O objetivo é apresentar a metodologia da Pantheon na criação de exposições e analisá-la à luz das relações de poder nos campos, público e privado, de interesses, escolhas e narrativas.

Palavras-chave: Exposição. Projeto Expográfico. Comunicação Organizacional.

Abstract: Exhibitions are the primary means of communication in museums, serving as the space where interactions occur between people, objects, and their intangible meanings. In recent years, organizations not directly linked to the museum field have also adopted exhibitions as tools to legitimize their histories and promote their values. The exhibition design process—regardless of the type of institution—comprises multiple stages and actors, all of which influence the selection and arrangement of spatial elements, thereby constructing a narrative discourse. Within this context, the museological consulting firm Pantheon

Patrimônio e Cultura operates as a mediator, creating exhibition design projects and managing their development stages and stakeholders. This study analyzes two projects: Project 1, developed for a municipal public museum and funded through private sponsorship via a cultural incentive law; and Project 2, commissioned by a private institution and financed with its own resources. The methodology combines theoretical references from Museology (Blanco, 1999; Cury, 2005) and Organizational Communication (Morás; Baldissera, 2023; Griffin, 1987) to examine the conception process of these projects. The objective is to present Pantheon's methodology in exhibition creation and analyze it through the lens of power relations across public and private sectors, considering the interests, choices, and narratives at play.

Keywords: Exhibition. Exhibition Design. Organizational Communication.

Introdução

As exposições são, tradicionalmente, o principal meio de comunicação dos museus, lugar em que se constrói a mediação simbólica entre sujeito, objeto e seus significados imateriais. Segundo Cury, exposição é:

[...] conteúdo [expologia] e forma [expografia], sendo que o conteúdo é dado pela informação científica e pela concepção de comunicação como interação. A forma da exposição diz respeito à maneira como vamos organizá-la, considerando a organização do tema [...], a seleção e a articulação dos objetos, a elaboração de seu desenho (a elaboração espacial e visual) associados a outras estratégias que juntas revestem a exposição de qualidades sensoriais (Cury, 2005, p. 42).

Em um contexto contemporâneo, observa-se que organizações sem vínculo direto com o campo museal (como empresas, cooperativas e entidades de classe) passaram a recorrer às exposições como meio de legitimação simbólica e difusão institucional.

Embora haja uma leitura da palavra “organização” fortemente vinculada à ideia de empresa, nós entendemos os museus como organizações porque são resultados de uma “ordem social criada, estruturada por relações de poder e passível de gestão” (Morás; Baldissera, 2022, p.281). Sendo assim, tal organização corresponde a uma série de estratégias que busca atingir seus objetivos - educacionais, comunicacionais, de pesquisa e preservação. A escolha dos acervos, temas, narrativas e fluxo de exposição, são alguns dos meios para os fins (Griffin, 1987).

Cada discurso organizacional é influenciado pelas relações de poder que constroem a organização. Todos os elementos que compõem a exposição - dos exemplos deste trabalho - foram diretamente influenciados pela necessidade de alinhamento com as diretrizes externas à

proposta expográfica. Conforme Blanco (1999, p.69), as exposições são como um meio que “intervém na comunicação, alterando a maneira natural de perceber e interpretar a realidade em benefício da percepção e interpretação pretendidas”. Assim, ao analisar exposições, torna-se necessário observar os discursos que elas pretendem instaurar e as relações que moldam esses discursos.

A empresa de consultoria museológica Pantheon Patrimônio e Cultura, se insere nesse campo a partir da criação de projetos expográficos para outras organizações, atuando enquanto mediadora entre o cliente e a exposição. Quando falamos em cliente, este pode ser uma organização de iniciativa pública ou privada, das quais vários agentes fazem parte, entre eles: servidores, funcionários, gestores, prefeituras, diretorias, produtores culturais, e afins.

A partir disso, o objetivo deste trabalho é apresentar a metodologia de projeto expográfico da Pantheon e analisar as relações de poder e intenções organizacionais que perpassam esse processo através de dois projetos expográficos realizados pela empresa.

O projeto expográfico é um processo de criação dialógica que envolve a participação ativa do cliente. Buscamos integrar os desejos do cliente às especificidades da linguagem museológica, gerando uma narrativa coerente e atrativa tanto em conteúdo como em forma. Na Pantheon, analisamos cuidadosamente as necessidades do trabalho para definir os profissionais que serão incluídos na equipe para sua elaboração - entre eles, arquitetos, designers, historiadores e consultores especializados, conforme o conteúdo e a complexidade do tema a ser abordado.

O processo inicia-se com reuniões com o cliente, visando a compreensão dos objetivos, das escolhas temáticas e dos principais pontos a serem abordados pela exposição. Sustentado por pesquisa bibliográfica, documental e de acervo, são escritos os textos e as legendas de acervos, as quais são revisadas pelo cliente, criando a narrativa expográfica. Concomitante, é determinado o percurso expositivo, bem como os mobiliários e recursos interativos, criados de acordo com a proposta de cada exposição. Com a parte textual pronta, o layout e os mobiliários definidos, inicia-se o trabalho de design das artes gráficas da exposição.

O projeto expográfico, enquanto documento, contempla a descrição de todos os elementos da exposição, bem como o detalhamento técnico de mobiliários e recursos, de forma a orientar plenamente toda a execução. Também realizamos a coordenação da execução

do projeto expográfico, bem como acompanhamento da montagem e a realização de um relatório final, para registro do processo. Essa metodologia é aplicada a todos os projetos expográficos que realizamos, entre eles, os projetos que analisaremos abaixo.

O Projeto 1 refere-se a um museu público de caráter municipal, cujo desenvolvimento foi viabilizado por meio de patrocínio da iniciativa privada, a partir da aprovação em edital da Lei de Incentivo à Cultura do Rio Grande do Sul. Neste projeto, participaram da concepção expográfica o produtor cultural, o gestor do museu, a equipe interna da instituição, além de uma equipe técnica externa composta pela Pantheon e por profissionais de arquitetura e luminotécnica.

Neste projeto, uma das dificuldades enfrentadas não foi em relação à narrativa das exposições, mas sim da distribuição do mobiliário e formato dos layouts no espaço expositivo. A equipe de arquitetura do projeto e o gestor do museu priorizavam que a edificação fosse o patrimônio central a ser exposto. Sem uma narrativa textual atrelada, mas mantendo todos os elementos originais à mostra e sem itens obstruindo sua visualização. Em contraponto a isso, nossa equipe foi contratada para criar exposições de longa e curta duração, sobre temáticas diferentes acerca do município, as quais contariam com recursos textuais, acervos e recursos interativos, os quais foram demandas da equipe técnica da instituição. Para termos a aprovação desse projeto, foi necessário realizarmos diversos ajustes no decorrer do processo, para darmos conta de criar elementos expositivos suficientes para as propostas das exposições e posicioná-los estrategicamente em espaços que não interferissem no visual arquitetônico, conforme a premissa estabelecida.

O Projeto 2 surgiu do desejo de uma entidade privada em preservar a sua história e a atuação de seus diversos setores no estado do Rio Grande do Sul, e teve seu financiamento integralmente custeado pela própria instituição. Estiveram envolvidos no processo os seguintes agentes: funcionários do setor responsável pela mostra, chefes de setores, presidente da instituição e algumas empresas parceiras que colaboraram com acervos.

Neste projeto, as disputas institucionais se fizeram presente em relação à narrativa e à disposição dos acervos. A Pantheon apresentou uma proposta que trazia elementos questionadores em relação ao desenvolvimento do campo de atuação da entidade privada no que tange temas como sustentabilidade e preservação ambiental, o que não foi aprovado pelos agentes da instituição envolvidos. O objetivo era promover a instituição e divulgar sua

trajetória, de forma que tivemos que ajustar a narrativa para trazer as temáticas de sustentabilidade, mas sem tensionar reflexões.

Em relação aos acervos, a maior parte deles foram doações e empréstimos de outras instituições. Alguns dos mobiliários criados para essa exposição eram vitrines com 4 cubos verticais, onde um ficava mais alto que os demais. Essa diferença de altura em que iriam ficar os itens causou para a instituição um grande problema a ser resolvido: quem teria o seu acervo exposto no patamar mais alto, sem causar mal estar com as demais instituições envolvidas? Após discussões entre os agentes envolvidos, propomos a realização de rodízio: a cada 15 dias, a Pantheon retornaria no espaço e mudaria as peças de local no expositor, para que todas pudessem ficar no patamar mais alto por um determinado período de tempo. E assim foi, da inauguração da exposição até meados de 2024, quando a mostra foi encerrada por motivos de força maior.

Nesse cenário, concluímos que a metodologia da Pantheon busca conciliar exigências museológicas com interesses institucionais, evidenciando as exposições como um espaço que é, ao mesmo tempo, de mediação e de disputa. No primeiro caso, observa-se a divergência de ideal para o espaço, o que acarretou na necessidade de enxugar algumas potencialidades de mobiliário e aproveitamento do espaço. Já no segundo caso, ficou evidente as relações de poder que influenciaram tanto a narrativa quanto na disposição dos acervos.

Nossa equipe se embasa em uma metodologia coerente e na realização de pesquisa histórica rigorosa para propor exposições que questionam e problematizam os discursos, fomentando espaços de pluralidade e reflexão. No entanto, em certos contratos, nem sempre é possível manter integralmente essas diretrizes.

REFERÊNCIAS

BLANCO, Angela García. La exposición, un medio de comunicación. Ediciones Akal, S.A, Madrid, España, 1999, 240p.

CURY, Marília Xavier. Exposição: Concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005, 162p.

GRIFFIN, D.J.G. Managing in the Museum Organization: I. Leadership and communication. In: The International Journal of Museum Management and Curatorship, 1987. p.387-398.

MORÁS, N; BALDISSERA, R. Comunicação e museus: aportes da comunicação organizacional. In: Organicom, São Paulo, Brasil, v. 19, n. 40, p. 279–293, 2023. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2022.201595.

Pedras de arremesso: explorando a presença das boleadeiras em Morro Redondo/Rio Grande do Sul

Kamile Müller

Graduanda Museologia; Universidade Federal de Pelotas (UFPel);
kamilemuller2003@gmail.com

Patrícia da Silva Hackbart

Mestra; Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP);
kibarki@yahoo.com.br

Diego Lemos Ribeiro

Doutor em Arqueologia, Professor Associado do Departamento de Museologia
e Conservação e Restauração; Universidade Federal de Pelotas (UFPel);
dlrmuseologo@yahoo.com.br

Resumo: O estudo analisa a presença de boleadeiras em Morro Redondo, na Serra dos Tapes, Rio Grande do Sul, com o objetivo de delimitar a importância da cultura material, especialmente aquela que remete ao legado indígena, na formação territorial da região. As pedras de boleadeira, artefatos arqueológicos destacados na área platina, foram encontradas na Colônia Colorado por Antônio Reinhardt e são preservadas no Museu Histórico de Morro Redondo (MHMR) desde 2009, quando a instituição foi fundada. A pesquisa se baseia em revisões bibliográficas, saídas de campo e diálogos com membros da comunidade. O texto está estruturado em três seções: coleções arqueológicas em museus locais; estudos da cultura material em arqueologia; e o caso das boleadeiras no território de Morro Redondo e sua conexão com coleções domésticas. Como resultado, o estudo vislumbra futuros possíveis para esses artefatos, tanto dentro quanto fora do MHMR, incluindo a possibilidade de contar a história da presença indígena no município antes da colonização europeia, bem como examinar as relações estabelecidas pelos colonos e seus descendentes com esses objetos, frequentemente percebidos como materialidades que pertencem a “outros”.

Palavras-chave: Arqueologia. Cultura material. Passado indígena. Pedras de boleadeiras. Coleções domésticas.

Abstract: This study analyzes the presence of boleadeiras (throwing stones) in Morro Redondo, located in the Serra dos Tapes region of Rio Grande do Sul, Brazil, aiming to highlight the significance of material cultures—especially the Indigenous legacy—in the territorial formation of the region. The boleadeira stones, archaeological artifacts well known in the Platine area, were found in Colônia Colorado by Antônio Reinhardt and have been preserved at the Morro Redondo Historical Museum (MHMR) since its founding in 2009. The research is based on literature review, fieldwork, and dialogues with community members, focusing on three areas: archaeological collections in local museums; studies of material culture in archaeology; and the case of boleadeiras in the Morro Redondo territory and their connection to domestic collections. As a result, the study envisions possible futures

for these artifacts within and beyond the MHMR, including the potential to tell the story of Indigenous presence in the region prior to European colonization and to explore how settlers and their descendants relate to these objects, often seen as belonging to “others.”

Keywords: Archaeology; Material culture; Indigenous past; Boleadeira stones; Domestic collections.

Introdução

Este trabalho tem como escopo apresentar a pesquisa já realizada sobre a presença de boleadeiras no território de Morro Redondo, localizada na Serra dos Tapes, RS, tomando como referência a pedra de boleadeira. Buscou-se compreender como estes artefatos, bem conhecidos na região platina, tanto pela população geral quanto pela comunidade acadêmica (Garcia; Da Silva, 2013), conectam-se com as coleções domésticas. A pesquisa se deu a partir de projeto de extensão desenvolvido na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), ligado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC) e ao Museu Histórico de Morro Redondo (MHMR), com o título: “Museu Morro-Redondense: Espaços de Memórias e Identidades” - que tem como objetivo promover processos museológicos na cidade de Morro Redondo.

As pedras de boleadeira que motivaram esta pesquisa foram encontradas por Antônio Reinhardt em uma de suas chácaras de pessegueiros, na Colônia Colorado, em Morro Redondo. Levadas ao MHMR¹, onde hoje estão expostas ao lado de outros objetos de origem pré-colonial, essas peças contrastam com a predominância de artefatos coloniais no acervo, revelando um legado indígena historicamente negligenciado na narrativa local.

Essa presença silenciosa evoca o conceito de “estratigrafia do abandono” (Bruno, 1995), que evidencia camadas de temporalidades e culturas deixadas à margem da memória coletiva da cidade e de suas instituições de ensino. O que se desdobra desse cenário é uma contradição evidente: embora muitos museus possuam objetos e coleções arqueológicas, o passado indígena permanece ausente da narrativa urbana e institucional — soterrado sob camadas de esquecimento.

Em cidades como Morro Redondo, onde artefatos pré-coloniais são encontrados com frequência — nos quintais, galpões, escolas e até mesmo no museu —, estes raramente são utilizados como referência de ancestralidade ou como ponto de inflexão sobre a memória social em uma perspectiva de longa duração. Apesar de sua presença material e concreta, essas coleções seguem marcadas por um silêncio persistente e um esquecimento profundo.

¹ O MHMR, fundado em 2009 por Antônio Reinhardt, Ervino Büttow e Osmar Franchini, preserva e expõe a memória de Morro Redondo por meio de seu acervo, valorizando as vivências dos antepassados.

Relatos e impactos gerados

Esses artefatos, esféricos ou ovais, como os que estão no MHMR, apresentam um vinco em sua circunferência e foram confeccionados em granito. A maior delas mede 6,9 x 6,1 centímetros e 380 gramas; a menor 6,0 x 5,6 x 5,4 centímetros e 300 gramas. Esses objetos são comumente referidos como “bolas de boleadeiras”, inclusive por pesquisadores acadêmicos (González, 1953; Schmitz *et al.* 1971), como inferência sobre a sua real função.

Já foram bastante estudados pela arqueologia pelo viés histórico-culturalista e processualista, geralmente vinculados à tradição lítica Umbu, que ocorre desde o sul do estado de São Paulo até o Rio Grande do Sul, além de Argentina e Uruguai. Atribui-se aos artefatos uma temporalidade bastante extensa, desde aproximadamente 12.000 anos antes do presente (A.P.) até meados de 200 A.P, dividida em 22 fases com diferentes características temporais e espaciais (Garcia; Da Silva, 2013). Assim, as interpretações acerca da ocorrência desses artefatos estavam ligadas às adaptações de grupos humanos aos ambientes do Pampa em suas transições climáticas desde o início do Holoceno, o que leva a crer que o sistema cultural estava em interação com o sistema ambiental.

Em Morro Redondo, as boleadeiras têm uma presença significativa em sua história e em seu território, sendo encontradas em diversas localidades do município, como na chácara de pessegueiros do Sr. Antônio Reinhardt. Além disso, algumas pedras de boleadeiras recolhidas em Morro Redondo estão no extinto Instituto Anchietano de Pesquisas (IAP), em São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Elas foram recolhidas na década de 1960 pelo professor e pesquisador Pedro Augusto Mentz Ribeiro, durante a construção do Centro Evangélico Martin Luther, da Comunidade Luterana (IECLB), no atual centro urbano do município².

Na Colônia Santa Bernardina, foi organizada uma exposição de boleadeiras no início da década de 1990, na extinta Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Bucker. Vale destacar que duas pedras de boleadeiras expostas nesta escola foram encontradas pela Sra. Rutilde Krüger Feldens, professora responsável pela montagem da exposição. Ela encontrou as pedras ainda na infância, em uma lavoura de batatas da família, e elas ficaram guardadas por muitos anos em um dos galpões da propriedade.

Um desdobramento recente da pesquisa revelou que uma das boleadeiras presentes no MHMR foi encontrada na Colônia Colorado pelo Sr. Rudinei Novak, professor do ensino

² Essas informações constam no item 216, página 13, do Catálogo das Coleções de Arqueologia, disponível no site do IAP.

fundamental na Escola Barão do Rio Branco. O local da descoberta fica próximo à chácara de pessegueiros que pertencia ao Sr. Antônio Reinhardt.

Um dos casos abordados neste texto refere-se à propriedade da Sra. Márcia Müller³, onde a pedra de boleadeira ainda está guardada em um galpão, formando uma 'coleção doméstica'. Esse tipo de coleção é caracterizado pelo ato de colecionar objetos arqueológicos encontrados fortuitamente em praias, ruas ou, como nesse caso, em pequenas roças domésticas (Bezerra, 2011).

Em comunidades pequenas, como em Morro Redondo, esses objetos coletados fortuitamente em contextos cotidianos - como roças e campos - podem se tornar elementos importantes para a construção da memória coletiva. As coleções domésticas, portanto, não são apenas acervos informais, mas representações materiais da relação intrínseca entre as pessoas e o território que habitam. Essa dinâmica contribui para ressignificar os objetos do passado e reforça a ideia de que o patrimônio arqueológico pode ser vivido de maneira ativa e íntima pelas populações locais, fortalecendo o vínculo com suas raízes e identidades.

Bezerra (2011) argumenta que as coleções domésticas, longe de serem vistas como destruição do patrimônio arqueológico, refletem uma maneira singular de fruir o passado e de se conectar com o patrimônio cultural local. Ela destaca igualmente que essa prática é recorrente em comunidades assentadas sobre sítios arqueológicos, demonstrando uma interação cultural única com os artefatos que adquirem novos significados na vida cotidiana dos moradores.

Considerações

Em conclusão, as pedras de boleadeiras, ao serem integradas ao acervo e expostas no MHMR, facilitam o reconhecimento e a discussão pela comunidade e visitantes. Esse processo evidencia a crescente conexão entre museus, arqueologia e as histórias locais, alinhando-se aos princípios de Bezerra (2017) e da Museologia Social (Chagas; Assunção; Glas, 2014), que visam aproximar o museu da comunidade. Além disso, o estudo será fundamental para futuras atividades extensionistas realizadas com turmas de escolas municipais, assim como para exposições voltadas à preservação e valorização do legado indígena.

³ Localizada na VRS 802, conhecida como 'faxinha', que liga à BR 392 e dá acesso ao município.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Marcia. " As moedas dos índios": um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para os moradores da Vila de Joanes, ilha de Marajó, Brasil. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 6, p. 57-70, 2011.

BEZERRA, Márcia. Teto e Afeto: sobre as pessoas, as coisas e a arqueologia na Amazônia. Belém: GK Noronha, v. 1, p. 108, 2017.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Musealização da arqueologia: um estudo de modelos para o projeto Paranapanema. 1995. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

CHAGAS, Mario; ASSUNÇÃO, Paula; GLAS, Tamara. Museologia social em movimento. Revista Cadernos do Ceom, v. 27, n. 41, p. 429-436, 2014.

GARCIA, Anderson Marques; DA SILVA, Bruno Gato. Arqueologia experimental aplicada ao estudo das boleadeiras pré-coloniais da região platina. Cadernos do LEPAARQ (UFPEL), p. 89-120, 2013.

GONZÁLEZ,. Alberto Rex. La boleadora. Sus áreas de dispersión y tipos. Revista del Museo de La Plata, sec. Antropología, v. 4, n. 21, p. 133–292, 1953.

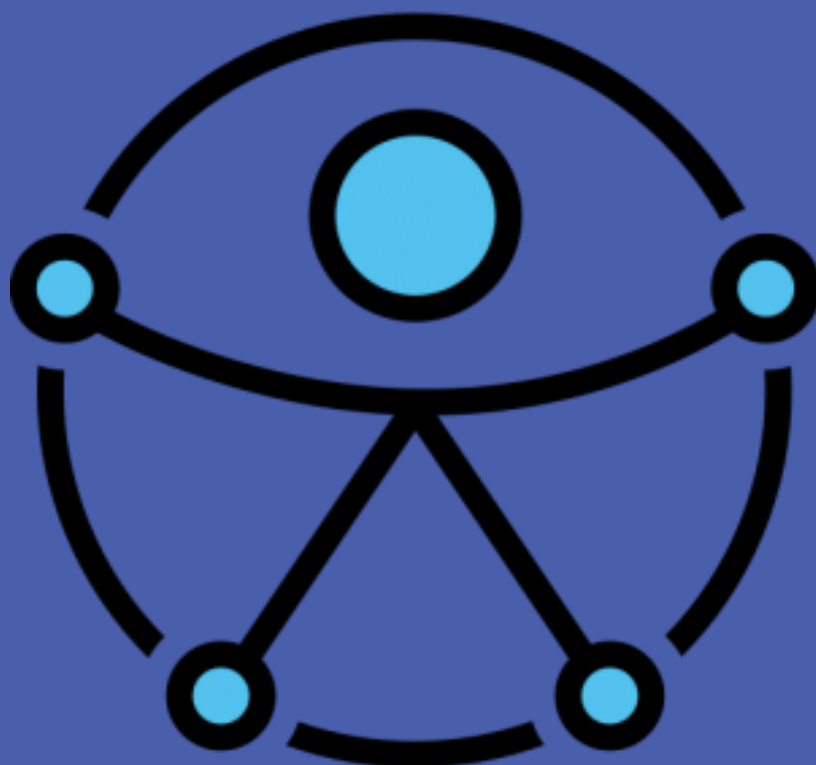
INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS. Catálogo das Coleções de Arqueologia. Disponível em: Instituto Anchietano de Pesquisas (unisinos.br). Acesso em: 11 set. 2024.

SCHMITZ, Pedro Ignacio *et al.* Bolas de boleadeira no Rio Grande do Sul. In: O homem antigo da América. São Paulo: Instituto de Pré-história da Universidade de São Paulo, 1971, p. 53—68.



GT 4

Democratização e Acessibilidade aos Bens Culturais



Digitalização e catalogação de jornais do século XIX no MuseCom: preservação e acesso

Lucia Helena Cunha Vidal

Mestre em Ciência da Informação; MuseCom;
lucia-vidal@sedac.rs.gov.br

Laura Isabel Marcaccio Arce

Arquivista; MuseCom;
laura-arce@sedac.rs.gov.br

José Marcelo Mendes Ribeiro

Historiador; MuseCom;
jose-ribeiro@gg.rs.gov.br

Resumo: Apresenta a experiência do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa na digitalização e disponibilização de jornais do século XIX, no âmbito do projeto *Hemeroteca Digital Imprensa Sul-Rio-Grandense do Século XIX*. O objetivo central foi preservar e ampliar o acesso à memória jornalística regional por meio da construção de um acervo digital de qualidade. A metodologia envolveu seleção criteriosa do *corpus*, higienização e manuseio dos exemplares, digitalização conforme normas do CONARQ, verificação da qualidade das imagens, produção de pacotes de preservação, criação de arquivos derivados para acesso público, catalogação e disponibilização em plataforma de difusão do Museu. Os procedimentos foram orientados por diretrizes nacionais e documentos técnicos institucionais. Os resultados incluem a preservação de documentos históricos e o acesso ampliado à informação, promovendo a inclusão digital e a valorização do patrimônio cultural. Conclui-se que iniciativas como essa devem ser estimuladas, pois integram preservação, tecnologia e cidadania informacional de forma exemplar.

Palavras-chave: Preservação digital. Jornais históricos. Digitalização. Museus. Patrimônio cultural.

Abstract: This article presents the experience of the Hipólito José da Costa Museum of Social Communication in digitizing and making available 19th century newspapers, as part of the project Digital Newspaper Library of the 19th Century of the Southern Rio Grande do Sul Press. The main objective was to preserve and expand access to regional journalistic memory by building a high-quality digital collection. The methodology involved careful selection of the corpus, cleaning and handling of copies, digitization according to CONARQ standards, verification of image quality, production of preservation packages, creation of derivative files for public access, cataloging and making them available on the Museum's dissemination platform. The procedures were guided by national guidelines and institutional technical documents. The results include the preservation of historical documents and expanded access to information, promoting digital inclusion and the appreciation of cultural heritage. The conclusion is that initiatives like this should be encouraged, as they integrate preservation,

technology and information citizenship in an exemplary manner.

Keywords: Digital preservation. Historical newspapers. Digitization. Museums. Cultural heritage.

Introdução

A digitalização de acervos tem se consolidado como uma estratégia essencial para ampliar o acesso à informação e preservar o patrimônio cultural. Museus e bibliotecas, tradicionalmente voltados à exposição física de artefatos, vêm adotando tecnologias digitais como resposta à crescente demanda por acessibilidade, inclusão e conservação. A digitalização não apenas protege itens raros e frágeis, como também permite o acesso remoto a coleções, beneficiando um público global (NIKONOVA; BIRYUKOVA, 2017).

Organizações internacionais, como a *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) e a *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO), reconhecem e promovem a digitalização como prática fundamental para a modernização e democratização do conhecimento. A IFLA destaca, em suas diretrizes, que a digitalização transforma o acesso e o uso de coleções especiais, além de ampliar o alcance das bibliotecas por meio de acervos digitais (IFLA, 2006; 2015). A UNESCO, por sua vez, enfatiza o papel da digitalização na promoção da inclusão digital e na superação de barreiras físicas e geográficas, como destacado no Portal Domínio Público e no Manifesto IFLA/UNESCO para Bibliotecas Públicas (UNESCO, 2025).

Bibliotecas nacionais e universitárias têm incorporado políticas de digitalização em seus planejamentos estratégicos. A Biblioteca Nacional do Brasil, por meio da BNDigital¹, e a *British Library*², com projetos de digitalização de documentos históricos, ilustram o compromisso com a preservação e a disseminação do conhecimento em escala global (MARTINS; CARMO; SILVA, 2024).

Nesse contexto, destaca-se a iniciativa da Hemeroteca Digital Imprensa Sul-Rio-Grandense do Século XIX (HDIRS), projeto de cooperação entre o Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (MuseCom), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e o Instituto

¹<https://bndigital.bn.gov.br/>.

²<https://www.bl.uk/>.

Histórico e Geográfico do RS (IHGRGS). O projeto visa digitalizar e disponibilizar

gratuitamente jornais históricos do século XIX, preservando e difundindo a memória da imprensa e da história social do Rio Grande do Sul.

O MuseCom contribui com sua expertise técnica, acervo e infraestrutura, apoiando todas as etapas do processo. A metodologia adotada baseou-se em normas do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ), contemplando o manuseio cuidadoso dos exemplares, digitalização de alta qualidade, padronização das imagens e organização da informação. Foram também estabelecidos procedimentos específicos para o acondicionamento e a preservação dos jornais, assegurando sua integridade física e digital.

Essa abordagem meticulosa garante não apenas a preservação de documentos históricos, mas também a ampliação do acesso público à memória jornalística regional, contribuindo de forma significativa para a valorização do patrimônio cultural e para a promoção da cidadania informacional.

Procedimentos

A pesquisa *A imprensa de Porto Alegre no século XIX: análise de periódicos e construção de acervo digital* selecionou jornais do século XIX publicados no Rio Grande do Sul para digitalização e disponibilização. O processo envolveu localização dos exemplares no acervo do MuseCom, digitalização conforme normas do CONARQ, tratamento das imagens, catalogação e upload no sistema do museu. A iniciativa visa garantir acesso fiel à informação e inclui etapas de preservação digital conduzidas por especialistas, assegurando a integridade e longevidade dos arquivos.

1. Cuidados com o manuseio do acervo: o manuseio dos jornais requer o uso obrigatório de luvas e máscara, além de recomendação de jaleco. Cada exemplar deve ser higienizado com pincel antes e depois da digitalização, sendo manuseado com extrema delicadeza para evitar danos. No caso de encadernações, é necessário cuidado especial com as lombadas, utilizando apoios quando necessário. O ambiente de trabalho deve ser organizado, higienizado com álcool 70%, e conter apenas os materiais indispensáveis. Os jornais devem ser mantidos em ordem, devidamente acondicionados e armazenados em armário trancado. Após a digitalização, retornam ao seu local original no acervo.

2. **Procedimentos de digitalização:** os jornais são posicionados cuidadosamente no scanner, seguindo os parâmetros do CONARQ: arquivos TIFF sem compressão, resolução mínima de

300 dpi, cores em 24 bits no modo RGB, e margem preta de 0,2 cm. A digitalização é feita página a página, gerando uma matriz digital por imagem. Para difusão, as páginas de um mesmo exemplar são compiladas em arquivo único (derivada), facilitando o acesso. Cada digitalização gera uma matriz e um pacote de preservação, armazenados conforme padrão de nomeação estabelecido.

3. **Cuidados com os equipamentos:** os equipamentos utilizados incluem scanners e computadores, que devem ser manuseados com zelo. Após o uso, os scanners devem ser acondicionados cuidadosamente em suas caixas originais, sem forçar encaixes. Todos os equipamentos devem ser armazenados em armário apropriado, previamente designado para esse fim.

4. **Verificação das imagens produzidas:** durante a captura das imagens, são verificados enquadramento, completude da página, ausência de resíduos e legibilidade do conteúdo. Imagens que não atendem aos padrões de qualidade são refeitas, assegurando fidelidade ao original e preservação adequada.

5. **Preenchimento da planilha de controle:** a digitalização foi acompanhada por planilha de controle contendo informações como título, localidade, data do exemplar, número de imagens, status de revisão, derivada e pacote de preservação. Essa ferramenta permitiu monitorar o progresso do projeto de forma sistemática.

6. **Produção de pacotes de preservação:** os pacotes de preservação foram elaborados conforme diretrizes técnicas do MuseCom, definidas em documentos oficiais internos (Parecer MuseCom/Sedac nº 01/2022 e Informação nº 02/2022), disponíveis no ambiente institucional do OneDrive.

7. **Produção das derivadas:** as derivadas de acesso foram geradas por meio de compactação dos arquivos originais, respeitando critérios que mantêm a legibilidade e visibilidade. Cada exemplar foi reunido em um único arquivo PDF, visando facilitar o acesso e a navegação do público nas plataformas de difusão digital.

8. **Catálogo dos exemplares:** a etapa de catalogação consistiu na descrição das informações de cada exemplar no sistema integrado de gestão de bibliotecas e no *upload* de

sua derivada digital. Um exemplo do resultado do trabalho pode ser conferido na ferramenta de busca do Museu³.

Considerações Finais

A digitalização de acervos históricos, como os jornais do século XIX preservados pelo MuseCom, representa uma ação estratégica para a preservação da memória cultural e para a democratização do acesso à informação. A iniciativa evidencia a importância de metodologias rigorosas e bem documentadas, que assegurem não apenas a integridade física e digital dos exemplares, mas também sua disponibilização em plataformas acessíveis ao público.

O alinhamento do projeto às diretrizes internacionais da IFLA e da UNESCO, bem como às recomendações técnicas do CONARQ, confere legitimidade e qualidade ao processo de digitalização, promovendo o acesso equitativo ao patrimônio informacional. Além disso, a estruturação de etapas específicas demonstra a maturidade técnica da equipe envolvida e o compromisso institucional com a excelência.

O caso do MuseCom reforça a importância dos museus como agentes ativos na construção de acervos digitais confiáveis e acessíveis, contribuindo para o fortalecimento de políticas de memória e de inclusão digital. Ao disponibilizar gratuitamente jornais históricos, a instituição amplia o alcance da informação e viabiliza pesquisas interdisciplinares em áreas como história, comunicação, ciência da informação e educação.

Assim, iniciativas como esta devem ser incentivadas e replicadas por outras instituições culturais, uma vez que constituem exemplos bem-sucedidos de aplicação de tecnologia em favor da preservação do patrimônio documental. Ao unir conhecimento técnico, cooperação institucional e compromisso com a difusão do saber, o projeto consolida-se como referência na promoção da cidadania informacional e na valorização da história da imprensa sul-rio-grandense.

³https://biblio.cultura.rs.gov.br/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=54759&query_desc=kw%2Cwrdl%3A%20diario%20de%20porto%20alegre.

REFERÊNCIAS

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. Diretrizes para o manifesto IFLA/UNESCO sobre a internet. 2006. Disponível em: <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/faife/publications/policy-documents/internet-manifesto-guidelines-pt.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2025.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. Diretrizes para planejamento de digitalização de livros raros e coleções especiais. 2015. Disponível em: <https://repository.ifla.org/server/api/core/bitstreams/f92fd406-dacc-426f-92ff-e4af8b8f42d5/content>. Acesso em: 15 mar. 2025.

MARTINS, D. L.; CARMO, D. do; SILVA, M. F. Modelos de governança em serviços de acervos digitais em rede: elementos para a produção de uma política pública nacional para objetos culturais digitais. *Perspectivas Em Ciência Da Informação*, v. 27, n. 1, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/3375>. Acesso em: 15 mar. 2025.

NIKONOVA, A. A.; BIRYUKOVA, M. The role of digital technologies in the preservation of cultural heritage. *Muzeológia a kultúrne dedičstvo*, v. 5, n. 1, 2017.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. Manifesto IFLA/UNESCO para bibliotecas públicas. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373307>. Acesso em: 14 mar. 2025.

Linguagem Simples e Acessibilidade em Museus

Eduardo Cardoso

Doutor em Design; Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS);
eduardo.cardoso@ufrgs.br

Felipe Schneider Viaro

Doutor em Design; Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS);
felipesviaro@gmail.com

Resumo: A Linguagem Simples é considerada um importante recurso, estratégia e até movimento promotor da acessibilidade comunicacional. Nesse sentido, se reconhece a oportunidade de implementar a Linguagem Simples como meio de promover acessibilidade cultural. Este trabalho tem por objetivo investigar e apresentar diretrizes de aplicação da Linguagem Simples em Museus. Para isso, realizou-se uma pesquisa exploratória bibliográfica, a partir de materiais de referência gerados por órgãos e instituições em âmbitos nacional e internacional e das áreas do Design e Comunicação, considerando termos e conceitos relevantes ao objeto de pesquisa. Como resultado, apresentam-se diretrizes para uso da Linguagem Simples em Museus, assim como ferramentas e aplicações relevantes na formação e desenvolvimento de materiais mais acessíveis a todos, incluindo pessoas com deficiências. Conclui-se que a Linguagem Simples é uma estratégia com significativa relevância na promoção da acessibilidade e da inclusão em diferentes contextos culturais. Logo, se faz cada vez mais necessária a difusão de seus parâmetros e de suas formas de aplicação para promoção de uma comunicação mais assertiva e acessível para todos.

Palavras-chave: Linguagem Simples. Inclusão. Acessibilidade.

Abstract: Plain Language is considered an important resource, strategy and even movement to promote communication accessibility. In this sense, the opportunity to implement Plain Language as a means of promoting cultural accessibility is recognized. This work aims to investigate and present guidelines for the application of Plain Language in Museums. To this end, an exploratory bibliographical research was carried out, based on reference materials generated by national and international agencies and institutions and in the areas of Design and Communication, considering terms and concepts relevant to the research object. As a result, guidelines for the use of Plain Language in Museums are presented, as well as relevant tools and applications in the formation and development of materials that are more accessible to everyone, including people with disabilities. It is concluded that Plain Language is a strategy with significant relevance in promoting accessibility and inclusion in different cultural contexts. Therefore, it is increasingly necessary to disseminate its parameters and forms of application to promote more assertive and accessible communication for everyone.

Keywords: Plain Language. Inclusion. Accessibility.

Introdução

A inclusão de todas as pessoas nas mais variadas esferas da sociedade tornou-se um assunto cada vez mais emergente e crucial, da educação ao local de trabalho, até a tecnologia e os serviços públicos. Uma das formas de promoção dessa inclusão é o uso da Linguagem Simples (LS).

A Linguagem Simples é uma comunicação em que a escolha de palavras, a estrutura e o design são claros de tal forma que os leitores pretendidos são capazes de facilmente encontrar o que precisam, entender o que encontram, e usar a informação (ISO, 2023). A linguagem simples pode ser considerada um método, estratégia ou um conjunto de técnicas que envolvem a redação do texto e o design de informação para produzir textos claros. Um texto em linguagem simples promove compreensão e autonomia no leitor, permitindo que ele use as informações com facilidade, sem precisar reler o texto diversas vezes ou pedir ajuda a outras pessoas (ROEDEL, 2024).

Quando bem empregada, essa técnica desempenha um papel fundamental para a acessibilidade de informações, sendo um importante instrumento para favorecer a participação cidadã, o acesso a serviços essenciais, a inclusão digital e o empoderamento individual. Afinal, quando se emprega um formato de linguagem que possa ser de fácil compreensão para diferentes pessoas e se cultiva a empatia, facilita-se o acesso equitativo a experiências, informações, serviços e oportunidades a todos os sujeitos, independente de suas habilidades, origens ou circunstâncias.

Em um contexto de informação museológica, o acesso à informação se dá através dos recursos disponíveis, tais como o conteúdo de programação e catalogação, textos expositivos e materiais técnicos. Nessas situações, a Linguagem Simples é um recurso imprescindível para facilitar a leitura e compreensão dos textos (PEREIRA, 2023). Vale ressaltar que bons textos podem proporcionar experiências excelentes aos leitores, ou então, quando mal projetados, podem deixá-los sentindo-se incapazes, com dúvidas e alienados (KJELDSSEN; JENSEN, 2015).

Considerando a necessidade da implementação de materiais que consideram as premissas da Linguagem Simples, o objetivo deste trabalho é investigar e apresentar

diretrizes de aplicação da Linguagem Simples em Museus. Para isso, realizou-se uma

pesquisa exploratória bibliográfica, a partir de materiais de referência gerados por órgãos e instituições em âmbitos nacional e internacional e das áreas do Design e Comunicação, considerando termos e conceitos relevantes ao objeto de pesquisa. Esses resultados foram analisados, organizados e, posteriormente, sintetizados em diretrizes projetuais para a aplicação da Linguagem Simples.

Linguagem Simples e Acessibilidade em Museus

Este tópico apresenta as recomendações projetuais sintetizadas a partir do levantamento realizado. As recomendações utilizam como estrutura os princípios fornecidos pela ISO 24495-1. A ISO 24495-1 - Plain Language orienta o desenvolvimento de comunicações em LS a partir de quatro princípios. Assim, a informação veiculada deve: 1) ser relevante - os leitores obtêm o que precisam; 2) ser fácil de compreender - os leitores podem compreender facilmente o que encontram; 3) ser fácil de encontrar - os leitores podem encontrar facilmente o que precisam; 4) ser fácil de utilizar - os leitores podem utilizar facilmente a informação.

O primeiro princípio – relevância – trata da relevância do conteúdo e do material para o usuário em seu contexto de uso. Ser relevante está relacionado à possibilidade de os leitores obterem o que precisam no contexto adequado. Para tanto: a) identifique os leitores, suas necessidades e propósitos; b) identifique o contexto em que os leitores irão ler o texto e; c) selecione os tipos de documentos e conteúdos que os leitores precisam (ISO, 2023).

Em relação ao segundo princípio – fácil de compreender, deve-se favorecer usos facilitados da linguagem verbal. Para que a comunicação seja fácil de compreender, o texto em LS deve ser claro, preciso, direto e objetivo. Para promover a fácil compreensão, a norma ISO 24495-1 recomenda que o autor escolha palavras familiares, identifique o propósito dos leitores, escreva frases e parágrafos claros e concisos, considere incluir imagens para ilustrar ideias, utilize um tom respeitoso, e cuide para que o texto tenha uma unidade, sendo possível identificar início, meio e fim.

Além dessas diretrizes citadas, o Quadro 1 sintetiza recomendações quanto ao uso da linguagem e de sua estrutura, segundo a Professora Célia Sousa, coordenadora do CRID -

Centro de Recursos para Inclusão Digital do Instituto Politécnico de Leiria.

Quadro 1 - Parâmetros para textos em Linguagem Simples.

Critério	Descrição
Linguagem	<ul style="list-style-type: none">- Fazer um resumo da história, dando prioridade à linha narrativa;- Simplificar a linguagem (vocabulário e sintaxe), mantendo ao máximo o original;- Quando necessário, substituir alguns termos ou expressões, suprimir algumas partes do texto ou acrescentar outras;- Usar estrutura simples, com a ordem natural das palavras;- Evitar frases subordinadas, adjetivos rebuscados e advérbios;- Dar preferência à voz ativa.
Estrutura	<ul style="list-style-type: none">- Utilizar frases curtas;- Colocar vírgulas nas pausas naturais da frase;- Dividir o texto por linhas, com no máximo 45 caracteres por linha;- Fazer coincidir o fim natural da frase com o fim da linha;- Utilizar parágrafos de no máximo dez linhas.

Fonte: Organizado pelos autores a partir de Souza, 2017.

Considerando o terceiro princípio – fácil de encontrar, são utilizadas estratégias de Design de informação que promovem a estruturação e a organização visual do conteúdo, assim como sua legibilidade e utilidade. Para alcançar este parâmetro, a norma ISO 24495-1 aponta que o autor da comunicação deve: a) estruturar os documentos para os leitores; b) usar técnicas de design de informação que possibilitem os leitores encontrarem a informação mais necessária primeiro; c) utilizar cabeçalhos para ajudar os leitores a predizer o conteúdo que estará a seguir; d) manter informações complementares, aquelas informações não absolutamente essenciais, em lugares e/ou partes separados do documento.

Além das diretrizes citadas, o Quadro 2 apresenta recomendações relevantes para o design da mensagem, levando em consideração os seguintes aspectos: disposição; tipografia; gráficos e esquemas de informação.

Quadro 2 - Aspectos de design para elaborar materiais claros e simples.

Critério	Descrição
Disposição (layout ou diagramação)	<ul style="list-style-type: none"> - Certifique-se de que o layout e as margens incluam bastante espaço em branco, pois isso ajuda a separar as diferentes partes do texto; - Use títulos significativos para ajudar os leitores a navegar. - Organize os elementos textuais em blocos significativos, considerando sinalizações de títulos de seção, subtítulos e elementos gráficos quando necessário.
Tipografia	<ul style="list-style-type: none"> - Selecione uma fonte e um tamanho de tipo que seja fácil de ler de acordo com o meio de disponibilização do material (impresso ou digital); - Certifique-se de que haja bastante contraste entre o texto e o plano de fundo e que o espaçamento entre linhas e parágrafos seja pelo menos igual ao tamanho do tipo. - Varie os tamanhos de fonte para favorecer a hierarquia textual considerando títulos, subtítulos, seções, parágrafos e legendas; - Utilize alinhamento textual à esquerda; - Considere dividir o texto em colunas para evitar parágrafos muito longos ou muito curtos. O parágrafo ideal deve variar entre 8 a 12 palavras por linha; - Use técnicas de destaque com consistência para enfatizar informações relevantes e manter o foco do leitor.
Gráficos e esquemas de informação	<ul style="list-style-type: none"> - Considere também dispositivos visuais como tabelas, diagramas, fotos, gráficos e listas com marcadores para apresentar informações de forma acessível e atraente; - Alguns recursos visuais podem ser utilizados para facilitar a compreensão de determinados conteúdos: - Quadros podem ser usados para dar destaque a uma informação; - Tabelas podem ser usadas para organizar as informações; - Ícones podem ser usados para complementar uma informação; - Diagramas podem ser usados para dar uma sequência lógica às informações.

Fonte: Organizado pelos autores a partir de Almeida, 2022; Ceará, 2021; Peres, 2021; e Samara, 2011.

O quarto princípio – fácil de utilizar, trata da revisão do material para assegurar que o público possa usar facilmente a informação encontrada e compreendida. Para um material ser fácil de utilizar, o seu desenvolvimento deve contemplar um processo contínuo de revisão. Para tanto, o material produzido deve ser avaliado já mesmo enquanto é desenvolvido, como também deve ser avaliado, detalhadamente, com a participação de pessoas que integram o universo de seu futuro público usuário. Desse modo, um texto deveria ser avaliado continuamente e também ao longo de sua utilização pelos usuários. Materiais de uso contínuo, ao longo do tempo devem ser avaliados periodicamente.

Conclusões

A Linguagem Simples é de extrema importância para promoção da acessibilidade e da inclusão em diferentes meios de comunicação. Logo, se faz cada vez mais necessária a difusão de seus parâmetros e de suas formas de aplicação para promoção de uma comunicação mais assertiva e acessível para todos.

Conhecer sobre a aplicação da Linguagem Simples contribui na sistematização do processo como um todo, bem como para a sua formação e utilização em diferentes esferas da sociedade, o que permite alcançar um maior público atendido. Ademais, é possível empregarmos a Linguagem Simples também como base para o desenvolvimento de outros recursos de acessibilidade na comunicação, pois todos podem se pautar nas mesmas diretrizes de desenvolvimento de meios e modos comunicativos mais diretos, claros e inclusivos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Patricia et al. (Orgs.). *Simples Assim - Comunique com Todo Mundo*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2022. 16p.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. *Guia IRIS de Simplificação: Linguagem Simples e Direito Visual*. IRIS – Laboratório de Inovação e Dados. 2021.

ISO - INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION - ISO. *Plain Language, Part 1: Governing Principles and Guidelines*, ISO 24495-1:2023, 2023.

KJELDSSEN, A. K.; JENSEN, M. N. When Words of Wisdom are not Wise: A Study of Accessibility in Museum Exhibition Texts. *Nordisk Museologi*. 1, s. 91–111, 2015.

PEREIRA, C. *Design para experiência em museus: diretrizes para o projeto de comunicação acessível direcionado ao público idoso*. 2023. 316 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Design, Porto Alegre, 2023.

PERES, S. *Horcel: Produtos digitais inclusivos para pessoas com TDAH, dislexia, discalculia e disortografia*. 2021. Disponível em: <https://horcel.wiki.br/>. Acesso em: 21 de maio de 2024.

ROEDEL, P. *Manual de linguagem simples [recurso eletrônico]: como planejar, desenvolver e testar textos que funcionam* / Patricia Roedel. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2024.

SAMARA, Timothy. *Guia de tipografia*. Porto Alegre: Bookman, 2011.

SOUSA, C. *Literatura para todos. Curso cultura e acessibilidade: pesquisa, formação e produção*. Porto Alegre, 2017.

Migração, acesso e preservação digital da coleção “Galeria de Vozes” do MuseCom

Estela Galmarino

Graduada em História; MuseCom
estela-galmarino@sedac.rs.gov.br

Carlos Barcellos

Graduando em Produção Fonográfica; UNISINOS/MuseCom
carlos_apbn@hotmail.com

Vinícius Bard

Graduado em Museologia; UFRGS/MuseCom
vinicius@bard.mus.br

Resumo: O Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa conserva, pesquisa e difunde a História e a Memória da Comunicação Social no Rio Grande do Sul. A Instituição preserva diferentes tipologias de acervos. A coleção “Galeria de Vozes” reúne 1390 fitas cassete de áudio com depoimentos gravados entre as décadas de 1970 e 1990. As especificidades de gestão destes bens levaram à estruturação de um projeto de digitalização e ampliação de acesso da coleção. A partir de 2023, a aquisição de equipamentos e a adoção de *softwares* livres possibilitaram a migração dos áudios para o formato digital. Seguindo padrões de metadados internacionais são geradas matrizes de preservação e de acesso. Os documentos sonoros são difundidos na plataforma Tainacan, por meio do Programa Acervos da Cultura RS. A preservação digital é um aspecto fundamental do projeto e envolve processos de criação de pacotes de preservação e comprovação de integridade de objetos digitais a partir do uso da ferramenta *BagIt*, assim como o estabelecimento de ambientes de preservação em diferentes níveis de acesso e recuperação.

Palavras-chave: Documentos sonoros. Acesso. Preservação digital.

Abstract: The Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa preserves, researches and promotes the History and the Memory of Social Communication in Rio Grande do Sul. The Institution preserves different types of collections. The "Galeria de Vozes" collection comprises 1390 audio cassette tapes containing testimonies recorded between the 1970s and 1990s. The specificities of managing these assets led to the structuring of a digitization and access expansion project. Starting in 2023, the acquisition of equipment and the adoption of free software made it possible to transform the audios into digital format. Following international metadata standards, both preservation and access copies are generated. The sound documents are disseminated on the Tainacan platform, through the Programa Acervos da Cultura RS. Digital preservation is a fundamental aspect of the project and involves processes such as the creation of preservation packages and verification of digital object integrity using the BagIt tool, as well as the establishment of preservation environments with different levels of access and retrieval.

Keywords: Sound documents. Access. Digital preservation.

Introdução

O Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (MuseCom) é uma instituição de memória vinculada ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Instituído pelo Decreto Estadual nº 24.366, de 30 de dezembro de 1975, seu acervo abarca diferentes áreas tais como Imprensa, Televisão, Publicidade e Propaganda, Fotografia, Cinema, Rádio e Fonografia. A coleção "Galeria de Vozes" está vinculada ao último conjunto e reúne importantes depoimentos, entrevistas e palestras de artistas e profissionais vinculados à área da Comunicação Social.

Em 2019, durante o inventário geral dos acervos, o processamento técnico da coleção "Galeria de Vozes" foi identificado como prioritário pela equipe técnica do MuseCom em função de seu valor cultural e do risco de perda das informações contidas nas fitas. Devido à composição físico-química dos suportes magnéticos, sua preservação é complexa e traz desafios para as instituições de memória. Neste sentido, a migração de documentos para o meio digital possibilita a preservação de longo prazo com a duplicação da informação sem perda de qualidade, desde que a ação seja realizada de forma técnica e cuidadosa (IASA, 2017, p. 9).

Assim, visando a preservação e a democratização do acesso a esta importante coleção do MuseCom, a equipe técnica estruturou um projeto objetivando a digitalização do conteúdo das fitas cassete de áudio. Os procedimentos adotados estão baseados em normas, padrões e recomendações consolidadas no campo de atividade de conversão de registros sonoros no suporte analógico para o digital, bem como em boas práticas de preservação digital.

Migração e acesso de documentos sonoros no MUSECOM

O projeto de migração da coleção "Galeria de Vozes" para o suporte digital começou a ser pensado em 2019, contudo, sua incorporação na rotina da instituição de maneira mais robusta se deu a partir de 2023. A pesquisa e o diálogo com especialistas resultaram na indicação de equipamentos e programas de reprodução e edição de áudio. Adquiridos os equipamentos, a Associação de Amigos do MuseCom viabilizou a contratação de um técnico para contribuir com a operacionalização do projeto. Os fluxos de trabalho foram registrados em documento institucional interno (MUSECOM, 2024) e incluem: revisão preliminar do estado de conservação das fitas cassete; produção de matrizes digitais primárias e secundárias fundamentadas em recomendações arquivísticas; geração de derivadas de acesso e criação de pacotes de preservação no padrão *BagIt*.

Os equipamentos adquiridos pelo MuseCom para produzir representações digitais de registros sonoros a partir de fitas cassete de áudio foram: uma interface de áudio, um fone de ouvido profissional (de estúdio), um cabo de áudio P10 x 2Rca e um *player* de fita magnética cassete de áudio¹. A escolha dos programas de digitalização e edição priorizou softwares livres, tais como o *Audacity*, programa que permite a gravação e edição de arquivos em formato WAV e se tornou padrão para áudio, recomendado pela Associação Internacional de Arquivos Sonoros e Audiovisuais (IASA). Neste formato são produzidas tanto as matrizes digitais primárias arquivadas na forma bruta, como as matrizes digitais secundárias, sobre as quais são aplicados alguns filtros de edição. Os arquivos em WAV são salvos nos seguintes parâmetros: 24 bits de resolução e 48 kHz de taxa de amostragem. Esta é a recomendação internacional mínima para acervos sonoros (BUARQUE, 2008, p. 48), cuja definição tem relação com a natureza da audição humana e com os valores de frequência que o ouvido humano é capaz de captar.

Parcela significativa das fitas cassete da coleção "Galeria de Vozes" foi gravada há mais de 50 anos e, nesse sentido, vale ressaltar que o tempo de vida da fita e a exposição a agentes de deterioração pode interferir no seu conteúdo deixando os áudios abafados, acelerados e intensificando ruídos, chiados e estalidos. A fim de tornar o registro sonoro mais agradável e audível ao ouvido humano, é realizado um processo de pós-edição dos áudios digitalizados que consiste na aplicação de filtros sobre a matriz secundária. Esta etapa é precedida pela união das gravações correspondentes a um mesmo documento sonoro, por exemplo, entrevista gravada nos lados A e B de uma mesma fita cassete ou que ocupe mais de uma fita cassete. Integradas as partes correspondentes a uma única obra, os documentos de áudio são direcionados como canais para a mesa de mixagem do *software* definido, onde serão realizados alguns ajustes a fim de adequar a sonoridade dos conteúdos. No MuseCom, além do *Audacity*, utiliza-se também a versão gratuita do *Fruit Loops Studio (DAW)*.

O objetivo da edição é reduzir elementos sonoros que dificultem a compreensão do conteúdo. É necessário avaliar o quanto a redução dos elementos indesejados impacta na qualidade dos registros vocais e “entender e diferenciar ruído de sinal obter uma relação equilibrada entre eles”. Neste sentido, é importante ter em mente que “nenhuma restauração será perfeita. Se você limpar demais os *clicks* e ruídos, fatalmente seu áudio perderá o brilho” (MACHADO, LIMA e LIMA apud AMARAL, 2009, p. 58). Além da limpeza de ruídos são aplicados filtros de

¹O gravador foi doado por um parceiro do MuseCom já revisado e pronto para o uso.

compressão, para controle dos picos de volume e redução da dinâmica indesejada e execução de *panning*, processo de ajuste da distribuição de som entre os canais esquerdo e direito da faixa estéreo. A aplicação destes filtros torna o arquivo mais equilibrado para diferentes dispositivos de consumo, contribuindo para a ampliação do acesso à coleção “Galeria de Vozes”.

A documentação e a difusão da coleção ocorrem por meio do sistema de acesso Tainacan, no âmbito do Programa Acervos da Cultura RS². Para descrever os itens no Tainacan são utilizados os elementos de descrição definidos no Inventário Nacional dos Bens Culturais Musealizados (INBCM/IBRAM). Os representantes digitais disponibilizados constituem derivadas de acesso no formato MP3 contendo em média 3min de duração³. Finalizado o processo de edição, derivadas e matrizes primárias e secundárias são exportadas e armazenadas em um espaço digital seguro, e, para isso, o investimento na preservação digital é fundamental. A ágil identificação e recuperação das informações, com a garantia de integridade, confiabilidade e disponibilidade dos dados é um dos pilares desta política no MuseCom.

O ambiente de preservação da coleção "Galeria de vozes"

O ambiente de preservação digital da coleção “Galeria de Vozes” foi concebido com foco na segurança e continuidade do acesso aos documentos sonoros digitalizados. As matrizes digitais, tanto primárias quanto secundárias, são armazenadas em um NAS (*Network Attached Storage*) institucional, que atua como repositório central de preservação. Esse ambiente é complementado por uma política rigorosa de integridade dos dados, baseada na utilização da ferramenta *BagIt* (*Library Of Congress*, 2025, documento eletrônico), que permite a verificação recorrente dos arquivos por meio de *checksums*, valores computados que atuam como uma espécie de assinatura digital da integridade dos *bits*. A criação de pacotes de preservação digitais conforme esse padrão assegura que quaisquer alterações ou corrompimentos sejam prontamente identificados.

Além disso, a estratégia de proteção da coleção contempla um plano robusto de *backups*, realizado tanto localmente quanto em servidores externos da rede institucional, garantindo redundância e mitigando riscos de perda. O sistema também adota práticas voltadas à auditoria de

²O acesso ao site Acervos da Cultura RS se dá pelo seguinte endereço eletrônico: <https://acervos.cultura.rs.gov.br/>. Por meio dele é possível acessar informações sobre acervos preservados por diferentes instituições da Secretaria de Estado da Cultura (Sedac/RS).

³Os arquivos de áudio completo podem ser solicitados e-mail musecom@sedac.rs.gov.br. A coleção “Galeria de Vozes” pode ser acessada por meio do seguinte endereço eletrônico: <https://acervos.musecom.rs.gov.br/galeria-de-vozes>.

acessos e controle de versões, com vistas à rastreabilidade de alterações e à proteção das matrizes originais. Essa estrutura integrada permite que a coleção “Galeria de Vozes” não apenas esteja segura contra falhas técnicas e degradação digital, mas também preparada para ações de migração de formato ou atualização tecnológica, alinhando-se às boas práticas internacionais de preservação digital.

Considerações finais

O projeto de digitalização, acesso e preservação digital da coleção “Galeria de Vozes” do MuseCom completou dois anos. Ao longo desse tempo foi possível testar e avaliar os recursos utilizados e procedimentos empregados a fim de aprimorar rotinas e agilizar processos visando o salvamento das informações depositadas em suportes analógicos. Para isso, em alguns momentos contamos com o apoio de estagiários curriculares do curso de História/UFRGS na produção de resumos descritivos dos documentos sonoros para o sistema de acesso Tainacan. Além disso, em 2024 teve início projeto de História Oral, com o objetivo de ampliar a coleção a partir do registro de novos depoimentos e entrevistas.

A produção de gravações nato-digitais traz novos desafios à catalogação e preservação do acervo. Paralelamente, a equipe estuda novas soluções para melhorar a experiência do usuário no acesso aos representantes digitais do acervo, tais como a utilização de repositório para transcrição e diarização de entrevistas e o uso de inteligência artificial na descrição de conteúdo.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Mauro Sérgio da Rosa. Migração de suporte de fitas magnéticas de áudio cassete: um estudo preliminar do Tribunal Regional da 4ª Região - TRF4. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Arquivologia). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/22780> Acesso: 15 04 2025.

BUARQUE, Marco Dreer. Documentos sonoros: características e estratégias de preservação. Ponto de acesso, Salvador, v.2, n.2 (p. 37-50), ago./set. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3021> Acesso: 30 05 2025.

IASA. Comitê Técnico. A salvaguarda do patrimônio audiovisual: ética, princípios e estratégia de preservação (IASA-TC 03). 4th ed. Will Prentice e Lars Gaustad (ed.) [tradução de Ariane Gervásio e Marco Dreer; revisão de Carlos Roberto de Souza, Igor Calado e Ines Aisengart Menezes] Londres: Associação Internacional de Arquivos Sonoros e Audiovisuais, 2017. Disponível em: https://www.iasa-web.org/sites/default/files/downloads/publications/TC03_4th_edition_Portuguese.pdf Acesso em: 28 05 2025.

LIBRARY OF CONGRESS. *bagit-python*. Disponível em: <https://libraryofcongress.github.io/bagit-python/>. Acesso em: 22 jun. 2025.

MUSECOM. Informação que orienta o fluxo de trabalho do programa de migração de suporte e difusão de fitas magnéticas cassete de áudio da coleção Galeria de Vozes do MuseCom. INFO MuseCom/Sedac N° 01/2024. Porto Alegre, 2024.

Plano Museológico: uma ferramenta dialógica e democrática no museu Diários do Isolamento (Mudi)

Nicolly Ayres da Silva

Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural; Universidade Federal de Pelotas
nicollyayrescontato@gmail.com

João Pedro Peccini Rodrigues

Graduando em Museologia; Universidade Federal de Pelotas
peccinijp@gmail.com

Resumo: O Plano Museológico do Museu Diários do Isolamento (MuDI) constitui uma ferramenta democrática essencial para a estruturação institucional, garantindo o cumprimento de sua função social de maneira colaborativa. Elaborado em conformidade com o Estatuto de Museus (2009) e as diretrizes do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), o plano reforça o compromisso do MuDI com a democratização do conhecimento, a pluralidade de saberes e a promoção do diálogo cultural. O processo de desenvolvimento teve início em março de 2023 e foi dividido em quatro fases: preparação, elaboração, consolidação e implementação. A metodologia adotada incluiu revisão bibliográfica, análise SWOT com consultores externos e oficinas participativas. A análise SWOT destacou como pontos fortes as inovações tecnológicas e as parcerias institucionais, ao passo que a ampliação da inserção comunitária foi identificada como um desafio a ser superado. O plano tem como principal objetivo garantir a sustentabilidade do museu a longo prazo, fortalecendo sua atuação como agente de transformação social. Concluído e disponibilizado ao público em 2025, o documento consolida estratégias de gestão eficazes, promovendo acessibilidade, comunicação inclusiva e ampliação do impacto social do MuDI. Dessa forma, reafirma-se a relevância do planejamento museológico como instrumento fundamental para a gestão democrática e participativa das instituições museais.

Palavras-chave: Plano Museológico. Gestão democrática. SWOT. Participação comunitária. Sustentabilidade institucional.

Abstract: The Museological Plan of the Museum Diários do Isolamento (MuDI) constitutes an essential democratic tool for institutional structuring, ensuring the fulfillment of its social function through collaborative means. Developed in accordance with the Museums Statute (2009) and the guidelines of the Brazilian Institute of Museums (IBRAM), the plan reinforces MuDI's commitment to the democratization of knowledge, the plurality of perspectives, and the promotion of cultural dialogue. The development process began in March 2023 and was divided into four phases: preparation, elaboration, consolidation, and implementation. The

methodology adopted included a literature review, a SWOT analysis conducted with external consultants, and participatory workshops. The SWOT analysis highlighted technological innovations and institutional partnerships as strengths, while expanding community engagement was identified as a challenge to be addressed. The main objective of the plan is to ensure the museum's long-term sustainability, strengthening its role as an agent of social transformation. Completed and made available to the public in 2025, the document consolidates effective management strategies, promoting accessibility, inclusive communication, and the expansion of MuDI's social impact. In this way, the relevance of museological planning as a fundamental instrument for the democratic and participatory management of museum institutions is reaffirmed.

Keywords: Museum Plan. Democratic management. SWOT. Community participation. Institutional sustainability.

Introdução

A elaboração de planos museológicos é um dos instrumentos fundamentais para garantir a gestão eficiente, democrática e participativa dos museus. Como destaca o IBRAM (2016), o plano museológico é o documento que sistematiza as diretrizes, programas e ações que asseguram a função social dos museus, permitindo uma atuação alinhada aos princípios do *Estatuto dos Museus* (BRASIL, 2009). No caso do Museu Diários do Isolamento (MuDI), um museu virtual criado para preservar e compartilhar as memórias sociais da pandemia de Covid-19, o plano museológico ganha relevância adicional por integrar os desafios das tecnologias digitais com as demandas por inclusão e diálogo cultural.

Segundo Britto (2023), os museus contemporâneos operam no campo da informação e da comunicação, sendo responsáveis por processos museais que exigem constante reflexão ética, política e social. Portanto, o plano museológico do MuDI foi concebido como uma ferramenta que articula gestão, memória e transformação social, respeitando a pluralidade de saberes e promovendo o acesso democrático ao patrimônio. Além disso, reflete as orientações de Davies (2001), ao propor um planejamento de longo prazo capaz de responder às mudanças do contexto social e tecnológico.

Metodologia

O processo de construção do plano museológico do MuDI seguiu uma abordagem participativa e multidisciplinar, estruturada em quatro fases principais: preparação,

elaboração, consolidação e implementação. Na fase de preparação, foi realizada uma revisão bibliográfica com foco no *Estatuto dos Museus* (BRASIL, 2009), nos subsídios do IBRAM (2016) e nas contribuições de Britto (2023) e Davies (2001), o que embasou as decisões estratégicas. Durante a elaboração, aplicou-se a análise SWOT com apoio de consultores externos e realizaram-se oficinas participativas para identificar as forças, fragilidades, oportunidades e ameaças ao museu, com foco no fortalecimento da gestão democrática. A fase de consolidação envolveu a formalização dos programas e projetos nos diferentes eixos estruturantes do museu, como acessibilidade, comunicação, preservação e sustentabilidade. Por fim, a fase de implementação, já iniciada, consiste na operacionalização das estratégias definidas, com monitoramento constante e ajustes baseados no retorno dos públicos e parceiros.

Resultados e Discussões

A análise SWOT e as oficinas participativas permitiram identificar como pontos fortes do MuDI suas inovações tecnológicas e suas parcerias institucionais, que contribuem para a construção de um museu virtual dinâmico e articulado em redes colaborativas (DAVIES, 2001). A ampliação da inserção comunitária permanece como um desafio, demandando estratégias específicas para potencializar o engajamento e o pertencimento dos públicos ao ambiente virtual (BRITTO, 2023).

Com a finalização do plano e o início de sua implementação, o MuDI já colhe benefícios significativos. Entre eles, destacam-se: a) Maior articulação interna, com clareza dos papéis institucionais e dos programas prioritários; b) Aumento da visibilidade institucional, com maior reconhecimento em redes de museologia e cultura; c) Fortalecimento das práticas de acessibilidade e comunicação inclusiva, já incorporadas nas primeiras ações decorrentes do plano; d) Estruturação dos processos de gestão e monitoramento, com indicadores que permitirão o acompanhamento dos impactos sociais do museu. Esses resultados reforçam a importância do plano museológico como instrumento não apenas de planejamento, mas também de ação transformadora desde suas primeiras etapas de execução (IBRAM, 2016).

Considerações finais

A finalização e a implementação inicial do plano museológico do MuDI reforçam seu papel enquanto espaço de memória, inclusão e diálogo social. A adoção de um processo participativo e colaborativo, alinhado às diretrizes do *Estatuto dos Museus* (BRASIL, 2009) e às orientações do IBRAM (2016), permitiu a construção de um plano sensível às especificidades de um museu virtual e às demandas da sociedade contemporânea.

Os benefícios já observados na fase inicial de execução atestam o potencial do planejamento museológico como ferramenta de gestão democrática, capaz de fortalecer a função social dos museus e de ampliar seu impacto como agentes de transformação. O sucesso das próximas fases dependerá do compromisso contínuo com o monitoramento, a escuta ativa das comunidades e a adaptação às mudanças do contexto social e tecnológico.

REFERÊNCIAS

BRITTO, C. C. (Org.). Os museus e o campo da informação: processos museais, museologia e ciência da informação. São Paulo: Abecin Editora, 2023.

BRASIL. Estatuto dos Museus. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009.

DAVIES, S. Plano Diretor / Stuart Davies; tradução de Maria Luiza Pacheco Fernandes. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação Vitae, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). Subsídios para a Elaboração de Planos Museológicos. Brasília: IBRAM, 2016.

Projeto Acervo em Foco

Fernanda Yumi Kohatsu Feliciano

Mestranda em Museologia e Patrimônio; UFRGS

yumi.feliciano@ufrgs.br

Giordano Alves Mendes

Graduando em Museologia; UFRGS

giordanoalvesmendes@gmail.com

Giovanni Alvarez Ramos

Graduando em História da Arte; UFRGS

giovanni-alvarez@hotmail.com

Mariana da Silva Christmann

Mestranda em Artes Visuais; UFRGS

marianas.christmann@outlook.com

Mélodi Dall'Agnese Perin Franquine Ferrari

Doutoranda em Artes Visuais; UFRGS

melodi-ferrari@sedac.rs.gov.br

Resumo: O presente texto tem o objetivo de apresentar o Projeto Acervo em Foco, iniciativa do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) que busca fortalecer a divulgação do acervo por meio de três eixos: aquisição, difusão e pesquisa, e educação e acessibilidade. Esses eixos conectam os setores do museu dentro de uma política institucional que amplia suas atividades, incentivando a produção intelectual das equipes e valorizando o acervo artístico. Iniciado em 2023, como desdobramento da exposição MACRS+D, que atualizou os critérios da política de aquisição de acervo, trazendo à instituição obras de artistas mulheres, negros, indígenas e LGBTQIAP+, o Projeto Acervo em Foco já realizou nove edições, consolidando-se como uma ferramenta essencial para a difusão do acervo do MACRS. Entre as edições, destacam-se Acervo em Foco: Lidia Lisboa, com a exibição da obra *Tetas que Deram de Mamar ao Mundo* (2019) e Acervo em Foco: Felipa Queiroz, com a obra *Sem Título* (2019).

Palavras-chave: Acervo em Foco; MACRS; pesquisa; difusão; Lidia Lisboa.

Abstract: This text aims to present the project Acervo em Foco, an initiative by the Museum of Contemporary Art of Rio Grande do Sul (MACRS), which seeks to strengthen the dissemination of its collection through three main pillars: acquisition, dissemination and research, and education and accessibility. These pillars connect the museum's departments within an institutional policy that expands its activities, encourages the intellectual production of its teams, and enhances the value of

its artistic collection. Launched in 2023 as a development of the exhibition MACRS+D, which updated the institution's collection acquisition policy by incorporating works by women, black, indigenous, and LGBTQIAP+ artists, the Acervo em Foco Project has already held nine editions, establishing itself as an essential tool for the dissemination of the MACRS collection. Notable editions include "Acervo em Foco: Lidia Lisboa," which showcased the piece *Tetas que Deram de Mamar ao Mundo* (2019), and "Acervo em Foco: Felipa Queiroz," featuring the work *Sem Título* (2019).

Keywords: Acervo em Foco; MACRS; research; dissemination; Lidia Lisboa.

Introdução

O Projeto *Acervo em Foco* surgiu como um desdobramento da exposição *MACRS+D*, que ocorreu entre dezesseis de dezembro de 2022 e cinco de fevereiro de 2023. A mostra buscou revisar lacunas históricas referentes à falta de representatividade de artistas racializados, mulheres e pessoas LGBTQIAP+ na coleção da instituição. Adriana Boff (2023, s.p.), em texto institucional para a exposição *MACRS+D*, afirma que a mostra “é resultado de um exercício de reflexão sobre a diversidade de raça e gênero dentro do acervo do museu”. Esta iniciativa contribuiu para que os critérios da Política de Aquisição de Acervo do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) fossem atualizados.

O museu tem como missão “[...] promover, pesquisar e incentivar o pensamento e a produção contemporânea em artes visuais, de forma a preservar e proteger seu acervo [...]” (Política de Aquisição de Acervo MACRS, 2023, s.p.). Esta missão sustenta as diretrizes da Política de Aquisição de Acervo do MACRS e também as atividades do Projeto *Acervo em Foco*. Iniciado em 2023, o projeto já realizou nove edições até o presente momento.

Acervo em Foco

O Projeto *Acervo em Foco*, iniciativa do MACRS, busca fortalecer a divulgação do acervo pela tríade: *aquisição, difusão e pesquisa*, e *educação e acessibilidade*. Esses eixos conectam os setores do museu (educativo, produção, comunicação e acervo), promovendo a produção intelectual e técnica das equipes, além da valorização do acervo artístico.

Como mencionado anteriormente, as ações de aquisição seguem as diretrizes da Política de Aquisição de Acervo, estabelecidas pelo Comitê de Curadoria e Acervo do museu. Já o eixo de difusão e pesquisa busca ampliar a visibilidade do acervo por meio de exposições e fomento a projetos curatoriais, bem como a partir da catalogação das obras na plataforma Tainacan,

repositório digital utilizado em diversas instituições museológicas brasileiras para divulgação de seu acervo.

Atualmente, o MACRS tem 100% de sua coleção catalogada no repositório. Ao permitir uma divulgação ampla e constante da coleção, essa ferramenta desempenha um papel essencial na democratização do acesso ao acervo. Graças a seus recursos, a plataforma facilita a criação de conexões e filtros entre as obras catalogadas, o que torna a navegação mais intuitiva e a pesquisa mais dinâmica. Com isso, abre-se espaço para que diferentes públicos explorem o acervo, construam conhecimento e compartilhem experiências com a arte.

Além das atividades acima explicitadas, o programa *Acervo em Foco* conta com um programa de exposições periódico, no momento, tendo realizado 9 edições.

Acervo em Foco: Exposições

A primeira edição, “Acervo em Foco: Lidia Lisboa” teve como ênfase o trabalho “Tetas que deram de mamar ao mundo” (2019), de Lidia Lisboa, instalação artística composta por elementos têxteis, como retalhos de pano e crochê entrelaçados e fixados no teto, que remetem ao seio de uma mulher. A obra dialoga com a mitologia afro-brasileira e com conto sobre a orixá Iemanjá, no qual se exalta suas qualidades maternais perante os demais orixás, em específico, o ato de amamentar. De acordo com Mariana Christmann (2025, online), em comentário crítico acerca da obra:

Em Tetas que Deram de Mamar ao Mundo (2019), Lidia traz a trama e elementos têxteis para tecer uma estrutura suspensa de tecidos multicoloridos, que parte do fazer manual, do corpo. Neste trabalho, a artista resgata, agora, uma história não apenas a partir de suas origens, mas, quem sabe, a partir de algo maior: a origem de tudo. Lidia costura o seio que nutriu o mundo.

Outro ponto que foi considerado fio condutor para a seleção de Lidia como primeira edição do programa é o fato de seu trabalho dialogar com o Dia Internacional da Mulher, posteriormente tornando-se “[...] um convite para refletir e problematizar questões acerca da construção histórica e social do que é “ser mulher”. (MACRS, 2023, online)

Entre as edições mais recentes, podemos destacar “Acervo em Foco: Felipa Queiroz”, realizada entre março e maio de 2025 e que contou com o trabalho “Sem Título” (2019), de Felipa Queiroz. A obra é uma técnica mista sobre tela com formas fluídas e orgânicas e “[...] pequenos respingos e gotejamentos que adicionam movimento e volume à obra.” (MACRS, 2025, online). O

trabalho se destaca por conta de sua acessibilidade, ao disponibilizar vídeo de entrevista com a artista, com audiodescrição e permitir que o espectador circule ao redor da obra, possibilitando que o mesmo visualize a parte frontal e a parte traseira da tela. A edição de Felipa Queiroz também integra o Dia Internacional da Visibilidade Trans, comemorado no dia 31 de março e coaduna com a Política de Aquisição de Acervo do MACRS (2023, s.p), que prevê o:

[...] alcance da equidade racial e de gênero entre artistas que integram o acervo artístico, devendo ser prioridade a aquisição de obra de artistas racializados como negros/as e indígenas, artistas transgênero e mulheres cis que tenham, de preferência, atuação na área de pelo menos de 05 (cinco) anos.

Outra iniciativa que se destaca dentro do Projeto Acervo em Foco seria a implementação do repositório digital Tainacan nas atividades de gestão e difusão do acervo do MACRS.

Tainacan no contexto do Projeto Acervo em Foco

A utilização do repositório digital Tainacan do MACRS dentro do contexto do Projeto *Acervo em Foco* é instrumental. A catalogação e disponibilização de informações referentes às obras, eventos e autoridades participantes, permitem ao projeto alcance e longevidade expandidos, além de servir como precioso material de pesquisa. As funcionalidades do Tainacan são exploradas durante as etapas de concepção das atividades e exposições, e após a execução das mesmas, no processo contínuo de pesquisa e informação.

Até o momento, 43 obras do acervo de 36 artistas distintos foram expostas no contexto do projeto. Como metodologia de trabalho certifica-se, no momento de elaboração e curadoria das exposições, que as obras e autoridades participantes estejam com suas informações essenciais disponíveis e publicadas até o início do circuito expositivo. Isto permite a ação concomitante de exposição em espaço físico e acesso ao acervo em espaço digital, criando duas frentes de democratização à fruição do acervo.

Dos metadados essenciais, todos os 15 metadados obrigatórios e facultativos estipulados pelo Inventário Nacional dos Bens Culturais Musealizados (INBCM) são preenchidos, e em sequência os metadados específicos elaborados para o Tainacan MACRS, que contemplam as especificidades da tipologia de acervo com o qual o MACRS preserva, expõe e pesquisa. Os metadados específicos foram criados e descritos a partir de estudos com aporte teórico e embasados em outros estudos de catalogação de acervos como o *Categories for the Description of Works of Art*

(CDWA) formulado pelo Getty Museum, e o Tesauro de Objetos do Patrimônio Cultural nos Museus Brasileiros de Helena Dodd Ferrez.

Assim que preenchidos e disponibilizados os metadados essenciais e específicos, segue-se o processo contínuo de pesquisa do acervo representado, etapa que frequentemente conta com a colaboração de curadores e pesquisadores externos para ampliar o procedimento de pesquisa que preza pela qualidade das informações disponibilizadas. Exemplifica-se aqui, então, a potencialidade do Tainacan como instrumento do Projeto *Acervo em Foco*, em prol do desenvolvimento de um repositório que preza o foco da pesquisa, a democratização de acesso ao acervo e o estudo produzido neste contexto.

Conclusão

É notável a importância do *Acervo em Foco* para o MACRS no que tange à acessibilidade e à inclusão de maneira ampla, visto que abarca, através de seus pilares, diferentes frentes de trabalho. Por meio da política de aquisição, criada no âmbito do projeto, lança-se luz a perfis de artistas historicamente negligenciados pelas instituições. Por meio das exposições, amplia-se o acesso do público às obras do acervo do MACRS, contando com audiodescrições e espaços expositivos acessíveis. E, finalmente, com o Repositório Tainacan, democratiza-se o acesso e a difusão de todo o acervo do museu, com informações relevantes para a compreensão do público geral, bem como para pesquisadores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Cidadania. Secretaria Especial da Cultura. Instituto Brasileiro de Museus. *Tesouro de objetos do patrimônio cultural dos museus brasileiros*. Porto Alegre: Sistema Estadual de Museus do RS, 2019. Disponível em: <https://cultura.rs.gov.br/upload/arquivos/carga20190600/17110012-tesouro-de-objetos-do-patrimonio-cultural-dos-museus-brasileiros.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2025.

BOFF, Adriana. Texto Institucional sobre a Exposição MACRS + d. In: *MACRS + D*. Disponível: 26 jun. 2025.

CHRISTMANN, Mariana. Comentário Crítico sobre o trabalho Tetas que deram de mamar ao mundo. In: MACRS. *Tetas que deram de mamar ao mundo*. Disponível em: <https://acervo.macrs.rs.gov.br/acervo-macrs/tetas-que-deram-de-mamar-ao-mundo/>. Acesso em: 28 jun. 2025.

GETTY RESEARCH INSTITUTE. *Categories for the Description of Works of Art (CDWA)*. Los Angeles: Getty Research Institute, 2000. Disponível em: https://www.getty.edu/research/publications/electronic_publications/cdwa/definitions.pdf. Acesso em: 30 jun. 2025.

LISBOA, Lidia. *Homepage*. Disponível em: <https://www.lidialisboa.com.br/>. Acesso em: 30 jun. 2025.

MACRS. *Acervo em Foco: Felipa Queiroz*. Disponível em: <https://acervo.macrs.rs.gov.br/exposicoes-macrs/acervo-em-foco-felipa-queiroz/>. Acesso em: 28 jun. 2025.

_____. *Acervo em Foco: Lidia Lisboa*. Disponível em: <https://acervo.macrs.rs.gov.br/exposicoes-macrs/acervo-em-foco-lidia-lisboa/>. Acesso em: 28 jun. 2025.

_____. *Tetas que deram de mamar ao mundo*. Disponível em: <https://acervo.macrs.rs.gov.br/acervo-macrs/tetas-que-deram-de-mamar-ao-mundo/>. Acesso em: 28 jun. 2025.

_____. *Sem Título*. Disponível em: <https://acervo.macrs.rs.gov.br/acervo-macrs/sem-titulo-306/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

Saberes compartilhados: exposições itinerantes do Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter

Lisiane Gastal Pereira

Museóloga;
Universidade Federal de Pelotas;
lisi.gastal@gmail.com

Cristiano Agra Iserhard

Doutor em Biologia Animal;
Universidade Federal de Pelotas;
cristianoiserhard@gmail.com

Felipe Diehl

Doutor em Neurociências;
Universidade Federal de Pelotas;
felipedhl@gmail.com

Mauro Mascarenhas

Técnico em Anatomia e Necrópsia;
Universidade Federal de Pelotas;
mauro.b.mascarenhas@gmail.com

Resumo: O Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter (MCNCR) é um museu universitário, vinculado ao Instituto de Biologia da Universidade Federal de Pelotas. Com uma coleção ligada à área das ciências biológicas, o MCNCR possui grande potencial de despertar o interesse do público e propor um diálogo com a sociedade relativo à importância da conservação da biodiversidade. Embora esteja localizado no Centro Histórico do município de Pelotas/RS, diversas escolas e comunidades não conseguem acessar o museu, seja pela impossibilidade de transporte ou pelo fato do museu só abrir ao público no período da tarde. Sendo assim, através da taxidermia, técnica em que a pele dos animais é preservada e montada de forma realista para exibição ou estudo, foram criadas novas peças para uma coleção itinerante. Com estes novos exemplares, têm sido realizadas exposições nas escolas, buscando levar um pouco do que ocorre no contexto do museu e da universidade para atividades que extrapolam os muros do seu local físico. Desta forma, as experiências de exposições itinerantes realizadas pelo MCNCR propiciam a democratização do acervo, a divulgação científica e possibilitam a ampliação do debate em torno dos temas que circulam no âmbito acadêmico.

Palavras-chave: Democratização de acervos. Divulgação científica. Educação ambiental. Museu de Ciências Naturais. Museu itinerante.

Abstract: The Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter (MCNCR) is a university museum affiliated with the Instituto de Biologia of the Universidade Federal de Pelotas. The museum has a biological sciences collection with great potential to promote a dialogue with society concerning the biodiversity conservation significance. Although located in the Historic Center

of Pelotas, RS, many schools and communities are unable to access the museum, either due to transportation issues or because it is only open to the public in the afternoon. Therefore, through taxidermy - a technique in which animal skins are preserved and mounted in a realistic stance for exhibition or study - new stuffed animals have been created for a traveling collection. Thus, exhibitions have been taken to schools to bring the context of the museum and the university to activities that extend beyond the walls of its physical location. In this way, the itinerant exhibitions organized by MCNCR promote the democratization of the collection, scientific dissemination, and spread the debate on topics circulating within the academic field.

Keywords: Democratization of the Collection. Environmental education. Natural Science Museum. Traveling Museum. Scientific Dissemination.

Introdução

Museus são responsáveis por guardar e preservar memórias, instigando o conhecimento, apresentando o passado e propondo reflexões para o presente e futuro enquanto mantenedores dos bens culturais materiais e imateriais da humanidade. Os museus de ciências naturais, especificamente, são responsáveis pela coleta, estudo, guarda e manutenção de acervos biológicos (PEIXOTO, 2003). Tendo em vista a sua função social de salvaguardar e comunicar o patrimônio público, esses espaços devem sempre estar acessíveis a todas as pessoas, propondo um ambiente democrático que possibilite o diálogo e a construção do saber. Embora os museus estejam cada vez mais inclusivos e acessíveis, ainda há dificuldade de acesso para diferentes esferas da sociedade, seja pela falta de oportunidades ou vulnerabilidade social e distanciamento inerente aos espaços museais.

Tendo em vista que “no âmbito dos museus, a revitalização do patrimônio passa não só pela forma como o preserva e estuda, mas também pela forma como o disponibiliza e transmite, como o comunica ao seu público” (ROQUE, 2010, pg. 51), o Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter (MCNCR) vem realizando nos últimos anos atividades itinerantes que propõem levar um pouco do que ocorre em seu âmbito para atividades que extrapolam os seus muros físicos. O MCNCR é um museu universitário vinculado ao Instituto de Biologia (IB) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), localizado em Pelotas, Rio Grande do Sul, com a missão de conservar, documentar, pesquisar, comunicar e popularizar o patrimônio das ciências naturais e áreas correlatas, buscando o estímulo de forma dialógica à reflexão e ao pensamento crítico da sociedade com relação à importância da conservação da biodiversidade. Detentor de um expressivo e importante conjunto de artefatos ligados à área das Ciências Biológicas, O MCNCR conta com cerca de 10.000 itens divididos em coleções de aves, fósseis, insetos, répteis, anfíbios, conchas, crustáceos e mamíferos. Tais coleções configuram-

se como um importante repositório da biodiversidade do Pampa desde o século XIX, tendo relevância histórica e sendo fundamental para pesquisas científicas.

Desta forma, o presente trabalho tem o objetivo de relatar as experiências de exposições itinerantes realizadas pelo MCNCR, apontando os desafios e vantagens na realização da atividade.

Metodologia

As exposições itinerantes iniciaram com o projeto de extensão intitulado “Laboratório de Taxidermia do Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter”. A produção das novas peças ocorre através da parceria com o Núcleo de Reabilitação da Fauna Silvestre (NURFS) do IB/UFPeI, que encaminha para o museu exemplares de animais resgatados que não sobreviveram. Com a produção destas novas peças formou-se a coleção itinerante do museu.

A escolha dos animais para as mostras busca retratar a ampla diversidade de tipologias de insetos, aves, mamíferos e répteis, tendo em vista apresentar a biodiversidade e sua relevância para a sociedade. Os animais selecionados são identificados, embalados e transportados, sendo que o transporte das peças fica sob responsabilidade do local que receberá a exposição, em razão de o MCNCR não possuir veículo próprio. A atividade é acompanhada sempre por pelo menos um membro da equipe do MCNCR e alunos que atuam no museu. No local, se estabelece o diálogo com a comunidade, destacando sempre questões relacionadas à educação ambiental, como a função de cada animal na natureza, aspectos sobre sua biologia e história natural, curiosidades e a importância da sua preservação.

Resultados

Desde 2023, foram realizadas onze exposições itinerantes em escolas e eventos de quatro municípios da região (Tabela 1).

Tabela 1 - Exposições itinerantes realizadas pelo MCNCR desde o ano de 2023.

An	Atividade	Município
05/06/2023	Semana Mundial do Meio Ambiente da Escola Municipal Getúlio Vargas	Pedro Osório
07/06/2023	Semana Mundial do Meio Ambiente do Município de São Lourenço do Sul	São Lourenço do Sul
11/06/2023	29ª Feira Nacional do Doce (Fenadoce)	Pelotas
16/08/2023	Sábado em foco - Colégio Municipal Pelotense	Pelotas
05/06/2024	Semana Mundial do Meio Ambiente do Município de São Lourenço do Sul	São Lourenço do Sul
07/06/2024	Semana Mundial do Meio Ambiente do Município de Capão do Leão	Capão do Leão
05/07/2024	Mostra biológica na Escola Barão de Arroio Grande	Capão do Leão
28/07/2024	30ª Feira Nacional do Doce (Fenadoce)	Pelotas
08/08/2024	Mostra Pedagógica da Escola Sagrado Coração de Jesus	Pedro Osório
02/06/2025	Semana Mundial do Meio Ambiente da Escola Municipal Getúlio Vargas	Pedro Osório
04/06/2025	Semana Mundial do Meio Ambiente do Município de Capão do Leão	Capão do Leão

Fonte: Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter

Em todas as atividades realizadas, o público, em geral crianças e adolescentes, demonstraram grande interesse em conhecer as espécies. Tendo em vista a abordagem do MCNCR nas diversas áreas da biologia e ciências naturais, sua relação com a educação ambiental se torna evidente, o que oportuniza a ampliação do debate em torno de questões relevantes para a preservação do meio ambiente e a inserção do ser humano como um agente de modificação e perturbação do nosso Planeta.

Conclusão

Embora algumas ações pontuais sejam realizadas atualmente, o projeto enfrenta dificuldades em se estabelecer como uma prática recorrente do museu. A falta de estrutura do laboratório de taxidermia dificulta a produção de novas peças, bem como a falta de um veículo próprio para o transporte do material, o que deixa as ações sempre na dependência de parcerias, impedindo o seu funcionamento de forma autônoma.

A realização das exposições itinerantes realizadas a partir do museu nas escolas permite uma abordagem educacional alternativa, ampliando a percepção dos educandos para a importância das questões ambientais, propondo novas perspectivas para a conscientização com relação à preservação do meio ambiente, a partir da aproximação e do conhecimento de exemplares da fauna regional, principalmente àquela representante do bioma Pampa. “O aprendizado é mais efetivo e imediato quando os interessados encontram-se face ao material objeto de estudo” (PAPAVERO, 1994, p. 23).

Além disso, as atividades itinerantes são fundamentais para “que se promova a apropriação desses conhecimentos pela população como forma de inclusão social” (MARANDINO, 2005, P. 162), possibilitando um alcance maior do público, ampliando a divulgação científica, popularizando o conhecimento e promovendo o interesse na ciência pela sociedade através da alfabetização científica. Essa aproximação permite que pesquisadores e comunidade colaborem através de um diálogo horizontal e inclusivo oportunizado pela troca de experiências e saberes em atividades que incluem a ciência cidadã e a experimentação científica, fortalecendo a interação entre universidade, museu e comunidade.

REFERÊNCIAS

- MARANDINO, M. A pesquisa educacional e a produção de saberes nos museus de ciência. In: História, Ciências, Saúde - Manguinhos, v. 12 (suplemento), p. 161-81, 2005.
- PAPAVERO, N. (Org.). Fundamentos práticos de taxonomia zoológica: coleções, bibliografia, nomenclatura. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista. 1994.
- PEIXOTO, A. (Org.) Coleções biológicas de apoio ao inventário, uso sustentável e conservação da biodiversidade. 1a Edição. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2003.
- ROQUE, M.I.R. Comunicação no Museu. In: BENCHETRIT, S.F.; BEZERRA, R.Z.; MAGALHÃES, A.M. Museus e Comunicação: exposições como objeto de estudo. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010. Cap.5, p.47-68.



GT 5

Financiamento e Fomento aos Museus do RS



Museu de Arqueologia: a catástrofe climática e o despertar da história antiga

Ariane Gassen Vargas

Mestranda em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM);
culturalizaprojetos@gmail.com

Resumo: O artigo apresenta um relato sobre as experiências vivenciadas na catástrofe climática que atingiu o Estado do Rio Grande do Sul, no ano de 2024, resultando na aprovação de um projeto cultural para a implantação do Museu de Arqueologia da Quarta Colônia, no município de Dona Francisca, RS. Após um longo e dramático período de chuvas, com a redução do nível da água das enchentes, revelou-se um importante sítio arqueológico junto à várzea do Rio Jacuí, no município de Dona Francisca – território do Geoparque Quarta Colônia UNESCO. A metodologia de trabalho contempla curadoria do acervo, pesquisa arqueológica junto ao sítio, elaboração de documentação e plano museológico, elaboração e implantação do projeto de arquitetura e expografia, além da criação da Instituição de Guarda e Pesquisa (IGP). Demonstra a necessidade de proteção do patrimônio natural, cultural e histórico ao mesmo tempo em que vislumbra possíveis resultados de ações e intervenções criativas na gestão do Patrimônio Cultural.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural; Museu; Dona Francisca; Quarta Colônia

Abstract: This article presents an account of the experiences of the climate catastrophe that hit the state of Rio Grande do Sul in 2024, resulting in the approval of a cultural project for the implementation of the Quarta Colônia Archaeology Museum in the municipality of Dona Francisca, RS. After a long and dramatic period of rain, with the reduction of the flood water level, an important archaeological site was revealed next to the Jacuí River floodplain in the municipality of Dona Francisca – territory of the Quarta Colônia UNESCO Geopark. The work methodology includes curation of the collection, archaeological research at the site, preparation of documentation and a museological plan, preparation and implementation of the architectural and expographic project, in addition to the creation of the Custody and Research Institution (IGP). It demonstrates the need to protect natural, cultural and historical heritage while envisioning possible results of creative actions and interventions in the management of Cultural Heritage.

Keywords: Cultural Heritage; Museum; Dona Francisca; Fourth Colony

Introdução

Um território, o riquíssimo patrimônio natural e cultural, o despertar da história antiga em meio a catástrofe climática que atingiu o Estado do Rio Grande do Sul no ano de 2024, foi o contexto que motivou a criação do projeto cultural intitulado “Salvaguarda do Patrimônio Arqueológico da Quarta Colônia - Museu de Dona Francisca”, contemplado através do Concurso Público regido pelo Edital nº 31/2024 PNAB RS – Memória e Patrimônio.

O município de Dona Francisca está localizado na Região Central do Rio Grande do Sul – Geoparque Quarta Colônia, que foi certificado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, no ano de 2023, como integrante de sua Rede Mundial de Geoparques. O território reúne 09 municípios, entre eles: Agudo, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Seca, São João do Polêsine, Silveira Martins e Dona Francisca.

As enchentes ocorridas no Rio Grande do Sul, nos meses de abril, maio e junho de 2024, revelaram um grandioso sítio arqueológico na várzea do Rio Jacuí em Dona Francisca. Os achados fortuitos trazem indícios de que havia um grande aldeamento indígena, que sugere ocupação de longa permanência no local. Esse importante fato, permite a ampliação das pesquisas historiográficas e do conhecimento que temos sobre a formação territorial de Dona Francisca e da Quarta Colônia.

Tal fato da história recente do município de Dona Francisca, está relacionado as consequências das mudanças climáticas, provocadas pela alteração nos padrões da temperatura e do clima, problema que atinge diversos países do mundo e está na pauta da Agenda para o Desenvolvimento Internacional 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), integrando os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável – ODS.

Nesse contexto, o presente artigo busca contribuir com o relato das experiências vivenciadas na catástrofe climática e que motivaram a elaboração do projeto cultural para a salvaguarda desse patrimônio arqueológico e a sua manutenção no território de origem. Tal iniciativa contribui para o aprimoramento das políticas públicas para a preservação, valorização, difusão e divulgação do patrimônio natural e cultural, através da criação de um museu de arqueologia em Dona Francisca.

Desenvolvimento

1. Dona Francisca e o contexto das enchentes

A população gaúcha enfrentou uma de suas mais sérias crises climática e humanitária que se tem registro em sua história, nos meses de abril, maio e junho de 2024, devido às enchentes, inundações e deslizamentos de terra. Conforme Boletim do Governo do Estado do Rio Grande do Sul sobre o impacto das chuvas, divulgado em 20 de agosto de 2024, 478 municípios foram afetados, 806 pessoas ficaram feridas, 27 pessoas continuavam desaparecidas e pelo menos 183 mortes foram confirmadas, e milhares de desabrigados.

Dona Francisca possui um território de 114,149 km², bioma Mata Atlântica, e está situada na Mesorregião Centro Ocidental do Rio Grande do Sul, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (Censo, 2022). Dados do Sistema Nacional de Recursos Hídricos (SNRH), informam que 66,57% da área de Dona Francisca é banhada pelo Rio Jacuí; 25,27% pelo Arroio Trombudo e 7,79% pelo Rio Soturno.

O Rio Jacuí é maior curso de água doce do interior do Estado, possui cerca de 710 km de extensão, sua nascente está localizada no município de Passo Fundo e desemboca no Delta do Rio Guaíba. Dona Francisca está localizada na Bacia do Baixo Jacuí, Região Hidrográfica da Bacia do Guaíba, áreas que compreendem a Depressão Central e a Encosta Inferior do Nordeste do Rio Grande do Sul (SEMA RS).

As chuvas que atingiram o município de Dona Francisca na catástrofe climática, iniciaram no dia 29 de abril de 2024. Segundo medições do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (CEMADEN - RS), a chuva acumulada no Rio Jacuí, entre 29 de abril e 02 de maio de 2024, foi 550 mm e entre 10 e 13 de maio de 2024, chegou a 750 mm.

A Prefeitura Municipal de Dona Francisca emitiu o Decreto de Calamidade Pública Nº 050/2024, devido aos danos do desastre climático das chuvas extremas. Foram registrados deslizamentos de terra, inundações e enchentes que resultaram em inúmeros desabrigados. Famílias e comunidades ficaram isoladas pelo avanço da água do rio, houve queda de pontes e interdição de estradas.

Além dos danos humanos, materiais e econômicos, cabe destacar o impacto desse evento climático sobre o patrimônio natural, histórico e cultural do território. O Parque Municipal Baldino Tessele, localizado junto ao Porto do Rio Jacuí, que abrigava o “Eco-

museu”, as casas coloniais típicas alemã e italiana e o monumento a Nossa Senhora dos Navegantes, além da biblioteca pública e da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, foram submersos pela enchente. Entre as perdas irrecuperáveis, estão objetos do museu, livros, documentos históricos e fotografias.

2. O Patrimônio Arqueológico

Após as sucessivas enchentes, no mês de junho de 2024, ocorreu a redução do nível da água nas várzeas do Rio Jacuí. A correnteza removeu a camada superficial do solo e provocou erosão em parte das encostas do curso d'água, expondo a céu aberto, grande quantidade e variedade de fragmentos de cerâmica, vestígios líticos e presença de “terra preta de índio”.

Os achados fortuitos foram identificados pelo proprietário da terra que comunicou a Prefeitura Municipal de Dona Francisca e está o Comitê Científico do Geoparque. Foi realizado o salvamento de emergência dos achados fortuitos no dia 14 de junho de 2024, com apoio do Comitê Científico do Geoparque Quarta Colônia UNESCO e, posteriormente, a elaboração do relatório técnico para o registro junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

3. Sobre o Sítio Albino Marzari

O sítio arqueológico foi registrado no Sistema de Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico do IPHAN sob nº RS-4306700-BA-ST-00001. O acervo atual é composto por 136 peças de material lítico e 475 fragmentos de cerâmica e foi mantido no território de origem - Dona Francisca, sob a guarda da Prefeitura Municipal.

O Projeto Cultural “Salvaguarda do Patrimônio Arqueológico da Quarta Colônia – Museu de Dona Francisca”, em execução desde fevereiro de 2025, financiado através do Edital nº 31/2024 PNAB RS – Memória e Patrimônio vai possibilitar da curadoria do acervo e pesquisa arqueológica junto ao sítio, além da criação e implantação do Museu de Arqueologia e da Instituição de Guarda e Pesquisa (IGP).

Conforme relatório técnico de Juliana Soares (2025), responsável pela pesquisa arqueológica no Projeto Cultural, após análise material das peças, o inventário resultou na identificação de 567 peças, oriundas de coleta assistemática, típicas da cultura guarani. Na

etapa de curadoria, houve o arquivamento de peças que não evidenciaram indícios de ação antrópica.

A metodologia de trabalho da pesquisa sistemática de campo, em análise junto ao IPHAN, contempla a identificação e delimitação das poligonais do Sítio Arqueológico e nova prospecção de material no contexto do território, buscando identificar os possíveis hábitos de vida e a forma de ocupação daquele espaço pelas comunidades ancestrais. Também estão previstos testes de datação.

Em consulta as referências bibliográficas sobre a Região do Baixo Jacuí, constatou-se que o Sítio Arqueológico Albino Marzari, já havia sido identificado no ano de 1973, pelos pesquisadores José Brochado e Ignácio Schmitz, por meio do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA).

Na época, foram realizadas coleta superficial e escavação em quatro núcleos, resultando em duas datações que indicam ocupações sucessivas dessa área, uma ocorrida em 1150 +- 70 (SI-2004) e outra em 1450 +- 80 (SI-2203), características da cultura tupi-guarani (SCHMITZ, 2000). O acervo é composto por 2195 peças cerâmicas e 41 líticas, encontrando-se sob a guarda da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O novo projeto de pesquisa arqueológica vai contribuir para ampliação do conhecimento, comparação e interpretação das evidências materiais existentes e pode referenciar hipóteses sobre a migração e movimentação populacional dos povos guaranis no território da atual Quarta Colônia, seja por motivos de autossustentabilidade e recursos naturais, por crenças e espiritualidade ou para fugir de conflitos com aldeias rivais e colonizadores.

4. Patrimônio Cultural e desenvolvimento sustentável do território

Um novo alerta soou na Região da Quarta Colônia. Transcorrido um ano da tragédia climática que atingiu o Rio Grande do Sul, as chuvas intensas e persistentes retornaram ao Estado, entre os meses de maio e junho de 2025, provocando novas enchentes no Rio Jacuí e demais corpos de água, conforme o Decreto Municipal Nº075 de 18 de junho de 2025 e o Decreto Estadual Nº58.178 de 27 de maio de 2025.

A catástrofe climática que revelou o sítio arqueológico Albino Marzari no ano 2024 e a recorrência dos problemas enfrentados, nos instigam a refletir sobre a sustentabilidade do território, nossa relação com os recursos naturais e com a paisagem cultural. Assim como revelou importantes vestígios arqueológicos dos povos originários que viveram nesse território, expõe a necessidade de proteção e preservação do patrimônio natural e cultural.

A criação do museu de arqueologia no município de Dona Francisca, além de reconhecer a presença dos povos indígenas no território, vai permitir experiências cognitivas e estimular a criticidade das pessoas na sua relação com a paisagem e quanto aos usos e costumes dos grupos sociais que viveram próximos ao Rio Jacuí. Por meio de ações de educação patrimonial e difusão do conhecimento, busca a valorização da identidade cultural brasileira e o estímulo ao turismo cultural.

O reconhecimento local, regional e internacional do patrimônio natural e cultural de Dona Francisca, especialmente o patrimônio arqueológico, abrem espaço para opções de empreendedorismo no turismo cultural, na agroecologia e no mercado de bens culturais - artesanato, livros, filmes, música, artes plásticas e espaços culturais. São opções para buscar o desenvolvimento social sustentável do município e do território – no contexto do Geoparque Internacional Quarta Colônia UNESCO.

Conclusão

O projeto cultural busca implementar ações de emergência para a proteção e salvaguarda do patrimônio arqueológico dos povos originários do Rio Grande do Sul e do Brasil, exposto acidentalmente no município de Dona Francisca, em junho de 2024, após a catástrofe climática que assolou a comunidade local e gaúcha.

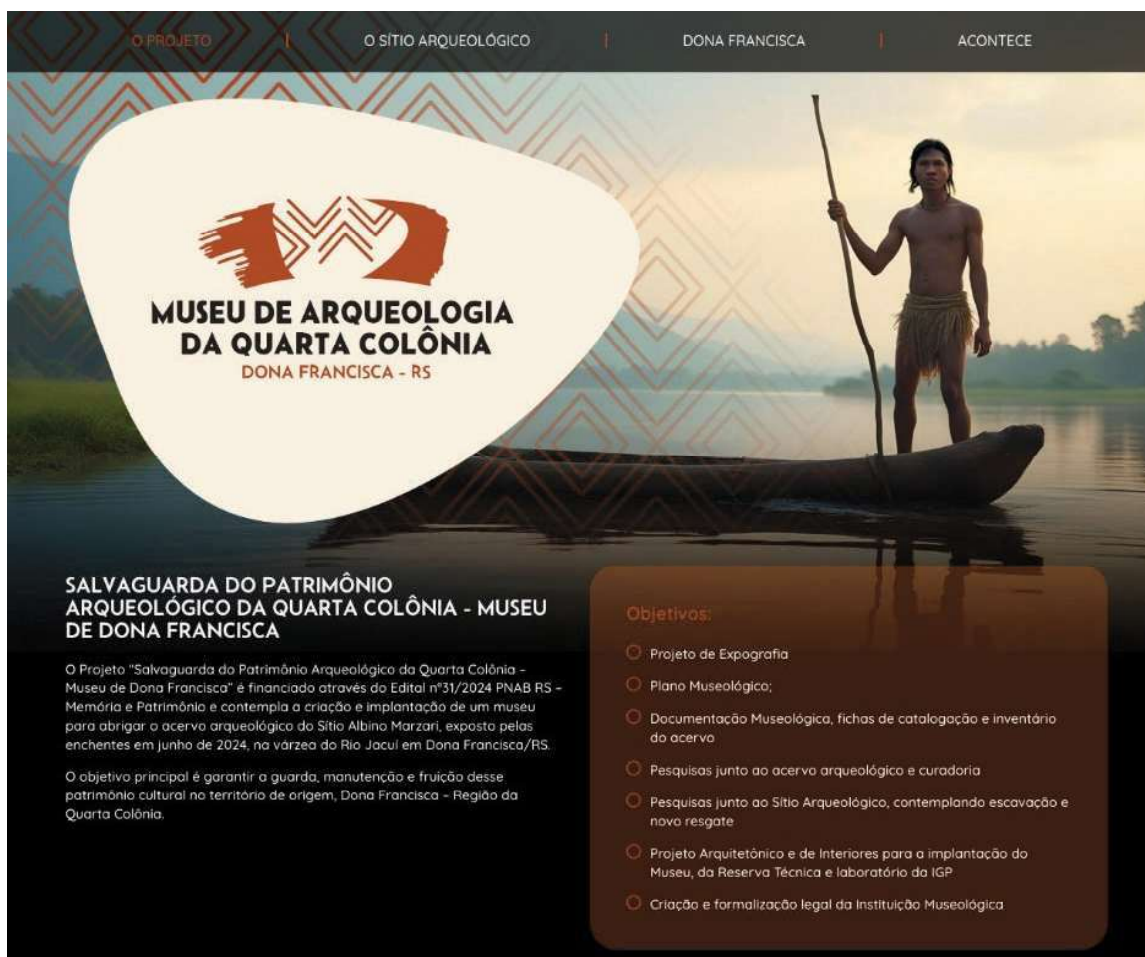
Como produtora cultural e nativa do território, elaborei a proposta com objetivo buscar os recursos financeiros para as pesquisas arqueológicas e criação da instituição museológica, contemplando o Plano Museológico, Projeto de Expografia, Projetos Arquitetônicos para adequações de infraestrutura física para abrigar esse acervo arqueológico, priorizando a guarda, manutenção e fruição em Dona Francisca - Região da Quarta Colônia.

Dona Francisca já possui 32 sítios arqueológicos registrados junto ao IPHAN, além do Sítio Albino Marzari, mas, mesmo assim, há ausência de estudos históricos aprofundados sobre a presença dos povos originários no local/região, pois trata-se de testemunhos significativos dos povos originários do Brasil.

Assim, o projeto cultural vai possibilitar a criação do primeiro Museu de Arqueologia da Quarta Colônia e a Instituição de Guarda e Pesquisa será referência para o aprofundamento dos estudos arqueológicos do Geoparque Quarta Colônia e da Região Central do RS.

Ilustrações

Ilustração 1: Sítio eletrônico do Projeto Salvaguarda do Patrimônio Arqueológico da Quarta Colônia



Fonte: <https://museuarqueoquartacolonia.com.br>

Ilustração 2: Sítio eletrônico do Projeto Salvaguarda do Patrimônio Arqueológico da Quarta Colônia

SOBRE O PROJETO CULTURAL

O projeto busca a qualificação da instituição museológica a ser implantada em Dona Francisca, conforme as recomendações do Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM, disponibilizando uma estrutura permanente, sem fins lucrativos, com acesso gratuito, a serviço da sociedade, com desenvolvimento de pesquisas, organização de coleções, conservação, interpretação e exposição desse patrimônio material e imaterial.

A Prefeitura Municipal de Dona Francisca disponibilizou o local para abrigar a instituição museográfica - Subsolo do Auditório da Antiga Escola São Carlos e após conclusão do projeto vai assumir o Museu, sendo responsável pela manutenção e guarda desse patrimônio arqueológico.

Esse equipamento cultural será referência para salvaguarda do patrimônio arqueológico da Quarta Colônia e para o desenvolvimento de pesquisas sobre os povos originários que viveram na Região Central do RS. Contará com o apoio do Comitê Científico do Quarta Colônia Geoparque Mundial da UNESCO.



ACONTECE

Acompanhe notícias, depoimentos e a execução do projeto Salvaguarda do Patrimônio Arqueológico da Quarta Colônia - Museu de Dona Francisca



MARÇO 6, 2025

VISITA A ALDEIA GUAVIRATY PORÃ

LEIA MAIS



JUNHO 23, 2025

SCHMITZ SERÁ PERSONALIDADE NO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA DA QUARTA
COLÔNIA

LEIA MAIS



JUNHO 23, 2025

MARSUL É PARCEIRO NA
IMPLANTAÇÃO DO MUSEU DE
ARQUEOLOGIA DA QUARTA COLÔNIA

LEIA MAIS

Fonte: <https://museuarqueoquartacolonia.com.br>

Ilustração 3: Redes Sociais do Projeto Salvação do Patrimônio Arqueológico da Quarta Colônia



APOIO:



REALIZAÇÃO:



FINANCIAMENTO:



Fonte: <https://museuarqueoqueartacolonia.com.br>

REFERÊNCIAS

Atuação do CEMADEN diante do Desastre no Estado do Rio Grande do Sul em abril-maio 2024. Ministério da Ciência, Tecnologia e Educação – Governo Federal Brasil. Disponível em https://educacao.cemaden.gov.br/wp-content/uploads/2024/07/CEMADEN-_JMarengo_tragedia_RS.pdf Acesso em 27/11/2024.

Bacias Hidrográficas. Infosambas – Plataforma de dados sobre saneamento básico no Brasil. Disponível em <https://infosanbas.org.br/municipio/dona-francisca-rs/#distribuicao>. Acesso em 23/10/2024.

Dados hidrológicos e bioma de Dona Francisca. Infosambas – Plataforma de dados sobre saneamento básico no Brasil. Disponível em: <https://infosanbas.org.br/municipio/dona-francisca-rs/>. Consulta em 01/08/2024.

Objetivos do Desenvolvimento Sustentável – ODS. Nações Unidas Brasil. Disponível: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/11>. Consulta em 28/11/2024.

Decreto Municipal de Calamidade Pública nº 075/2025. Prefeitura Municipal de Dona Francisca. Disponível em <https://www.donafrancisca.rs.gov.br/2025/legislacao/decretos/decretos-municipais/63> Acesso em 29/06/2025.

Decreto Estadual de Calamidade Pública nº 58.178/2025. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em <https://leisestaduais.com.br/rs/decreto-n-58178-2025-rio-grande-do-sul-homologa-situacao-de-emergencia-nos-municipios-de-dona-francisca-faxinal-do-soturno-e-santa-maria-rs> Acesso em 29/06/2025.

Decreto Municipal de Calamidade Pública nº 050/2024. Prefeitura Municipal de Dona Francisca. Disponível em <https://www.donafrancisca.rs.gov.br/2024/legislacao/decretos/decretos-municipais/63> Acesso em 27/11/2024.

Impactos das Chuvas e Cheias Extremas no Rio Grande do Sul em Maio de 2024. EMATER/RS – Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Boletim Evento Adverso Nº 1. Disponível em <https://estado.rs.gov.br/upload/arquivos/202406/relatorio-sisperdas-evento-enchentes-em-maio-2024.pdf> Consulta em 27/11/2024

Panorama sobre Dona Francisca. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/dona-francisca/panorama>. Acesso em 23/10/2024.

Rio Jacuí. Secretaria do Meio Ambiente do Estado do Rio Grande do Sul – SEMA RS. Disponível em <https://sema.rs.gov.br/g070-bh-baixo-jacui>. Acesso em 23/10/2024.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; ROGGE, Jairo Henrique e ARNT, Fúlvio Vinícius. Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documento 8 / Instituto Anchietano de Pesquisas – 2000. São Leopoldo/RS: UNISSINOS, 2000.

Sistema Integrado de Gestão e Conhecimento - SICG. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Disponível em <https://sicg.iphan.gov.br/sicg/login> Acesso em 22/11/2024.

Sítios Arqueológicos de Dona Francisca. Portal do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/sgpa/cnsa_resultado.php Acesso em 22/11/2024.

SOARES, Juliana. Projeto de Pesquisa Arqueológica – Salvaguarda do Patrimônio Arqueológico da Quarta Colônia - Museu de Dona Francisca. Maio de 2025, Dona Francisca/RS.

SOARES, Juliana e VARGAS, Arianne Gassen. Relatório Parcial 2 Sítio Albino Marzari – IPHAN - Salvaguarda do Patrimônio Arqueológico da Quarta Colônia - Museu de Dona Francisca. Abril de 2025, Dona Francisca/RS.

Museu Território - Quando lembrar é reivindicar: Práticas contra-coloniais dos Kaingang da Aldeia Gyró, Pelotas, RS.

Nicolly Ayres da Silva

Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural; Universidade Federal de Pelotas;
nicollyayrescontato@gmail.com

Diego Lemos Ribeiro

Doutor em Arqueologia; Universidade Federal de Pelotas;
diego.ribeiro@ufpel.edu.br

Resumo: Os museus, historicamente, funcionam como instrumentos coloniais que impõem narrativas hegemônicas e fixam culturas sob uma lógica patrimonialista ocidental. Além disso, são espaços políticos que constroem e mantêm discursos sobre identidade e memória, reforçando relações de poder desiguais e silenciando saberes de povos subalternizados. Laurajane Smith discute como o discurso autorizado do patrimônio legitima certas memórias enquanto apaga outras. James Clifford aponta os museus como zonas de contato, mas com profundas assimetrias de poder. No entanto, comunidades tradicionais têm reivindicado novas formas de musealização que não apenas documentam suas histórias, mas garantem a continuidade de seus modos de vida. A experiência dos Kaingang da Aldeia Gyró, em Pelotas, exemplifica essa resistência ao reivindicar um espaço museal que não se limita à preservação de objetos, mas funciona como ferramenta política de luta pelo direito à terra, fortalecendo a transmissão intergeracional de conhecimentos e rituais. A partir dos conceitos de Cusicanqui e Bispo dos Santos, esse museu não apenas preserva memórias, mas denuncia apagamentos históricos. Permeado pela dor da ausência, seu acervo se baseia no que já não se tem mais: territórios perdidos, práticas interrompidas e memórias apagadas pela colonialidade. Assim, transforma-se em um organismo vivo de resistência e permanência cultural.

Palavras-chave: Colonialidade; Museologia Contra-Colonial; Kaingang da Gyró; Território e Memória; Epistemologias Indígenas.

Abstract: Museums have historically functioned as colonial instruments that impose hegemonic narratives and frame cultures within a Western patrimonialist logic. In addition, they are political spaces that construct and sustain discourses on identity and memory, reinforcing unequal power relations and silencing the knowledge of subalternized peoples. Laurajane Smith discusses how the authorized heritage discourse legitimizes certain memories while erasing others. James Clifford points to museums as contact zones, but with profound power asymmetries. However, traditional communities have claimed new forms of musealization that not only document their histories but also ensure the continuity of their ways of life. The experience of the Kaingang people from Aldeia Gyró, in Pelotas,

exemplifies this resistance by claiming a museal space that goes beyond the preservation of objects, functioning as a political tool in the struggle for land rights, and strengthening the intergenerational transmission of knowledge and rituals. Based on the concepts of Cusicanqui and Bispo dos Santos, this museum not only preserves memories but also denounces historical erasures. Marked by the pain of absence, its collection is based on what no longer exists: lost territories, interrupted practices, and memories erased by coloniality. Thus, it becomes a living organism of resistance and cultural permanence.

Keywords: Coloniality; Counter-Colonial Museology; Kaingang of Gyró; Territory and Memory; Indigenous Epistemologies.

Introdução

A constituição dos museus no Ocidente está profundamente atrelada à lógica colonial de organização do conhecimento e controle social. Desde o surgimento dos primeiros gabinetes de curiosidades até os museus modernos, essas instituições foram responsáveis por definir o que deveria ser lembrado e como as culturas deveriam ser representadas. Com isso, povos indígenas, africanos e outras comunidades historicamente subalternizadas foram sistematicamente silenciados nesses espaços. Segundo Laurajane Smith (2006), o chamado “discurso autorizado do patrimônio” é uma forma de poder que legitima memórias dominantes e invisibiliza narrativas dissidentes.

Nesse contexto, os museus passaram a operar como aparatos ideológicos de formação da nação e como vitrines de uma diversidade domesticada, onde as culturas não europeias são geralmente representadas como exóticas ou como parte do passado. Contudo, a crítica a esse modelo tem gerado fissuras importantes no campo museológico, sobretudo a partir das epistemologias do Sul e das experiências contra-coloniais. James Clifford (1997) destaca que os museus são “zonas de contato”, ou seja, espaços de encontros e tensões, mas também de disputas e assimetrias que precisam ser enfrentadas.

É nesse cenário que emergem iniciativas como a do povo Kaingang da Aldeia Gyró, localizada no município de Pelotas (RS). A criação de um museu-território, por essa comunidade, não se propõe a apenas preservar bens materiais, mas a ativar memórias apagadas, fortalecer a luta pela terra, valorizar saberes ancestrais e, acima de tudo, resistir às múltiplas formas de violência colonial ainda em curso. Inspirado em autores como Silvia

Rivera Cusicanqui (2019) e Antônio Bispo dos Santos (2015), este trabalho parte da ideia de que lembrar é também um ato de reivindicação política.

Metodologia

A pesquisa combina revisão bibliográfica e trabalho de campo ainda muito incipiente. O trabalho de campo se inicia com a projeção de um inventário participativo, metodologia que envolve a comunidade na identificação e ressignificação dos bens culturais relevantes, privilegiando a perspectiva indígena sobre memória e territorialidade. O referencial teórico, para este trabalho, se fundamenta nos estudos de Smith (2006), Clifford (1997), Cusicanqui (2019), Bispo dos Santos (2015) e Domingues (2018), que oferecem subsídios para pensar o patrimônio, a memória e a museologia desde perspectivas decoloniais, além de buscar publicações diretamente desenvolvidas em conjunto ou por sujeitos Kaingangs.

Resultados e Discussões

A constituição da Aldeia Gyró, localizada na zona urbana de Pelotas, é resultado de um processo de resistência e territorialização diante das inúmeras expulsões e negações históricas vividas pelo povo Kaingang. Como aponta Domingues (2018), o território foi conquistado por meio de muita luta e mobilização política, sendo hoje não apenas um lugar de moradia, mas um espaço simbólico de reafirmação identitária. Nesse contexto, o museu-território emerge como resposta à invisibilização e como meio de comunicar às novas gerações os valores, saberes e práticas da cultura Kaingang. A proposta museológica apresentada pela comunidade não se conforma ao modelo tradicional. Trata-se de um museu que se ancora no vivido, no corpo, na oralidade e na espiritualidade e que denuncia, ao mesmo tempo, os apagamentos históricos sofridos. Seu acervo é marcado por ausências: objetos que foram perdidos, práticas interrompidas, lugares transformados. No entanto, essas ausências se tornam também presenças políticas, pois denunciam as cicatrizes deixadas pela colonialidade. Importante frisar, que a escolha do que compõe este acervo ainda está em curso e não finalizada.

A proposta do museu-território se insere na luta mais ampla dos povos indígenas pela autodeterminação e pelo reconhecimento de seus territórios tradicionais. O museu-território

se constitui como um espaço pedagógico, onde a relação com a terra, os saberes dos mais velhos e as memórias da ancestralidade são resgatados e ensinados. Outro ponto essencial é que esse museu não se limita ao espaço físico. Ele é uma extensão do território e das relações que nele se estabelecem, configurando-se como um museu vivo, em constante transformação. A partir do conceito contra-colonial de Bispo dos Santos (2015), podemos compreender esse museu-território como uma ação que não apenas contesta o colonialismo, mas constrói alternativas fora da sua lógica.

Considerações Finais

A museologia tradicional, ao longo da história, impôs um modelo que frequentemente excluiu ou distorceu as memórias dos povos indígenas, convertendo seus bens culturais em peças descontextualizadas dentro de museus convencionais. No entanto, a proposta dos Kaingang da Gyró aponta para uma redefinição desse paradigma, onde o próprio território é reconhecido como museu vivo, dinâmico e politicamente ativo.

O avanço da pesquisa, por meio do aprofundamento do inventário participativo a partir de uma metodologia etnográfica e da maior interlocução com os membros da comunidade, será fundamental para consolidar essa abordagem e contribuir para os debates sobre descolonização na museologia. A experiência da Aldeia Gyró reforça que lembrar é, antes de tudo, um ato de reivindicação, de luta e de ressignificação das memórias apagadas pela colonialidade.

A experiência da Aldeia Gyró nos mostra que o museu pode ser reinventado como prática contra-colonial e como extensão da luta por soberania. Ao construir um museu que se ancora no território e nas práticas vivas, os Kaingang reivindicam o direito de narrar sua própria história a partir de seus referenciais. Eles desafiam a lógica patrimonialista e instauram um museu em movimento, onde lembrar é também denunciar e projetar futuros possíveis dando continuidade a ancestralidade. Assim, o museu-território não é um fim, mas um processo contínuo de reconstrução de mundos.

REFERÊNCIAS

BISPO DOS SANTOS, Antônio. Colonialismo, quilombos: modos e significados. Brasília: INCRA, 2015.

MARTINS, Leonor Pires. James Clifford. Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century. Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, v. 2, n. 2), p. 361-363, 1998.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. Ch'ixinakax utxiwa: A Reflection on the Practices and Discourses of Decolonization. South Atlantic Quarterly, v. 111, n. 1, p. 95-109, 2012.

DOMINGUES, Andressa Santos. Kaingang da Gyró: memória e territorialização na cidade de Pelotas. 2018. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

ROSA, Camila. A luta pela terra como reconstrução cultural entre os Kaingang do RS. Revista Brasileira de Estudos Indígenas, v. 2, n. 1, p. 130-150, 2020.

SMITH, Laurajane et al. O discurso autorizado do patrimônio e a fabricação do Patrimônio Cultural em contextos contemporâneos. Revista Confluências Culturais, v. 12, n. 2, p. 122-135, 2023.

Steinhaus: patrimônio, restauro e financiamento

Daniela Schmitt

Museóloga (UFPel), Mestre em Processos e Manifestações Culturais (Feevale) e Doutora em Memória Social e Bens Culturais (Universidade La Salle); Movimento Curadoria e Projetos Culturais; movimento.dani@gmail.com

Alice Jungblut Braun

Historiadora (Unisinos), Mestranda em História (UFRGS); Movimento Curadoria e Projetos Culturais; alicejbraun@gmail.com

Eduarda Farias da Silva

Graduanda em História (FACCAT); Movimento Curadoria e Projetos Culturais; eduardafarias@sou.faccat.br

Resumo: A *Steinhaus* (Casa de Pedra), localizada em Igrejinha/RS, foi construída em 1862, por Tristão Monteiro e serviu como ponto de referência para os imigrantes alemães e seus descendentes na região do então *Mundo Novo*. Para preservar e evidenciar este símbolo, iniciamos o projeto de restauro em 2017 e, em 2024, foi lançado o projeto de criação do *Museu Steinhaus*. A obra está acontecendo, depois de desafios e incertezas, especialmente na captação de recursos. Apesar dos editais da LIC/RS, a limitação de patrocinadores e a competição com eventos de maior visibilidade dificultam o financiamento de projetos culturais. Torna-se necessário um processo pedagógico junto às empresas, buscando maior flexibilidade de recursos para museus e patrimônio arquitetônico. Concorrer com eventos é um processo desleal. Para que a edificação não ruísse, criamos caminhos alternativos, como parcerias com empresas locais, doações de recursos e empréstimos de equipamentos. O projeto propõe um novo modelo de gestão, destacando soluções de fomento e financiamento adaptáveis a cada instituição museológica, garantindo sua continuidade e função social. A preservação do patrimônio cultural e o avanço das iniciativas museológicas exigem estratégias inovadoras, superando a dependência de leis e editais.

Palavras-chave: Museu Steinhaus. Captação de Recursos. Patrimônio Cultural.

Abstract: The *Steinhaus*, located in Igrejinha, Rio Grande do Sul, was built in 1862 by Tristão Monteiro and served as a landmark for German immigrants and their descendants in the region then known as *Mundo Novo*. To preserve and highlight this symbol, we initiated the restoration project in 2017 and, in 2024, the *Steinhaus Museum* creation project was launched. The work is currently underway, after facing challenges and uncertainties, particularly in securing funding. Despite the availability of LIC/RS, the limited number of sponsors and the competition with higher-profile events make financing cultural projects difficult. It is essential to develop an educational process with companies, aiming for greater flexibility in funding for museums and architectural heritage. Competing with large events is an unfair process. To prevent the building from deteriorating, we created alternative paths, such as partnerships with local businesses, financial donations and equipment loans. The project proposes a new management model, emphasizing adaptable funding and support solutions for each museum institution, ensuring its sustainability and social role. Preserving

cultural heritage and advancing museum initiatives requires innovative strategies that go beyond reliance on laws and public grants.

Keywords: Steinhaus Museum. Fundraising. Cultural Heritage.

Patrimônio

A Casa de Pedra possui grande importância para o Vale do Paranhana. Enquanto moradia, estabelecimento comercial ou centro cultural a *Steinhaus* nunca deixou de ser um ponto de encontro da comunidade. A Casa foi e é parte do cotidiano das pessoas, é um marco histórico não só da cidade de Igrejinha, mas de toda região.

Em 1860, Tristão Jozé Monteiro (1816 - 1892) promoveu a construção de um prédio de alvenaria em estilo português para servir de entreposto da colonização da Fazenda Mundo Novo, devido a sua facilidade de contato com a serra e com a cidade. Por ser a primeira edificação de pedras com reboco da região, a construção recebeu o nome de “Steinhaus”, de onde deriva o nome “Casa de Pedra”. Feita com pedras retiradas das proximidades da Casa, a construção teria durado cerca de um ano e meio, sendo concluída em 1862.

A *Steinhaus* recebia os imigrantes alemães e, principalmente, seus descendentes, a segunda geração de colonos, que vinham de São Leopoldo buscando novas terras para se estabelecerem. Anos depois, após o falecimento de Tristão Monteiro, a casa foi vendida por seus herdeiros e a partir deste momento contou com diversos proprietários e locatários. Ao longo de sua história, a *Steinhaus* exerceu funções variadas. Serviu como barbearia, comércio, açougue, consultório dentário, fábrica de salames e cervejaria, por exemplo. Foi usada como escola de maneira provisória por dois anos e sediou diversos bailes da comunidade.

Em 1969, a Casa de Pedra foi comprada pela Sociedade de Canto 13 de Janeiro. Em 8 de dezembro do mesmo ano, a Sociedade determinou que o prédio seria demolido e organizou um baile de despedida para arrecadação de fundos para construir a nova sede. Buscando preservar a construção histórica, vários setores da comunidade se posicionaram impedindo a demolição, entre eles: Lions Clube, Rotary Clube, CTG Fogão Gaúcho de Taquara e Maçonaria.

Em 12 de junho de 1974 a *Steinhaus* tornou-se Patrimônio Histórico do Município de Igrejinha e em 31 de outubro do mesmo ano o Governo Estadual desapropriou a sede. Desde 1979, o prédio abriga o CTG Sentinela da Tradição.

No ano de 1987, a Casa de Pedra deu nome ao bairro onde se localiza, limitando-se ao norte com o Bairro XV de Novembro, ao sul com o município de Taquara, ao leste com a rodovia RS 115 e ao oeste com o Rio Paranhana. Em 1996, a *Steinhaus* tornou-se

responsabilidade do Município de Igrejinha e, em 23 de dezembro de 2010, foi declarada como Patrimônio Cultural do Estado do Rio Grande do Sul.

Restauro e financiamento

De casa à comércio, dos bailes de kerb aos bailes do CTG, a história da Casa de Pedra continua sendo escrita. A *Steinhaus* comunica além da própria trajetória e, por isso, o Projeto de Restauração busca a preservação da história da região.

Além do restauro da edificação, o projeto tem investido em pesquisa histórica junto às obras e prevê a entrega de um museu. Em julho de 2024 foi assinado o pedido da lei de criação do *Museu Steinhaus*. A obra de restauro iniciada em 25 de julho de 2023 foi retomada em novembro de 2024 e em junho de 2025 foi criada a *Associação de Amigos da Steinhaus*, com o objetivo de facilitar a captação de recursos e pensando no futuro da edificação.

Com muitos desafios e incertezas, especialmente na captação de recursos, a obra está em andamento, evidenciando a necessidade de políticas públicas mais eficazes para o patrimônio. Para isso, foi necessário adotar uma abordagem diferente, pois entendemos que cada instituição museológica precisa adaptar-se à sua realidade diante dos desafios financeiros. É essencial pensar e agir de forma inovadora, garantir seu sucesso assegura sua continuidade, permitindo que se tornem atores sociais em suas comunidades e cumpram efetivamente sua função social.

Para evitar o colapso da edificação, criamos caminhos alternativos, como parcerias com empresas locais, doações da população civil e de empresários e empréstimos de equipamentos. Apesar dos editais da *LIC/RS*, a escassez de patrocinadores e a concorrência com eventos de maior visibilidade dificultam o financiamento de projetos culturais. Competir com eventos é um processo desigual, pois os patrocinadores buscam visibilidade e projetos fora da capital ou de grandes instituições nem sempre atendem a esse objetivo. Torna-se necessário, portanto, um trabalho pedagógico junto às empresas, buscando maior flexibilidade de recursos para museus, patrimônio material e imaterial, e/ou acervos.

Até o momento, não utilizamos leis de incentivo, apenas patrocínio direto. Nosso projeto está habilitado na *Rouanet Emergencial RS*, aguardando ser selecionado por um patrocinador na divisão dos lotes de patrocínio, conforme exige o edital. Há mais de 400 projetos no Rio Grande do Sul aptos a captar recursos, com patrocinadores concentrados em Porto Alegre e cidades históricas, abrangendo desde grandes festivais até iniciativas locais de

preservação e arte comunitária. Na primeira e segunda etapas de seleção, já foi possível

confirmar nossa observação sobre a preferência dos patrocinadores: a maioria dos projetos contemplados é da capital (Porto Alegre), de instituições e personalidades consagradas ou de eventos de grande porte.

Nosso intuito não é deslegitimar a importância desses projetos, muito menos afirmar que eles se restringem aos grandes centros - já que há iniciativas contempladas também fora das regiões metropolitanas e históricas - mas, sim, apontar a tendência que dificulta a captação de recursos.

O projeto *Steinhaus* propõe um novo modelo de gestão, destacando soluções de fomento e financiamento adaptáveis a cada instituição museológica, garantindo sua continuidade e função social. Além disso, busca demonstrar a necessidade de um projeto pedagógico que mostre às empresas que a economia cultural também se desenvolve fora dos eixos tradicionais e das grandes cidades. O interior e as pequenas localidades também consomem cultura e precisam dela, representando um campo de visibilidade para essas empresas. Concluimos que a preservação do patrimônio cultural e o avanço das iniciativas museológicas exigem estratégias inovadoras, superando a dependência exclusiva de leis e editais.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lacy Maria; CASADO, Irene Luciana. **Taquara de Tristão José Monteiro**. Taquara/Porto Alegre: Pratika/Palloti, 1986.

BRUSIUS, Marina; FLECK, Sigrid Izar. **Igrejinha**: história que o tempo registra. Igrejinha, 1991.

ENGELMANN, Erni Guilherme (Org.). **A Saga dos Alemães**: do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo. Helmut Burger (coord. da trad. e revisão); Marisabel Lehn (coord. da rev. em português); Tradução de Gessy Deppe, Lily Clara Koetz, Ilson Kayser. Igrejinha: E. G. Engelmann, 2005, Volume I.

ENGELMANN, Erni Guilherme (Org.). **A Saga dos Alemães**: do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo. Helmut Burger (coord. da trad. e revisão); Marisabel Lehn (coord. da rev. em português); Tradução de Gessy Deppe, Lily Clara Koetz, Ilson Kayser. Igrejinha: E. G. Engelmann, 2005, Volume II.

FERNANDES, Doris Rejane. Dos caminhos de tropeiros às moradas de favor, às fazendas, à cidade de Taquara: História do século XVIII ao XX. In: REINHEIMER, Dalva *et al.* **Caminhando pela cidade**. Porto Alegre, RS: Evangraf, 2011, p. 15 – 34.

FERNANDES, Dóris Rejane. Povoamento pioneiro das Terras do Mundo Novo. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel; SOBRINHO, Paulo Gilberto Mossmann (orgs.). **Raízes de Taquara**. Porto Alegre: EST, 2008. Vol. I, p. 26-32.

FERNANDES, Dóris Rejane. Tristão Monteiro e o projeto colonizador do Mundo Novo. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel; SOBRINHO, Paulo Gilberto Mossmann (orgs.). **Raízes de Taquara**. Porto Alegre: EST, 2008. Vol. I, p. 33-42.

FUNARI, Pedro Paulo A. Fontes arqueológicas. Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2ª ed., São Paulo, Contexto. 2006. p. 81-110.

GEIS, Gelusa Lana; HENRIQUES, Paulina A. Tristão Monteiro e a Casa de Pedra. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel; SOBRINHO, Paulo Gilberto Mossmann (orgs.). **Raízes de Taquara**. Porto Alegre: EST, 2008. Vol. I, p. 48-54.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. História, Memória e Patrimônio. In: OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de (Org.). **Universidade e lugares de memória**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Fórum de Ciência e Cultura. 2008. p. 17-51.

MACHADO, Jaqueline Aparecida. Casa de Pedra. In: REINHEIMER, Dalva Neraci; SMANIOTTO, Elaine. **160 Anos Cultura Alemã em Igrejinha**. Igrejinha: Amifest e SME, 2007, p.16-25.

SANDER, Berenice Fülber; MOHR, Flávia Corso (org.). **Igrejinha**: uma história em construção. Igrejinha, 2004.



GT 6

Museologia, Diversidade e Diferença



A Museologia Crítica como aporte teórico-reflexivo aos museus de arte frente a comunicação da produção de artistas mulheres

Amália Ferreira Meneghetti

Mestra em Museologia Patrimônio (UFRGS)
meneghetti.amalia@gmail.com

Ana Maria Albani de Carvalho

Doutora em Artes Visuais - História Teoria e Crítica de Arte
(Pós-Graduação em Artes Visuais - Instituto de Artes, UFRGS)
ana_albanidecarvalho@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo tem como objetivo expor uma reflexão acerca da postura dos museus de arte diante da produção de artistas mulheres, grupo social e historicamente marginalizado no campos das artes. Nesse sentido a pesquisa focou no Programa Expositivo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS), fazendo um levantamento das exposições realizadas entre 1983 e 2022. Observou-se que, a partir dos dados levantado e do arcabouço teórico utilizado, os museus de arte ainda apresentam um descompasso em relação a comunicação da produção de artistas mulheres. Mesmo que temáticas como feminismo e igualdade de gênero encontrem na atualidade um espaço maior para debate, os museus ainda carecem de mais exposições que, não somente comuniquem a produção de artistas mulheres, mas que também desconstruam o imaginário sociocultural que naturaliza a ausência, o silenciamento ou a disparidade nos graus de reconhecimento e visibilidade da produção e trajetória profissional das artistas mulheres. Nesse sentido a Museologia Crítica, que foca em museus de arte, se apresenta como um alternativa de reflexão à instituições museais que desejem ter, como postura institucional, um real compromisso em fomentar a reflexão e emancipação dessa minoria, incluindo portanto a produção de artistas mulheres a história da arte tida como oficial.

Palavras-chave: Museologia Crítica; Artistas Mulheres; Exposições; MARGS

Abstract: This article aims to present a reflection on the stance of art museums regarding the work of women artists a socially and historically marginalized group in the field of arts. In this context, the research focused on the Exhibition Program of the Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS), surveying the exhibitions held between 1983 and 2022. The findings, based on collected data and the theoretical framework employed, indicate that art museums still exhibit a disconnect in their representation of women artists' work. Although themes such as feminism and gender equality now have a broader space for debate, museums still lack sufficient exhibitions that not only showcase the work of women artists but also deconstruct the sociocultural imaginary that normalizes their absence, silencing, or disparities in recognition and visibility of their production and professional trajectories. In this sense, Critical Museology, which focuses on art museums, emerges as a reflective alternative for museum institutions that wish to adopt, as part of their institutional stance, a genuine commitment to fostering reflection and emancipation for this minority thus including the work of women artists in the officially recognized history of art.

Keywords: Critical Museology; women artists; exhibitions; MARGS

Introdução

A pesquisa sobre o posicionamento dos museus de arte diante da produção de artistas mulheres, que deu origem a esse artigo, nasceu do incomodo com a enorme diferença da presença, e também das ausências, das artistas mulheres nas exposições e coleções dos museus. Diante disto, o objetivo da pesquisa passou a ser compreender como os museus de arte tem comunicado produção de artistas mulheres, através das exposições que realiza.

Foram analisados vinte anos de exposições do MARGS - de 1983 a 1991, de 1995 a 1996, e posteriormente de 2011 a 2022. O período entre as décadas de 1980-1990 abrange o momento em que o MARGS foi gerida por diretoras mulheres (Evelyn Berg Ioschpe de 04/1983 a 03/1987; Mirian Avruch de 07/1988 a 02/1991 e Romanita Disconzi de 1995 a 1996), e o período entre 2011 e 2022 o museu foi gerido por homens, mas apresentou exposições com uma abordagem feminista do acervo do MARGS e da história da arte. Levantar duas décadas de exposições não apenas permite o conhecimento de obras que foram exibidas e a presença das artistas mulheres nas exposições, mas também oferece uma visão comparativa entre a gestão realizada por mulheres e homens, e se essa diferenciação teve algum impacto nas exposições realizadas.

A ausência de artistas mulheres em exposições museais

De acordo com autoras como Linda Nochlin (1971), Germaine Greer (1979) e Griselda Pollock (2003), a produção de artistas mulheres não possui a mesma presença nos acervos dos museus ou em exposição não porque não tivemos artistas mulheres de excelência, talento ou dom, o que acontecia é que elas não eram homens. Ao dizer que elas não eram homem, não falamos apenas nos parâmetros ocidentais para definição do que é a verdadeira arte, e como um artista deveria trabalhar e ser, mas também é escancarar uma série de privilégios sociais que ao longo do tempo possibilitaram aos homens – e que impossibilitaram as mulheres, se tornarem artistas profissionais. Mulheres não tiveram o mesmo acesso as escolas de belas artes que seus pares – em 1897, em Paris, as mulheres tivesse acesso as aulas na *École des Beaux-Arts*, e no Brasil, elas tiveram acesso em 1892 na Escola Nacional de Belas Artes –, e mesmo quando passaram a ter, não podia acessar as aulas de modelo vivo em função do nu. Além do acesso, precisamos considerar que, social e culturalmente, era esperado que as mulheres casassem, cuidassem de seus maridos e filhos, relegada ao ambiente doméstico e privado, impedindo de ter qualquer interesse ou compromisso que não fosse a família. Percebemos portanto que apenas esses dois exemplo, mostram um contexto muito

mais complexo que não permitia que mulheres se tornassem artistas profissionais, indiferente de sua vontade.

E mesmo diante de um quadro de enorme dificuldade, existiram diversas artistas ao longo do tempo, e que por não serem homens, então o padrão da arte dominante, foram simplesmente obliteradas da história da arte, igualmente escrita por autores homens. Se essas artistas foram ignoradas pela historiografia da arte hegemônica, é compreensível que exista alguma dificuldade em expor artistas mulheres, visto que a memória de sua produção foi apagada, o que impacta seu grau de reconhecimento e seu valor de exibição e interesse por parte das diferentes instâncias do sistema da arte.

A museologia crítica como aporte teórico-reflexivo aos museus de arte

Museus são instituições responsáveis como pesquisar, salvaguardar e comunicar o patrimônio à sociedade, e a partir do momento em que um acervo de museu não contempla a produção de artistas mulheres, ele já está negando a esse grupo sua memória e importância social. Devemos lembrar que o surgimento dos museus dentro do contexto do Estado-nação na Revolução Francesa ajudou a construir e a manter narrativas e discursos lineares, positivistas, nacionalistas, androcêntricos, heteronormativos, da perspectiva europeia, branca, de classe alta/burguesa e cientificista. No entanto, desde o marco da Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1972, vemos a Museologia modificando diversos de seus paradigmas, entre eles, focando muito mais nas pessoas e no social. Nesse contexto podemos trazer a Museologia Crítica como uma vertente museológica que foca em museus de arte, como um aporte teórico e reflexivo para os museus na atualidade. Os autores Jesús Pedro Lorente (2003) e Carla Pedró (2003), apresentam a Museologia Crítica como uma proposição aos museus de arte que desejam fazer de sua instituição um espaço aberto ao diálogo e ao verdadeiro protagonismo de minorias. Entendendo o Museu como uma arena de disputas de poder de construção de discursos, torna-se necessário repensar e modificar a cultura institucional dos museus para que eles possam ser um espaço verdadeiramente aberto às diferentes, possibilitando assim a construção de novas e diversificadas narrativas. Pedro (2003), vai além e propõe que haja, por parte dos museus, a construção de um posicionamento institucional, onde seja parte dessa instituição, dar o devido protagonismo aos esquecidos e silenciados, dando-lhes mais do que voz, mas seu lugar e real importância.

A comunicação da produção de artistas mulheres no MARGS

No contexto da modernidade cultural, os museus de arte desempenharam uma função central nos processos de construção e reconhecimento do que era – e ainda é – reconhecido como arte legítima, valorizada por uma determinada sociedade ou comunidade. Nestes termos, a arte conservada e, principalmente, as obras efetiva e reiteradamente expostas funcionam como guias para o que é efetivamente entendido como “arte de valor”.

Em outras palavras, a importância das exposições para que o museu se comunique com seu visitante passa a ser peça central ao olharmos para a postura e discurso dessa instituição diante de determinado tema.

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul, criado em 1954, é um museu estatal, vinculado a Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul. Localiza-se no Centro Histórico da Cidade de Porto Alegre, e é, oficialmente, o responsável por salvaguardar, pesquisar e comunicar a produção artística do Rio Grande do Sul.

Durante o processo de pesquisa, além do levantamento de dados sobre o programa expositivo do MARGS, também foi realizado um levantamento em relação a documentação museológica do museu com o fim de observar se ele, por exemplo, um Plano Museológico.

Constatou-se que o Museu não tinha Plano Museológico, mas apresenta uma série de diretrizes para seu funcionamento, tais como: Política de Exposições, Política de Acervos e um Comitê de Curadoria, além da definição da Missão, Objetivos, Funções e Valores do Museu. Especificamente na Política de Exposições temos o Eixos do Programa Artístico-expositivo, onde encontramos o Eixo Histórias Ausentes, que é onde podem ser exploradas as questões que cercam a produção de artistas mulheres, pois o Programa é voltado para projetos de resgate, memória e revisão histórica que procura conferir visibilidade e legibilidade a manifestações e narrativas artísticas àqueles não plenamente visibilizados no sistema da arte e/ou pelos discursos dominantes da historiografia.

Em relação aos dados relacionados às exposições realizadas no MARGS durante os 20 anos, das 563 exposições totais, 188 contaram com pelo menos a presença de uma artista mulher em exposições coletivas, enquanto que 121 exposições foram individuais de artistas mulheres. Em porcentagens, podemos afirmar que, em 20 anos de exposições realizadas pelo/no MARGS, o total de exposições que contaram com a presença de pelo menos uma artista mulher representam 33% das exposições produzidas, enquanto que as exposições individuais de mulheres artistas representam 21,5%.

Esse número é baixo se comparado com seu total e evidencia que os museus ainda seguem em *déficit* em relação a comunicação da produção das artistas mulheres. Se não temos exposições sobre a produção de artistas mulheres ou sobre artistas mulheres colaboramos para

o seu apagamento e silenciamento, negando-lhes seu direito a memória e reconhecimento,

ignorando sua participação nos processos histórico, cultural e social.

Além disso vale ressaltar que entre 2011 e 2022 tivemos as primeiras exposições realizadas no museu com foco na produção de artistas mulheres a partir de uma perspectiva feminista, onde se discutiu a baixa presença delas nos acervos do museus de arte, bem como a desigualdade de visibilidade de sua produção em exposições se compara a produção dos artistas homens. As referidas exposições são: O Museu Sensível: uma visão da produção de artistas mulheres na coleção do MARGS (2011/2012, curada pelo então diretor Gaudêncio Fidelis), Útero, Museu e Domesticidade: Gerações do Feminino na Arte (2014, com curadoria de Ana Zavadil, na gestão de Gaudêncio Fidelis) e Gostem ou não – Artistas mulheres no acervo do MARGS (2019/2020, com curadoria de Cristina Barros, Marina Rocantto, Mel Ferrari e Nina Sanmartin, na gestão de Francisco Dalcol).

Considerações finais

As iniciativas expositivas do MARGS em relação a artistas mulheres foram interessantes e válidas, importantes para seu histórico institucional. No entanto, os dados da pesquisa apontam o museu que ainda pode avançar bastante em relação ao período pesquisado, e mais ainda ao período de existência da instituição, que é de mais de 70 anos. Entende-se que existe um descompasso em praticamente todos os museus de arte quando a temática se volta para as questões de gênero em uma perspectiva do(s) feminismo(s) (interseccional, negro, lésbico, etc). No entanto, existe uma movimentação por parte da instituição gaúcha e do meio museal em tomar essa discussão para si, inserido que está nos debates contemporâneos gerados pelas viradas decoloniais, pelas perspectivas críticas assumidas pela historiografia da arte mais recente, pelo aporte de estudos e pesquisas que enfocam o tema e também pela emergência de um número significativo de pesquisadoras, curadoras e produtoras de arte interessadas no tema. Assim, desejamos que o Museu – enquanto instituição pública, para além de gestões ou programas pontuais – possa fazer este esforço de modo sistemático, para além de uma possível “moda” temporária de expor e discutir esses temas, assumindo a participação das mulheres como cultura organizacional de maneira a dar às mulheres o lugar e o protagonismo que lhes é de direito.

REFERÊNCIAS

GREER, Germaine. *The Obstacle Race. The Fortunes of Women Painters and Their Work*. Farrar Satraus Giroux. New York: 1979.

LORENTE, Lorente Jesús-Pedro, ALMAZÁN, David. *Museología Crítica y Arte Contemporánea*. Zaragoza: Prensas Universidad de Zaragoza, 2003.

MENEGHETTI, Amália Ferreira. O posicionamento institucional do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli diante da produção de artistas mulheres (entre 1983 e 2022). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2024. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10183/276816> >. Acessado em março de 2025.

NOCHLIN, Linda. Why have there been no great women artists? *Art Nwe*, janeiro e 1971, p.22-39, reimpresso em *Women Art and Power and Other Essays*, Londres, Thames and Hudson, 1989, p. 145-177.

PEDRÓ. Carla. La museología crítica como una forma de reflexion sobre los museos como zonas de conflito e intercambio. LORENTE, Lorente Jesús-Pedro, ALMAZÁN, David. *Museología Crítica y Arte Contemporánea*. Zaragoza: Prensas Universidad de Zaragoza, 2003.

POLLOCK, Griselda. “Vison, voice and Power. In: *Vision and Difference. Feminism, femininity and the histories of art*. UK: Routledge, 2003.

Exposição “Vivências Indígenas na Pandemia da Covid-19” do Museu Diários do Isolamento

Mariana Brauner Lobato

Doutoranda em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Antropologia;
Universidade Federal de Pelotas;
marianabl1897@gmail.com

Miriã da Mota de Souza

Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural no Programa de Pós-Graduação em
Memória Social e Patrimônio Cultural; Universidade Federal de Pelotas;
miriamotamuseo@gmail.com

Camila de Macedo Soares Silveira

Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural no Programa de Pós-Graduação pelo
Memória Social e Patrimônio Cultural; Universidade Federal de Pelotas;
msscamilahotmail.com

Daniel Maurício Viana de Souza

Doutor em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul; Universidade Federal de Pelotas;
danielmvsouza@gmail.com

Resumo: O Museu Diários do Isolamento (MuDI) foi criado durante a pandemia da Covid-19, sendo um museu universitário virtual voltado à valorização das vivências no período de isolamento social. Por meio do site institucional e das redes sociais como o Instagram e o Youtube, tem desenvolvido ações de educação museal e memória social. Entre estas ações, destaca-se a exposição virtual Vivências Indígenas na Pandemia da COVID-19, tema deste trabalho. A exposição é fruto do evento “Memórias e Vivências Indígenas na Pandemia da COVID-19”. A exposição teve como tema elucidar os impactos da pandemia nas comunidades indígenas, como a falta de acesso à saúde e as invasões territoriais, além de dar visibilidade às estratégias de resistência, resiliência e às práticas culturais desses povos. A curadoria foi construída de forma colaborativa com base nos princípios da Museologia Social e o ambiente universitário que abriga o museu. Este texto compartilha a experiência de construção da exposição e propõe reflexões sobre seus desafios, aprendizados e possibilidades para práticas curatoriais mais comprometidas com o diálogo intercultural, a justiça social e a escuta de memórias diversas.

Palavras-chave: Museologia Social. Povos Indígenas. Pandemia COVID-19. Museu Virtual. Memória.

Abstract: The Museu Diários do Isolamento (MuDI/UFPel) was created during the COVID-19 pandemic, as a virtual university museum focused on valuing experiences during the period of social isolation. Through its institutional website and social networks such as Instagram and YouTube, it has developed museum education and social memory actions. Among these actions, the virtual exhibition Indigenous Experiences in the COVID-19 Pandemic, the theme of this work, stands out. The exhibition is the result of the event “Indigenous Memories and Experiences in the COVID-19 Pandemic”. The exhibition's theme was to elucidate the impacts of the pandemic on indigenous communities, such as the lack of access to health care and territorial invasions, in addition to giving visibility to the strategies of resistance, resilience, and cultural practices of these peoples. The curation was built collaboratively based on the principles of Social Museology and the university environment that houses the museum. This text shares the experience of constructing the exhibition and proposes reflections on its challenges, lessons learned and possibilities for curatorial practices more committed to intercultural dialogue, social justice and listening to diverse memories.

Keywords: Social Museology. Indigenous Peoples. Pandemic COVID-19. Virtual Museum. Memory.

Introdução

O Museu Diários do Isolamento (MuDI) surgiu no contexto da pandemia da COVID-19, no final de 2021. É um museu universitário em formato virtual, vinculado à Universidade Federal de Pelotas, funcionando por meio do site institucional e de redes sociais. O Museu atua com base na Museologia Social, que proporciona o acesso democrático à informação e na valorização de diferentes narrativas, sempre embasado no rigor científico. Desde a sua criação, o MuDI buscou criar espaços para reflexões e para o diálogo sobre como a pandemia impactou diferentes grupos sociais, através de ações que dão visibilidade a histórias que frequentemente passam despercebidas dos registros oficiais.

A curadoria do Museu têm caráter dinâmico, colaborativo e participativo, considerando a rotatividade da equipe e o contexto universitário. O MuDI percebe o museu como um lugar de ouvir, acolher e possibilitar a construção conjunta da memória. Ao reconhecer que a pandemia foi um evento traumático vivido de formas desiguais, a instituição propõe um espaço de resistência simbólica e de união de laços pela memória comum. Aqui, reafirma sua resistência à desinformação e às fake news que circularam no período pandêmico, também acenderam contra a desinformação. Além disso, reafirma seu compromisso com as ciências e com a produção de conhecimento confiável.

Entre os trabalhos realizados pelo MuDI em 2024, tratamos aqui acerca da exposição virtual “Vivências Indígenas na Pandemia da COVID-19”, realizada de agosto de 2024 a março de 2025. A exposição foi resultado do evento “Memórias e Vivências Indígenas na Pandemia da COVID-19” nos dias 6 e 7 de março de 2024. Nele, realizaram-se apresentações e roda de conversa com lideranças indígenas e pesquisadores da área, além de exibição de produções audiovisuais sobre os impactos da pandemia nas comunidades, como o vídeo “Como a pandemia atinge quem vive em terras não demarcadas?” e o longa “A Última Floresta”, de Luiz Bolognesi. Deste modo, o objetivo principal deste artigo é relatar a experiência da construção dessa exposição, refletindo sobre seus desafios e potências.

Desenvolvimento

A partir das falas no evento, foram definidos os eixos da exposição, que trataram de temas como os efeitos da COVID-19 nas aldeias, as respostas das comunidades indígenas à crise sanitária, o diálogo entre saberes tradicionais e ciência ocidental e as estratégias de cuidado coletivo. A metodologia adotada para a exposição, de natureza qualitativa, fundamenta-se nos princípios da Museologia Social. A curadoria teve início a partir da análise das vivências e saberes relatados durante o evento, com atenção à ética, ao consentimento e valorização da narrativa oral e audiovisual. Participaram do evento palestrantes Reinaldo Tilmann, ativista social e indigenista, professor aposentado da Universidade Católica de Pelotas na área de Direito Público; Gildo Gomes da Silva, Cacique da Aldeia Guarani Tekoa Para Hoke; e Jorge Eremites de Oliveira, professor e arqueólogo da Universidade Federal de Pelotas. As contribuições desses interlocutores trouxeram profundidade e diversidade às discussões, oferecendo múltiplas perspectivas sobre o tema.

A exposição foi desenvolvida em formato virtual, por meio de três nichos temáticos, e projetada na plataforma WordPress, com acesso disponível para smartphones, tablets e computadores. Foram considerados critérios de acessibilidade, precisão e preservação digital, visando ampliar o acesso e a disseminação dos conteúdos. Assim, na apresentação da exposição Vivências Indígenas na Pandemia da COVID-19, buscou-se contribuir para o debate sobre o lugar dos museus universitários na criação de espaços de diálogo intercultural, de escuta ativa e de enfrentamento das desigualdades históricas.

A exposição foi estruturada em três nichos temáticos. O primeiro, intitulado “Memórias e Vivências Indígenas na Pandemia”, teve como foco a valorização das experiências singulares das comunidades indígenas durante os anos de 2020 a 2023. O

objetivo foi preservar e dar visibilidade às narrativas desses povos, destacando os desafios enfrentados em um momento de crise sanitária, social e política, e reafirmando a importância de suas memórias coletivas. O segundo nicho, “Multiplicidade dos Povos Indígenas: Figuras de Luta e Liderança”, apresentou um panorama da diversidade dos povos indígenas no Brasil, por meio de dados estatísticos e aspectos linguísticos. Também foram evidenciadas figuras importantes da cultura, ciência e política que atuaram na defesa dos direitos indígenas, revelando a riqueza e a complexidade das trajetórias de luta e liderança que compõem o indigenismo no país.

Por fim, o terceiro nicho, “Impactos da Pandemia e Resiliência Indígena”, abordou os efeitos da COVID-19 nas aldeias, incluindo o acesso desigual à saúde, a cobertura da pandemia e os desafios específicos vivenciados pelas comunidades. Foram destacadas ainda questões como a vacinação e sua articulação com os saberes tradicionais, além de reflexões sobre a crise climática e o papel dos povos indígenas na preservação ambiental. A exposição reafirma, assim, a força e a resistência dos povos originários diante das adversidades, convidando à escuta atenta e ao reconhecimento de suas vozes.

Para o desenvolvimento da exposição a equipe iniciou com a pesquisa sobre o tema e as reivindicações naqueles anos. Foram feitas buscas principalmente em sites de notícias, e um grande destaque para as mídias de comunicação alternativa geridas por pessoas indígenas e apoiadores da temática, que relataram com maior detalhamento as realidades ocorridas. A partir desta busca foi promovido um evento aberto com convidados para palestrar e discutir a temática com pessoas indígenas e pessoas que trabalham ativamente em comunidades indígenas, para basilar como seria organizada a exposição por temas e os relatos destes palestrantes.

Conclusão

O MuDI foi criado durante a pandemia de COVID-19, e desde sua criação eram sempre debatidos temas relevantes que deveriam ser abordados no Museu para promover a discussão e pensamento crítico dos visitantes. Dentre essas potencialidades temáticas a serem exploradas, a questão indígena era uma desafiadora e necessária a ser mostrada no Museu, esse tema vem sendo abordado em diferentes instituições, como um reflexo das mobilizações

sociais que estão presentes no Brasil. As reivindicações dessas populações por visibilidade e justiça social, são foco de fórum sociais, ações coletivas e de pressão para criação de políticas públicas para esses grupos.

No contexto abordado pelo Museu e por esta exposição — compreendendo os anos entre 2020 e 2023, período correspondente ao auge da pandemia de COVID-19 segundo dados da Organização Mundial de Saúde —, é importante destacar que essa delimitação temporal não representou o fim das contaminações nem das mortes causadas pela doença. Em meio a essa crise sanitária global, grupos historicamente marginalizados enfrentaram impactos distintos e mais severos. Além das preocupações com o contágio e a espera pelas vacinas, os povos indígenas foram alvo de ataques direcionados promovidos pelo governo do então presidente Jair Bolsonaro.

Portanto, a exposição relata como a população vivenciou o momento traumático da pandemia, ao mesmo tempo referindo outros dilemas atuais como a criação do Ministério dos Povos Indígenas e a representação social e política. Também foi brevemente abordada a crise climática e as enchentes que afetaram o Rio Grande do Sul em Abril de 2024. Uma potencialidade em destaque que foi explorada pelo museu através das redes sociais foi a valorização cultural, divulgando artistas como músicos e escritores e artistas indígenas. O relato desta iniciativa visa enaltecer a necessidade de tratar e divulgar as reivindicações e histórias das comunidades indígenas no Brasil, que ainda sofrem de uma invisibilidade histórica, com essa iniciativa também propomos que mesmo com os receios e as inseguranças de muitos espaços culturais em começar a tratar desta temática.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Mauricio Lima et al. O que é urgente e necessário para subsidiar as políticas de enfrentamento da pandemia de COVID-19 no Brasil?. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, p. e200032, 2020.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. Companhia das Letras, São Paulo, 1ª edição, 2020.

LEWIS, Geoffrey. **Como gerir um museu: Manual prático**. São Paulo: Associação Cultural de Apoio ao Museu Casa de Portinari; Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, 2015.

VILUTIS, Luana. Nosso presente comum—o que a pandemia pode nos ensinar sobre o desenvolvimento sustentável?. **Revista Observatório da Diversidade Cultural**, v. 89, n. 03, p. 14-22, 2020.

Memórias e Histórias LGBTQIAPN+ em Pelotas

Renan Marques Azevedo da Mata

Mestrando em Memória Social e Patrimônio Cultural;

Universidade Federal de Pelotas;

renanazevedomarq@gmail.com

Resumo: O presente estudo tem como objetivo geral analisar como as memórias e histórias da comunidade LGBTQIA+ em Pelotas são marcadas por processos de apagamento, resistência e lutas por reconhecimento. A metodologia envolveu a análise de fontes documentais, como o jornal Nuanes, e a investigação de espaços de sociabilidade e memória, a exemplo de praças, teatros e bares. Como resultados, identificou-se que, apesar do estigma de “cidade gay”, a trajetória local é complexa, envolvendo a conquista de direitos, como o Conselho Municipal LGBT+, e a contínua luta contra a violência e a marginalização, evidenciada pelo histórico de trabalho sexual de pessoas trans e travestis. A circulação de publicações e a atuação de coletivos foram essenciais para articular a comunidade e fortalecer redes de apoio. Nas considerações finais, aponta-se que a preservação dessas memórias é fundamental para desconstruir caricaturas, promover o reconhecimento da identidade local e subsidiar a criação de políticas públicas mais inclusivas que respondam aos desafios históricos enfrentados por essa população.

Palavras-chave: Memórias; Histórias LGBTQIAPN+; Pelotas; Lugares de Memória.

Abstract: This study's general objective is to analyze how the memories and histories of the LGBTQIA+ community in Pelotas are marked by processes of erasure, resistance, and struggles for recognition. The methodology involved the analysis of documentary sources, such as the newspaper Nuanes, and the investigation of spaces of sociability and memory, such as squares, theaters, and bars. As for the results, it was identified that, despite the stigma of being a "gay city," the local trajectory is complex, involving the achievement of rights, like the Municipal LGBT+ Council, and the continuous fight against violence and marginalization, evidenced by the history of sex work among trans and travesti individuals. The circulation of publications and the actions of collectives were essential to articulate the community and strengthen support networks. In the final considerations, it is noted that the preservation of these memories is fundamental to deconstructing caricatures, promoting the recognition of local identity, and informing the creation of more inclusive public policies that address the historical challenges faced by this population.

Keywords: Memories; LGBTQIAPN+ Histories. Pelotas; Places of Memory.

Introdução

Os rastros das memórias e histórias das pessoas dissidentes da matriz heterossexual e cisgênera são marcados por processos de apagamentos, subalternizações e fragmentações. Reivindicar uma apropriação sobre esses marcadores de memória e sua historicidade exige lidar com ausências, dores, violências, lutas e resistências. Por que pessoas gays, lésbicas, bissexuais, transsexuais, travestis, intersexos, assexuadas, não binárias, entre outras identidades de gênero e sexualidades dissidentes, são sistematicamente perseguidas, vilipendiadas e mortas? Ainda que as opressões de gênero e sexualidade tenham uma dimensão global, ser LGBTQIAPN+ no Brasil e na América Latina, por exemplo, não é a mesma experiência que no Irã e Arábia Saudita - só para citar alguns dos países que tratam as sexualidades dissidentes em casos de pena de morte.

A mesma heterogeneidade sociocultural que define as experiências LGBTQ+ globalmente reflete-se dentro de um mesmo território. No Brasil, essa diversidade é frequentemente ofuscada pela historiografia dominante, cuja concentração no eixo Rio-São Paulo gera uma miopia que invisibiliza as mobilizações e memórias regionais. Com o objetivo de contrapor-se a essa tendência centralizadora, este trabalho analisa as dinâmicas da comunidade LGBTQ+ em Pelotas (RS), utilizando-a como um estudo de caso para dar visibilidade às trajetórias construídas para além das metrópoles. A emergência do movimento homossexual organizado na década de 1970, em plena ditadura militar, representou um marco na articulação política contra a repressão moral e estatal, desafiando o que Monique Wittig (2022) denominou "contrato heterossexual compulsório", um sistema de pensamento que normatiza a heterossexualidade como a única forma de relação social e afetiva viável.

Conhecida nacionalmente como a "Capital Nacional do Doce", Pelotas também carrega outras representações, por vezes estigmatizantes e exploradas politicamente, como a de "cidade de gays" (CAVALHEIRO, 2004). O objetivo desta pesquisa é ir além dos estereótipos para "escavar", nos termos de Michael Pollak (1989), as "memórias subterrâneas" de corpos e vivências dissidentes. Interessa-nos compreender: como é e como foi ser LGBTQIAPN+ em Pelotas? Quais histórias são contadas sobre esses sujeitos e, crucialmente, por quem são narradas? Quais são os lugares que preservam e contam essas histórias? Para responder a essas questões, mobilizamos o conceito de "lugares de memória" de Pierre Nora (1993). Para o autor, esses lugares não são apenas espaços físicos, mas

também objetos, símbolos, eventos e instituições onde a memória se produz e reproduz. Argumentamos que, para a comunidade LGBTQIAPN+ de Pelotas, esses lugares de memória foram (e são) tanto os espaços físicos – como praças, bares e boates – quanto os imateriais, como as relações sociais e afetivas forjadas na luta cotidiana.

Metodologia

O presente trabalho caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa e exploratória. Para “escavar” as histórias e memórias da comunidade LGBTQIAPN+ em Pelotas, a metodologia foi estruturada em duas frentes principais e complementares: a revisão bibliográfica e a análise documental. A revisão bibliográfica constituiu a base teórica e conceitual do trabalho. Foram levantados textos que discutem os conceitos centrais, com destaque para a obra de Pierre Nora (1993) sobre “lugares de memória”, o conceito de “memória subterrânea” de Michael Pollak (1989) e a perspectiva de Monique Wittig (2022) sobre o contrato heterossexual compulsório. Além disso, foram consultados trabalhos sobre a história do movimento LGBT no Brasil, como os de Renan Quinalha (2021), e estudos específicos sobre Pelotas, como os de Gláucia Lafuente Cavaleiro (2004) e Amilcar Alexandre Oliveira Rosa (2020). A análise documental foi o eixo central para a coleta de dados. A consulta abrangeu um conjunto diversificado de documentos, com foco em jornais, revistas e periódicos locais e nacionais. Foram analisadas publicações como o *Lampião da Esquina* (1978-1981), a *Gazeta Pelotense* (1976), e o *Jornal do Nuances* (publicado a partir de 1998). Esses documentos foram tratados como materialidades que produzem sentidos, organizam lutas e ampliam vozes. A análise buscou identificar como a comunidade era representada, quais pautas eram defendidas e como esses periódicos tornaram-se como elos de uma rede de ativismo e sociabilidade.

Resultados e Discussões

A imprensa alternativa emergiu como um instrumento de memória, ação e resistência. Durante a ditadura civil-empresarial-militar brasileira, jornais como o *Lampião da Esquina* (Rosa Choque) romperam o silêncio imposto. Conforme documenta Quinalha (2021), o *Lampião* não apenas denunciava a violência, mas também celebrava a cultura homossexual.

Em Pelotas, a *Gazeta Pelotense*¹ (1976) inseriu-se nesse movimento de resistência de jornais alternativos que romperam com os padrões da imprensa tradicional (ROSA, 2020). Mais tarde, o *Jornal do Nuances*², em sua edição de número 11 de 2000, dedicou uma reportagem à “doce fama de Pelotas”, evidenciando como a cidade já era um ponto de referência para a comunidade no estado. Os espaços geográficos da cidade foram e são ressignificados, tornando-se lugares permanentemente dinâmicos.

A Praça Coronel Pedro Osório, apelidada de “Bia Assunção” pela comunidade LGBTQ+ pelotense, foi um dos mais importantes pontos de encontro nos anos 1990. Outros espaços públicos também compõem essa cartografia, como a praça da Avenida Antônio Zattera (“Rejane”), a Praça da Santa Casa e o Chafariz do Calçadão. Bares como *Bye Bye*, *Kalabouço* e *Fruto Proibido* (NUANCES, 2000), e boates como *The Way*, funcionaram como espaços de boemia e socialização. O Carnaval³ surge como um momento de efervescência dessa sociabilidade, com bailes em locais como o Teatro Guarany e o Teatro Avenida, e blocos como o Burlesco. A figura de Pompílio Freitas (1952-2003) é central para compreender a profunda inserção LGBTQIA+ na cultura popular pelotense. Mais do que um influente estilista e carnavalesco, seu legado - composto por sua produção, entrevistas e história de vida - funciona hoje como um arquivo material indispensável. Ele oferece um ponto de acesso privilegiado a referenciais de memória da comunidade no extremo sul do país, revelando um passado desconhecido.

A criação do Conselho Municipal LGBTQ+ de Pelotas (2012), representa um marco institucional importante no reconhecimento e na garantia de direitos da população LGBTQIA+ na cidade. Essa iniciativa integra um conjunto de ações locais que buscam inscrever as vivências dissidentes na esfera pública e política. Entre essas ações, destaca-se a inauguração da “Esquina Travesti Juliana Martinelli”, em 2019, em homenagem à ativista e educadora, cujo nome também batiza o Coletivo T - grupo que atua na promoção de direitos e da memória trans e travesti em Pelotas. Esses movimentos locais dialogam com marcos

¹ Também chamada de o Triz (ROSA, 2020).

² O Jornal Nuances é uma publicação criada pelo Grupo Nuances – Grupo Pela Livre Expressão Sexual, organização fundada em 1991 na cidade de Porto Alegre (RS), voltada à defesa dos direitos da população LGBTQIA+. O jornal teve papel fundamental na disseminação de informações, na articulação política e na valorização das vivências e pautas das dissidências sexuais e de gênero no Brasil, especialmente no contexto do Sul do país (NUANCES, 1998).

³ Carnaval do Burlesco – Carnaval Espetáculo – Rua XV de Novembro (Centro/Pelotas) (NUANCES, 2000).

importantes no cenário nacional, como a atuação da ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), antiga ASTRAL (Associação de Travestis e Liberados, 1992), além da fundação da Associação Brasileira Intersexo (ABRAI)⁴, em 2018, e da Articulação Brasileira de Pessoas Não Binárias (ABRANB), em 2021.

Considerações Finais

Ao percorrer parte das memórias e trajetórias da comunidade LGBTQIAPN+ em Pelotas, este trabalho evidencia que, por trás do estigma histórico de “cidade gay” (rótulo frequentemente associado às viagens dos filhos da elite local no século XIX que, após estudar na Europa, especialmente na França, retornavam com comportamentos considerados “afeminados” pela moral conservadora) pulsa uma diversa e complexa rede de resistência e luta política, atravessada por marcadores de gênero, classe e raça. Mulheres trans e negras, por exemplo, que tendem a atuar na Praça da Santa Casa, frequentada por travestis que batalham na rua Santa Tecla, ou que vendem doces para sustentar suas famílias, vivem realidades distintas daquelas pessoas gays que ocupavam o espaço do Chafariz do Calçadão, tradicionalmente frequentado por “bichas” mais velhas e discretas (NUANCES, 2000). O mesmo vale para pessoas assexuadas e intersexo, que até mesmo dentro da sigla, sofrem com processos de invisibilidade e apagamento de suas diferenças. Logo, a análise revelou que as “memórias subterrâneas” (POLLAK, 1989) dessa comunidade não foram silenciadas, mas se inscreveram em múltiplos lugares de memória (NORA, 1993): nas ruas, páginas de jornais, nos corpos em festa, nas praças que abrigam encontros, na militância cotidiana. Cada um desses espaços compõe uma cartografia da resistência frente ao “contrato heterossexual compulsório” (WITTIG, 2022). O resgate dessas memórias, mais do que um gesto de reparação histórica, constitui uma ferramenta política fundamental para a construção de um futuro mais justo e plural, em Pelotas, no Rio Grande do Sul e no Brasil.

⁴ A história de luta e superação de Sammie Machado: quebrando tabus e lutando por direitos em Pelotas. (ABRAI, 2024).

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA INTERSEXO (ABRAI). A história de luta e superação de Sammie Machado: quebrando tabus e lutando por direitos em Pelotas. [S.l.]: ABRAI, [2024]. Disponível em: <https://abrai.org.br/a-historia-de-luta-e-superacao-de-sammie-machado-quebrando-tabus-e-lutando-por-direitos-em-pelotas/>. Acesso em: 30 jun. 2025.

AVALHEIRO, Gláucia Lafuente. Pelotas, “cidade de gays”: um estudo sobre os usos políticos de uma representação. Cadernos do LEPAARQ - Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio. V. I, nº 2. Pelotas, RS: Editora da UFPEL. Jul/Dez 2004.

JORNAL DO NUANCES. Ano 1, n. 1, jan. 1998. Porto Alegre: Nuances – Grupo Pela Livre Expressão Sexual, 1998. Acervo nphdigital UFRGS.

JORNAL DO NUANCES. Conheça a doce fama de Pelotas. Ano 2, n. 11, 2000. Porto Alegre: Nuances – Grupo Pela Livre Expressão Sexual, 2000. Acervo nphdigital UFRGS.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. Projeto História, São Paulo (10), dez, 1993.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, v. 2, n. 3, 1989.

QUINALHA, Renan. Contra a moral e os bons costumes: a ditadura e a repressão a comunidade LGBT. Editora Companhia das Letras, 2021.

ROSA, Amílcar Alexandre Oliveira. Gazeta Pelotense, 1976: entre o artístico e o político. XVIII Encontro Estadual de História: Direitos humanos, sensibilidades e resistências, Unesc, 2020.

WITIG, Monique. O pensamento hétero e outros ensaios. Editora Autêntica, 2022.

Práticas de Museologia Colaborativa em Porto Alegre: Experiências e desafios

Renata Lewis Scotto¹

Graduanda, UFRGS.

renatascottomuseologia@gmail.com

Azul Viana Labrea

Graduanda, UFRGS.

azullabrea@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa em desenvolvimento busca compreender a "Museologia Colaborativa" e analisar sua aplicação em museus tradicionais de Porto Alegre, ampliando o debate sobre novas práticas museológicas no Rio Grande do Sul. A metodologia envolveu análise do Museu de História Júlio de Castilhos e do Museu Antropológico do Rio Grande do Sul através de estudos de literatura, saídas de campo, realização de entrevistas e análise de redes sociais. Por Museologia Colaborativa entendemos quaisquer ações que visam romper com práticas que centralizam a autoridade narrativa em curadores e instituições, criando plataformas para expressão cultural contínua das comunidades e reconhecendo identidades historicamente silenciadas por visões eurocêtricas institucionais. Os resultados preliminares mostram que, embora ambas instituições promovam protagonismo para grupos marginalizados, enfrentam ausência de políticas institucionais que priorizem ações colaborativas a longo prazo. Apesar das limitações estruturais, a Museologia Colaborativa, ao valorizar a participação dialógica das comunidades, desafia o controle institucional tradicional e tensiona a função social dos museus.

Palavras-chave: Museologia Colaborativa; Museus; Porto Alegre;

Abstract: This ongoing research aims to understand "Collaborative Museology" and analyze its application in traditional museums in Porto Alegre, broadening the debate on new museological practices in Rio Grande do Sul. The methodology involved analyzing the Museu de História Júlio de Castilhos and the Museu Antropológico do Rio Grande do Sul through literature reviews, field visits, interviews, and social media analysis. By Collaborative Museology, we understand any actions that seek to break with practices that centralize narrative authority in curators and institutions. Instead, it creates platforms for continuous cultural expression from communities and recognizes identities historically silenced by institutional Eurocentric views. Preliminary results show that, although both institutions promote the prominence of marginalized groups, they lack institutional policies

¹ As autoras integram a pesquisa em andamento "Práticas de Museologia Colaborativa em instituições museais de Porto Alegre: um estudo exploratório", coordenada pela Profa. Dra. Fernanda Rechenberg (FABICO/UFRGS), e financiada pelo Estado do Rio Grande do Sul, por intermédio da FAPERGS (Edital 08/2023 ARD/ARC).

that prioritize long-term collaborative actions. Despite structural limitations, Collaborative Museology, by valuing the dialogical participation of communities, challenges traditional institutional control and creates tension regarding the social function of museums.

Keywords: Collaborative Museology; Museums; Porto Alegre;

Introdução

Esta pesquisa analisa como as práticas de Museologia Colaborativa têm sido operacionalizadas nos museus de Porto Alegre, buscando compreender as transformações que essas instituições têm vivenciado em suas práticas profissionais. A Museologia Colaborativa representa uma ruptura fundamental com os modelos tradicionais de gestão museológica, propondo novas formas de relacionamento entre museus e comunidades que desafiam as estruturas de poder historicamente estabelecidas no campo cultural. O objetivo geral desta pesquisa consiste em entender o que é a Museologia Colaborativa e analisar se e como ela se implementa em museus de Porto Alegre. Para tanto, foram estabelecidos objetivos específicos que incluíram realizar um mapeamento das instituições museológicas que utilizam a Museologia Colaborativa como prática profissional, compreender como as equipes internas têm mobilizado práticas colaborativas no tratamento das coleções, identificar as modalidades possíveis de colaboração implementadas nos museus, analisar se os objetos constituem um campo central das práticas colaborativas, verificar quais os setores do museu que promovem ações de Museologia Colaborativa e identificar as dificuldades e desafios das instituições em implementar essas práticas.

Para alcançar esses objetivos, foi adotado uma abordagem qualitativa em cinco etapas, iniciando com estudos dirigidos sobre a produção intelectual recente e os aportes teóricos em torno das práticas colaborativas na museologia. Através de um levantamento abrangente do Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul, com foco na Região Metropolitana de Porto Alegre, foram mapeadas instituições detentoras de acervos etnográficos e identificadas suas abordagens museológicas. Desse mapeamento, foram selecionados dois museus, o Museu de História Júlio de Castilhos e o Museu Antropológico do Rio Grande do Sul, para realização de análises e entrevistas com gestores e equipes.

Museologia Colaborativa: teoria e prática

Os estudos mostram que a museologia brasileira há muito se preocupa com direitos sociais e democratização cultural, desenvolvendo atividades que dialogam com comunidades. Contudo, as ações costumam ser pontuais e engessadas. Para serem consideradas colaborativas, é necessária horizontalidade nas dinâmicas de escolha e escuta, o que só é possível com ações de longo prazo e construção de confiança. A Museologia Colaborativa defende essa abertura em todas as esferas do fazer museológico, pois se propõe a romper com o monopólio dos estudiosos sobre o saber e interpretações culturais, transformando o museu em espaço de disputa de narrativas e múltiplos pontos de vista (ABREU; RUSSI, 2019). Desse modo, o museu deixa de ser espaço "sagrado" de legitimação histórica para tornar-se espaço vivo de convivência, diálogo e construção coletiva de memórias. O objetivo é criar espaço para que a agência se manifeste, proporcionando plataformas para expressão cultural contínua das comunidades historicamente marginalizadas e construção de alianças políticas com esses coletivos.

A análise das redes sociais do Museu de História Júlio de Castilhos através da metodologia da etnografia digital (LEITÃO; GOMES 2017) foi o que motivou a seleção desta instituição para o estudo. O museu destacou-se com frequência de duas a quatro publicações semanais em 2023, muitas divulgando ações com comunidades indígenas, quilombolas e LGBTQIAP+. Desde 2019, o museu tem assumido uma postura política de ação social com grupos marginalizados, notando-se na sua programação de atividades uma série de eventos que dialoguem com esses públicos, revelando-se como a instituição mais engajada em práticas colaborativas em Porto Alegre.

No Museu de História Júlio de Castilhos, as práticas colaborativas no tratamento e difusão das coleções têm sido mobilizadas pela equipe através de múltiplas estratégias que envolvem diretamente as comunidades na gestão do patrimônio. As modalidades de colaboração encontradas incluem curadorias compartilhadas ou co-curadorias, destacando-se as exposições da série "Nossas Marcas: Memória e Resistência" com colaboradores indígenas na seleção de peças, construção de narrativas, mediação e ações educativas. A instituição desenvolveu a partir de 2023 também uma busca ativa por acervos com enfoque afirmativo, através de campanhas para constituição de um acervo da comunidade Queer e de um acervo

afro-gaúcho contemporâneo, com foco em representativas da população negra para além da

escravidão e de histórias LGBTQIAP+ que rompam com o apagamento e desses sujeitos da historiografia tradicional. Como parte de sua programação educativa, o MHJC promove recorrentemente eventos com participação ativa de comunidades, como o evento do Abril Indígena de 2024, que dedicou um mês inteiro para atividades com a participação de representantes Mbyá Guarani e Kaingang como forma de ressignificar o “dia do índio”.

Os objetos parecem ser o elemento central das práticas colaborativas, sendo utilizados tanto na seleção de peças para exposições quanto na interpretação do acervo com participação das comunidades. Com tais práticas novidades se apresentam, a instituição passa a ter que lidar com valor espiritual e simbólico que os membros das comunidades atribuem aos objetos, gerando um desafio significativo para o museu sobre como dar o devido respeito a esses valores, tanto na exposição como na catalogação e no acondicionamento desses itens. Essa situação reflete o que Cury aponta sobre reformular coleções a partir de novos olhares, mostrando que os objetos do museu e a forma como são usados acaba por definir o papel social da instituição (CURY, 2017). Fica claro nesse quesito que a incorporação de saberes indígenas ao cotidiano do museu atribui uma responsabilidade a preservar tanto a materialidade dos objetos quanto os significados imateriais a eles associados. Quanto aos setores que promovem ações colaborativas, identificou-se que a equipe educativa do MHJC é o setor que mais se mobiliza por essas ações, principalmente em razão dos profissionais já possuírem trajetórias com certas comunidades indígenas. Contudo o apoio da gestão é elemento significativo para o sucesso das práticas, especialmente considerando que o museu é vinculado ao Estado e o perfil das atividades depende muito do posicionamento das gestões, estando portanto vulnerável a mudanças políticas e instabilidades orçamentárias.

O Museu Antropológico do Rio Grande do Sul, por sua vez, escolhido por sua trajetória inclusiva, teve experiências colaborativas com comunidades no passado, mas enfrenta dificuldades atuais devido à equipe reduzida e problemas orçamentários. Nas décadas seguintes à criação do museu, o MARS servia como espaço de encontro para povos indígenas em razão das relações do diretor da época, mas essas atividades diminuíram com o passar do tempo. A dificuldade em manter ações colaborativas a longo prazo é uma constante

nos museus brasileiros e reflete uma disparidade comum entre gestão institucional do patrimônio e participação ativa das comunidades detentoras dos saberes.

O que tem sido observado é que as práticas colaborativas costumam depender de um profissional envolvido, que possui relações pessoais com certas comunidades e a partir disso elabora parcerias. Em razão disso, quando esse profissional se ausenta, as ações colaborativas cessam. Esse fenômeno não é exclusivo do Museu Antropológico, Adriana Russi identifica esse tipo de acontecimento como práxis dos museus etnográficos:

“(…) as iniciativas, em geral, decorrem da ação de profissionais dos museus, pesquisadores ou dos próprios indígenas. Poucos casos têm institucionalizado a prática dialógica como política institucional, o que se mostra frágil com o decorrer do tempo” (RUSSI, 2022, p.31).

Considerações finais

A análise das práticas colaborativas nesses dois museus de Porto Alegre revela que, embora tanto o Museu de História Júlio de Castilhos quanto o Museu Antropológico do Rio Grande do Sul possuam perfil e profissionais para desenvolver ações colaborativas, encontram-se em diferentes caminhos de desenvolvimento dessas práticas. Enquanto o primeiro conseguiu manter uma certa programação ativa e diversificada com apoio da gestão, o segundo enfrentou desafios estruturais que limitam a continuidade de suas iniciativas. É evidente que existem muitas formas de realizar ações colaborativas, mas para a duração e efetividade delas é preciso institucionalizar essas práticas e incorporá-las aos documentos institucionais e, principalmente, aos planos museológicos.

A Museologia Colaborativa aqui brevemente apresentada, não se propõe a definir ou encontrar respostas para os inúmeros tensionamentos que a participação movimenta nos museus. Sabemos da realidade difícil das instituições brasileiras e não pretendemos avaliar ou reprimir quaisquer tentativas de revitalização desses espaços. Quaisquer ações que se proponham a falar “com” e não “sobre” devem ser incentivadas. Embora a Museologia Colaborativa encontre diversos obstáculos estruturais, é fundamental que as equipes, curadores e diretores não se sintam receosos. Faz parte do processo despir-se do ego e aprender a escutar, tendo sempre em mente que a Museologia Colaborativa se qualifica como um ato político em que os museus se posicionam e tentam oferecer seu lugar de legitimação histórica para dar visibilidade e apoio às lutas das comunidades.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina.; RUSSI, Adriana. "Museologia colaborativa": diferentes processos nas relações entre antropólogos, coleções etnográficas e povos indígenas. **Horizontes Antropológicos**, v.53, p. 17-47, 2019.

CURY, Marília Xavier. Lições indígenas para a descolonização dos museus: processos comunicacionais em discussão. **Cadernos CIMEAC**, Uberaba – MG, v. 7, n. 1, p. 184-211, 2017.

LEITÃO, Débora K.; GOMES, Laura G. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Revista Antropolítica**, Niterói, n. 42, p. 41-65, 1. sem. 2017.

RUSSI, Adriana. Nas fronteiras dos museus: processos museológicos colaborativos com povos indígenas em museus com acervos etnográficos no Brasil. **Hawô**, Goiânia, v. 3, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/hawo/article/view/72162>. Acesso em: 29 maio. 2024.



GT 7
Educação em Museus



Alfabetizando com a Fauna Marinha

Lucas Antonio Morates

Museólogo - UFRGS

lucas.morates@gmail.com

Resumo: O Museu de Ciências Naturais da UFRGS (MUCIN), sediado na cidade litorânea de Imbé/RS, é especializado em fauna marinha e costeira, refletindo a sua realidade e dedicando-se à coleta e preservação de acervo científico e à educação ambiental. Atualmente, estamos na Década dos Oceanos, onde a saúde dos ecossistemas marinhos e costeiros encontra-se no centro das discussões. Com o propósito de trabalhar a cultura oceânica e introduzir essa temática, pensou-se em um projeto de extensão que dialogasse e envolvesse os alunos dos primeiros anos do ensino fundamental, pois, sendo Imbé um município costeiro, é necessário refletir sobre essa realidade, buscando mitigar problemas e compartilhar informações. Com o uso do acervo didático do MUCIN, que pode ser manipulado pelos alunos, realizamos três encontros na escola, nos quais são apresentados em grupos de oito em oito letras os animais que fazem parte do ambiente em que estão inseridos, discutindo as suas características e formas de como ajudar a manter o equilíbrio. Ainda temos uma série de exercícios extras que auxiliam no conhecimento das letras, no raciocínio matemático e na coordenação motora. Por fim, a escola vem até o museu para uma visita às exposições e fazer uma conversa sobre tudo o que foi trabalhado.

Palavras-chave: Fauna marinha. Museu. Alfabetização. Oceano.

Abstract: The UFRGS Natural Sciences Museum (MUCIN), located in the coastal city of Imbé/RS, specializes in marine and coastal fauna, reflecting its reality and dedicating itself to collecting and preserving scientific collections and environmental education. We are currently in the Decade of the Oceans, where the health of marine and coastal ecosystems is at the center of discussions. In order to work on ocean culture and introduce this theme, we thought of an extension project that would engage and involve students in the first years of elementary school, since Imbé is a coastal city and it is necessary to reflect on this reality, seeking to mitigate problems and share information. Using the MUCIN educational collection that can be manipulated by students, we held three meetings at the school, in which we presented, in groups of eight letters, the animals that are part of the environment in which they are inserted, discussing their characteristics and ways of helping to maintain balance. We also have a series of extra exercises that help with the knowledge of letters, mathematical reasoning, and motor coordination. Finally, the school comes to the museum to visit the exhibitions and talk about everything that was worked on.

Keywords: Marine life. Museum. Literacy. Ocean.

Introdução

Os museus, como reflexo das sociedades, precisam que suas atuações sejam repensadas. Por esse motivo, recentemente foi aprovada pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) uma nova definição para a palavra museu, apresentando agora conceitos como diversidade e sustentabilidade, acessibilidade e inclusão. Todos esses conceitos impõem diferentes formas de um espaço museológico pensar as sociedades e agir junto a elas. Estando o Museu de Ciências Naturais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (MUCIN/UFRGS), sediado em Imbé, cidade litorânea, faz com que o mesmo reflita em suas ações e atividades assuntos ligados ao ecossistema marinho e costeiro e à biodiversidade local, atuando como mediador das interações entre espécies, inclusive as interações entre diferentes culturas, para assim alertar sobre a necessidade de preservação cultural e ambiental, visto que um reflete no outro. Tudo isso se percebe nas pesquisas, na coleta dos acervos e principalmente na produção de exposições e ações educativas, promovendo o diálogo mediado através da realidade do local.

Durante o ano de 2023, foi pensado e executado um projeto de extensão intitulado “Alfabetizando com a fauna marinha”, organizado para potencializar o diálogo entre o museu e a sociedade do seu entorno, visando amplificar a compreensão sobre a grande diversidade biológica e cultural existente na região, principalmente nos primeiros anos da alfabetização. Ademais, foi considerado o fato de essa ser a “Década dos Oceanos”, instituída pela Organização das Nações Unidas (ONU), com o objetivo de fortalecer a relação consciente entre ser humano/oceano, sendo uma década crucial de ações para o desenvolvimento da cultura oceânica, não somente entre estudantes, mas com a articulação de vários setores da sociedade, na busca de uma relação menos agressiva com o oceano. Outro ponto importante são as ações da agenda 2030, plano global adotado pela ONU que estabelece os dezessete objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), sendo que o projeto atua em três principais: a qualidade na educação, educação contra a mudança global do clima e vida na água, afinal o oceano é o maior ecossistema da terra e é de extrema importância para a sobrevivência de diversas espécies e manutenção do clima. Entretanto, o ambiente marinho é sensível e já começa a sofrer alterações nos mínimos graus de mudança, como por exemplo, as alterações vindas com a exploração de recursos oceânicos, a poluição e o aquecimento dos mares, entre outros fatores associados às ações antropogênicas. Assim sendo, nota-se a relevância e importância de tratar sobre esse tema com a comunidade para formar cidadãos que compreendam as relações complexas desse ambiente.

Dessa maneira, justifica-se a realização de uma ação de extensão com alunos dos primeiros anos do ensino fundamental das escolas de Imbé, visto que a base da educação é um momento ímpar durante o processo de formação de habilidades e competências, além de estimular o conhecimento através do diálogo entre a universidade e as escolas para a apresentação de temas ligados ao oceano.

Metodologia

Os primeiros passos do projeto contemplaram ideias de como poderiam ser construídas atividades lúdicas e informativas para os alunos, e quais seriam os animais selecionados para integrar o projeto, pois cada material escolhido necessitaria de um preparo para uso didático. Durante essa escolha, utilizaram-se alguns critérios, foi analisado se a espécie já havia sido registrada na região ou no estado, os graus de envolvimento com os seres humanos e a existência de um acervo didático que pudesse ser utilizado em sala, sendo que o objetivo principal eram animais costeiros e marinhos.

De forma não incomum, usam-se animais para representar letras e sons durante o processo de alfabetização, no entanto, muitas vezes são utilizados animais que não fazem parte do ecossistema local, como tradicionalmente acontece com as letras H e Z, onde o H é representado pelo hipopótamo e o Z pela zebra, entre os objetivos do projeto está justamente a escolha por animais que ocorrem no Rio Grande do Sul, mesmo não sendo eles animais marinhos, como no caso da letra H, onde substituímos o hipopótamo pela Harpia (*Harpia harpyja*), a maior ave de rapina brasileira, e a Zebra pelo Zorrinho (*Conepatus chinga*), mamífero noturno e solitário. Outro caso que não envolve animal marinho é o representante da letra “G”, Gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*), já que com frequência ocorre a interação com seres humanos e muitas vezes de forma negativa para o gambá, somada ao fato de que ainda há um grande desconhecimento acerca desse animal, até algumas crenças populares em torno de sua aparência, assim se fez necessário aproveitar o momento para conversar mais sobre essa espécie. Outra espécie marinha, mas que não ocorre no oceano atlântico é o representante da letra “N”, o nautilus (*Nautilus macromphalus*), molusco cefalópode nativo do indo-pacífico. No restante, todos os animais fazem parte da fauna local.

Para dar suporte à atividade, foram desenvolvidos slides como forma de apoio visual e auditivo, sempre priorizando arquivos produzidos localmente, nos quais fosse possível reconhecer espaços do município ou som das aves, aproximando ainda mais as relações com esses animais. As informações sobre os espécimes se amplificam com o uso do acervo

didático, no qual as crianças podem tocar e observar com mais clareza, podendo associar as imagens com o objeto. Essa é uma das partes do projeto que os alunos mais gostam, é um dos momentos mais esperados, pois os educandos podem participar e explorar ativamente, sentindo texturas, como a maciez do pelo de um lobo-marinho ou pena de pinguim ou o quão afiado é um dente de tubarão.

Ainda foram pensadas atividades complementares, tendo cada letra seu próprio exercício, os quais foram previamente apresentados aos professores responsáveis por cada turma para ver se estava adequado, com o objetivo de auxiliar não só no conhecimento das letras, mas também contribuir no raciocínio matemático e na coordenação motora. Os exercícios também tinham como objetivo reforçar características biológicas dos animais, a exemplo das baleias, em que a proposta da atividade era levar o filhote para junto da mãe, lembrando a importância do cuidado parental nessa espécie, essencial para o desenvolvimento do filhote; ou como os exercícios matemáticos, nos quais teriam que contar quantos leões-marinhos descansam na praia, lembrando que é natural que esses animais usem a faixa de areia para repouso. Entre os exercícios de coordenação motora, tem-se o exemplo dos albatrozes, os quais têm que alcançar o peixe sem tocar nos anzóis. Entre os moluscos filtradores, como os mexilhões (*Perna perna*), os estudantes teriam que encontrar e realizar a contagem dos que estavam submersos e os que estavam fora da água. Outro exemplo de atividade que se procurou chamar a atenção para as relações negativas que envolve a contagem de quanto de alimento as tartarugas têm disponível, sendo eles lulas, algas e peixes, além da quantidade de plástico e outros materiais encontrados na água. Um ponto importante a ser entendido pelos alunos é que eles são sujeitos que têm responsabilidades sobre esse meio e como é possível repensar alguns hábitos para mitigar esses problemas. Entender os fluxos das águas e do mar e como o lixo se desloca nesse ambiente assegura um entendimento concreto do problema.

O projeto consistiu em três encontros em sala de aula e um último encontro nas dependências do museu. O fato de serem três encontros, com duração de até duas horas, auxiliou na proximidade e afetividade com os alunos, e esses sentiram confiança e segurança na hora de fazer as perguntas e interagir com o conteúdo. A possibilidade de apresentar esses animais oferece a oportunidade de incluir temas e conceitos como animais vertebrados, invertebrados, mamíferos, migração e ameaçados de extinção, lixo no mar, adaptações biológicas, entre outros.

O fato de o último encontro ser a visita ao museu tem como objetivo reforçar o vínculo desse espaço e a comunidade do entorno, sendo possível sempre construir novos conhecimentos, pois além de relembrar assuntos e conceitos discutidos em sala de aula, entram em cena outras espécies que não fizeram parte da apresentação na escola. Assim, o museu cumpre parte de sua missão, que envolve a divulgação e a problematização dos ambientes costeiros e marinhos.

Considerações finais

O museu, como instituição a serviço da sociedade e vinculado à universidade, reforça a comunicação com o seu entorno através de exposições, pesquisas e projetos de extensão, como é o caso, e ter a oportunidade de participar de forma ativa nos processos de alfabetização através da realidade local pode incentivar ações a longo e médio prazo que têm o poder de transformar o seu entorno, estabelecendo novas relações com o meio, na busca de um ambiente mais equilibrado entre as espécies.

O projeto também oportunizou aos próprios extensionistas a oportunidade de conhecer a realidade da educação básica do município e compreender a importância de comunicar suas pesquisas, principalmente para alunos em fase de alfabetização, fazendo com que a prática da extensão também colabore na formação de futuros profissionais da área da biologia.

REFERÊNCIAS

BERCHEZ, F. Alfabetização oceânica: um objetivo fundamental da “Década do Oceano”. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/alfabetizacao-oceanica-um-objetivofundamental-da-decada-do-oceano/>>. Acesso em: 07 de out de 2023

CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS. ICOM aprova Nova Definição de Museu. 2023. Disponível em: <https://www.icom.org.br/?p=2756>. Acesso em: 28 nov. 2023.

UNESCO. O Oceano Década. 2023. A ciência que precisamos para o oceano que queremos. Disponível em: <https://oceandecade.org/pt/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

Material Educativo da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo

Camila Monteiro Schenkel

Doutora em Artes Visuais;
Professora do Departamento de Artes Visuais/UFRGS;
camilaschenkel@gmail.com

Aline Nunes

Doutora em Arte e Cultura Visual;
Professora do Departamento de Artes Visuais/UFRGS;
ameline.n24@gmail.com

Andressa Cristina Gerlach Borba

Professora de Artes Visuais; RME/POA
andressa.gerlach@gmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta o processo de pesquisa e criação coletiva que levou ao desenvolvimento, no âmbito de um projeto de extensão, de um material educativo dedicado ao Acervo Artístico da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo (PBSA), equipamento cultural do Instituto de Artes da UFRGS. Trata-se de uma das coleções públicas de arte mais antigas do estado, mas ainda pouco conhecida por um público mais amplo. Tendo isso em vista, o projeto procurou desenvolver, a partir de abordagens contemporâneas do ensino das artes visuais, um material para fomentar o contato de professora/es e estudantes de educação básica com obras dessa coleção e o desenvolvimento de processos artísticos e educativos a partir dessas experiências.

Palavras-chave: Pinacoteca Barão de Santo Ângelo. Material educativo. Extensão universitária. Ensino de Artes Visuais

Abstract: This work presents the collective research and creation process, under the framework of a university extension project, that led to the development of an educational material dedicated to the artistic collection of Pinacoteca Barão de Santo Ângelo (PBSA) of Instituto de Artes da UFRGS. It is one of the oldest public art collections in the state, yet still relatively unknown to a broader audience. With this in mind, the project aimed to develop, based on contemporary approaches to art education, a resource to encourage teachers and students in basic education to engage with works from this collection and to foster artistic and educational processes through these experiences.

Keywords: Pinacoteca Barão de Santo Ângelo. Educational Material. University extension, Art education.

Introdução

O Acervo da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes da UFRGS reúne cerca de 2.500 itens, datados do final do século XIX até o presente, em diferentes técnicas e materiais. Esta coleção começou a ser formada com a criação do Instituto Livre de Belas Artes do Rio Grande do Sul, em 1908, a partir da aquisição de obras que serviriam de modelo a seus estudantes. Ao longo do tempo, esse conjunto ampliou-se significativamente por meio de compras, da incorporação de obras premiadas em salões e, sobretudo, doações de professores, alunos e membros da comunidade.¹ Apesar de sua enorme relevância histórica e simbólica, trata-se de um acervo ainda pouco conhecido pela comunidade.

Tendo isso em vista, mas também a identificação de um interesse de professores da educação básica em trabalhar com artistas mais próximos de sua realidade, nos propusemos a desenvolver, no âmbito do projeto de extensão *Material educativo do Acervo da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo (PBSA)*, vigente entre 2022 e 2024, um material didático sobre essa coleção. Desejávamos promover maior visibilidade, valorização e apropriação desse patrimônio artístico a partir de um material que permitisse que parte dessas obras chegassem a novos públicos e pudessem servir como disparadoras de processos artísticos e educativos.

Apontamentos sobre um processo compartilhado

Depois de um período de pesquisas e discussões iniciais sobre as características do acervo da PBSA, um movimento importante no processo de construção desse material ocorreu em setembro de 2022, por ocasião do XXIII Salão de Extensão UFRGS, quando realizamos uma oficina de exploração de materiais educativos de arte dirigida a educadores, licenciandos e demais interessados. Divida em dois momentos – um para manipulação e discussão de materiais produzidos por outras instituições, e outro para projetar possibilidades para um material direcionado especificamente ao acervo da PBSA a partir de um conjunto de reproduções de obras da coleção –, essa atividade inspirou reflexões, relações, questões-disparadoras e diversas outras camadas de interpretações e possibilidades para as obras do acervo e consequentemente para o formato escolhido para o material educativo oriundo desse projeto.

¹ Desde setembro de 2024, esse acervo, atualmente coordenado pelas professoras Paula Ramos e Gabriela Motta, ocupa o espaço do Salão de Festas da Reitoria da UFRGS, onde pode ser visitado mediante agendamento.

Dando sequência a esse processo, em março de 2023 promovemos encontros com dez professores da área de Artes e Humanidades para efetuar entrevistas a respeito de sua relação profissional e pedagógica com materiais educativos de instituições culturais. Alguns dos principais apontamentos surgidos foram: a dificuldade dos professores/as em visitar exposições com seus alunos, sendo o material didático um importante recurso de acesso à arte contemporânea; o uso desses materiais como fonte de pesquisa e ideias para atividades pedagógicas contextualizadas; o uso de suas imagens para abordar diferentes conteúdos em aula; as dificuldades em relação ao número de exemplares disponíveis para trabalhar com as turmas e o interesse dos estudantes por materiais de aspecto interativo.

A partir da análise e avaliação desses dois momentos, chegamos a algumas premissas para nosso material. Dentro de nossas limitações orçamentárias, ele deveria contemplar um conjunto amplo e representativo de obras de diferentes períodos, técnicas e temáticas, que pudessem servir para ampliação do repertório visual dos estudantes e fomentar discussões e experiências para diferentes faixas etárias. Também priorizamos um formato que convidasse à manipulação e à criação de conjuntos a partir de associações. Considerando a recorrente utilização de materiais educativos como fonte de referência, ele deveria, também, trazer informações de qualidade sobre obras e artistas pouco conhecidos de públicos não especializados em arte no Rio Grande do Sul, assim como problematizações a partir desses conteúdos. O *Catálogo Geral da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo 1910 - 2014* (2015) serviu como principal fonte para os textos produzidos, juntamente com o dossiê da revista *Porto Arte* dedicado à coleção (v. 27 n. 47, 2023), além de pesquisas acadêmicas.

O processo de desenvolvimento de conteúdos, revisão e diagramação se deu de maneira colaborativa por uma equipe de 13 pessoas, sendo nove delas estudantes de graduação dos cursos de Artes Visuais, História da Arte e Design.² Ao final desse processo, chegamos a um conjunto composto por um folheto que serve de introdução ao material, apresentando a coleção da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, os objetivos do projeto e algumas possibilidades de uso; 20 postais com reproduções de obras³, informações e

² Textos: Aline Nunes, Andressa Borba, Camila Schenkel, Giovanni Álvarez Ramos, Jennifer Karolini Peixoto, Júlia Martins Yavorivski, Mariana da Silva Christmann, Letícia Azevedo Xausa, Paula Ramos, Pietra D'Avila Mattos. Edição e revisão: Aline Nunes, Camila Schenkel, Paula Ramos, Paulo Gomes. Proposições pedagógicas: Aline Nunes, Andressa Borba, Camila Schenkel. Ilustrações: Lourenço Demarco. Projeto gráfico: Henrique Andrews Gerlach Borba.

³ Os artistas abarcados nos postais foram Alice Soares, Angelo Guido, Anico Herskovits, Carlos Pasquetti, Elaine Tedesco, Elida Tessler, Eugênio Latour, Fayga Ostrower, Fernando Corona, Francis Pelichek, Francisco Bellanca, Gomercindo da Silva Pacheco (Guma), João Fahrion, Maria Lídia Magliani, Pedro Weingärtner, Regina Silveira, Romanita Disconzi, Vera Chaves Barcellos, Wilson Tibério e Zorávia Bettiol.

propostas artístico-pedagógicas, 40 obras reproduzidas em tamanho 10 x 7,5 cm, com legendas completas; 15 pequenas cartas com palavras disparadoras para suscitar agrupamentos e discussões e quatro pranchas tamanho 29,7 cm x 42 cm com ilustrações de cenários que poderiam funcionar como ambientações para esses trabalhos artísticos: uma reserva técnica, uma sala de exposições, uma sala de aula e uma praça pública. A escolha por esses ambientes foi motivada pela reflexão sobre os contextos nos quais temos contato com obras de arte e seus múltiplos efeitos em como nos relacionamos com elas.

Figura 1 - Vista de diferentes peças do Material Educativo da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo.

Fotografia: Camila Schenkel

Neste momento, o material se encontra em fase de finalização da impressão e será lançado em um encontro público. Já se vislumbram articulações com outros projetos das

autoras, como o Núcleo Educativo da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo e ações vinculadas ao projeto PIBID - Núcleo Artes Visuais⁴. Consideramos que tais diálogos fomentem ações de formação continuada para professores de Artes Visuais, atuantes na educação básica, bem como possibilitem encontros formativos para estudantes de graduação em Artes Visuais e História da Arte. A ideia é seguir experimentando e explorando as possibilidades do material educativo junto destes públicos e, a partir das trocas, preparar sua segunda edição.

⁴ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência/CAPES.

Figura 2 - Vista de diferentes peças do Material Educativo da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo



Fotografia: Camila Schenkel

Considerações finais

Olhar para um acervo de modo interessado e crítico implica compreendê-lo desde sua natureza movente e em constante transformação. Se, por um lado, sua concepção tem como principal característica a preservação de obras de inestimável valor histórico, artístico e cultural, por outro, acreditamos que é somente pelo viés de sua flexibilidade narrativa e discursiva que ele se atualiza enquanto um patrimônio de uma universidade ou no tocante àquilo que pode oferecer e ajudar a construir coletivamente. Frequentar o Acervo da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo e colocarmo-nos em diálogo com suas obras é estar em constante estado de encantamento e suspensão daquilo que sabemos sobre o universo da arte. É um convite para que algo em nós possa ser transformado e acionado em termos de criação e abertura para o mundo. Neste sentido, a produção do material educativo em questão operou, durante o período de sua elaboração, como uma possibilidade de nos deixarmos mobilizar pelas obras e, por fim, lançarmos convites para que tantos outros possam também vir a experimentar aquilo que somente os caminhos artísticos podem proporcionar.

REFERÊNCIAS

BORBA, Andressa. Material didático de/para uma professora/artista: possibilidades de construção e usos a partir da criação discente durante o estágio curricular obrigatório. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, 2023.

GOMES, Paulo (Org.). **Pinacoteca Barão de Santo Ângelo: Catálogo Geral (1910-2014)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015.

_____. (Org.) DOSSIÊ: Pinacoteca Barão de Santo Ângelo. **PORTO ARTE: Revista De Artes Visuais**, v. 27, n. 47, 2023.

HOFSTAETTER, Andrea. Criação de material didático em Artes Visuais: dispositivos sensíveis para a proposição de experiências de aprendizagem. **Anais do 26º Encontro da ANPAP**. Campinas: ANPAP, p.2077-2092, 2017.

LOYOLA, Geraldo. **Professor-artista-professor: material didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte**. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, 2016.

MARTINS, Mirian Celeste. Curadoria educativa: inventando conversas. **Reflexão e Ação** – Revista do Departamento de Educação/UNISC. Santa Cruz do Sul, v. 14, n.1, p.09-27, jan/jun 2006.

RIBEIRO, Vanessa Costa. Materiais educativos: o fazer material. In: TOJO, Joselaine Mendes; AMARAL, Lilian (orgs.). **Rede de Redes – diálogos e perspectivas das redes de educadores de museus no Brasil**. São Paulo, 2018.

Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande do Sul a partir do Parque Histórico General Bento Gonçalves: possibilidades em educação para o Patrimônio

Everton Reis Quevedo

Doutor. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul
evertonquevedo@gmail.com

Luciana de Oliveira

Doutora. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul
luciana_de_oliveira@hotmail.com

Resumo

Tendo em vista a organização, montagem e inauguração, no mês de setembro de 2024, da exposição “Bento Gonçalves, seu tempo e seu lugar” no Parque Histórico General Bento Gonçalves, equipamento cultural da Secretaria Estadual de Cultura do Rio Grande do Sul, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, parceiro da iniciativa, organizou uma Ação Educativa no mês de novembro daquele ano, objetivando apresentar a nova exposição à comunidade. A atividade teve por foco qualificar o grupo gestor e receptivo do Parque e habilitar professores da região para discussões sobre memória, história, patrimônio e acervos. Foram convidados profissionais renomados em seus campos, a fim de que dividissem seus conhecimentos com os participantes. Ao final do evento, foi proposto a escrita de um livro, que está em processo de organização. Desta forma, esta comunicação se propõe a apresentar, além da exposição - elemento novo num cenário que ficou por anos sem receber exposições - aspectos da referida ação educativa e os retornos dados pela comunidade frente a atividade, pretendendo discutir os caminhos e as possibilidades da educação para o patrimônio a partir da interação de professores e alunos.

Palavras-chave: Ação Educativa. Educação Patrimonial. Patrimônio. Memória. História.

Abstract

In view of the organization, assembly and inauguration, in September 2024, of the exhibition “Bento Gonçalves, seu tempo e seu lugar” (Bento Gonçalves, his time and his place) at the General Bento Gonçalves Historical Park, a cultural facility of the State Secretariat of Culture of Rio Grande do Sul, the Historical and Geographical Institute of Rio Grande do Sul, a partner in the initiative, organized an Educational Action in November of that year, aiming to present a new exhibition to the community. The activity focused on qualifying the management and reception group of the Park and training teachers from the region to discuss memory, history, heritage and collections. Renowned professionals in their fields were invited to share their knowledge with the

participants. At the end of the event, a proposal was made to write a book, which is currently being organized. Thus, this communication aims to present, in addition to the

exhibition - a new element in a scenario that had not received exhibitions for years - aspects of the aforementioned educational action and the feedback given by the community regarding the activity, intending to discuss the paths and possibilities of education for heritage based on the interaction of teachers and students.

Keywords: Educational Action. Heritage Education. Heritage. Memory. History.

Introdução

Toda professora e todo professor, independentemente do ambiente em que desenvolvem suas práticas pedagógicas e que desejam ser mediadoras e mediadores, devem ter uma postura diferenciada no sentido de favorecer a aprendizagem do aluno, visando enriquecer suas habilidades essenciais e superar as dificuldades que possam ocorrer. Nesse sentido, os espaços educativos não formais, como bibliotecas, arquivos, museus, sítios arqueológicos e paleológicos, centros culturais, parques, praças, ruas, avenidas, igrejas e até mesmo cemitérios e canteiros de obras, tornam-se importantes locais onde é possível desenvolvermos ações educativas e socializadoras, evidenciando aos educandos o funcionamento da sociedade in loco, contribuindo então com a formação do indivíduo para a cidadania e sua emancipação social.

Desta forma, acreditamos que a criança ou adolescente que participa de atividades em um espaço não escolar, ou seja, não formal, expande sua área de conhecimento.

[...] A educação não-formal - não é organizada por séries/idade/conteúdos, atua sobre aspectos subjetivos do grupo, trabalha e forma sua cultura política de um grupo. Desenvolve laços de pertencimento, ajuda na construção da identidade coletiva do grupo (GOHN, 2010, p. 18).

Em setembro de 2024, quando foi inaugurada a exposição “Bento Gonçalves, seu tempo e seu lugar” no Parque Histórico General Bento Gonçalves, equipamento cultural da Secretaria Estadual de Cultura do Rio Grande do Sul, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, parceiro da iniciativa, organizou uma Ação Educativa. O objetivo da atividade foi habilitar professores e gestores da região para

discussões sobre memória, história, patrimônio e acervos. A ideia foi a de, em primeiro lugar, apresentar a nova exposição ao público e, em segundo, formar os profissionais participantes para que incluíssem a instituição e a mostra do Parque Histórico General Bento Gonçalves como elementos importantes para seus planejamentos. Além disso, se objetivou qualificar o grupo gestor e receptivo do museu, formando mediadores para a exposição, fomentando a interação regional com a instituição, difundindo as novas ações museológicas e expográficas e discutindo a trajetória de Bento Gonçalves e aspectos importantes da Revolução Farroupilha.

A atividade foi organizada em três etapas, sendo: 1) formação da equipe do museu; 2) formação de professores; 3) produção de material pedagógico. Embora as três etapas fossem complementares umas às outras, elas também puderam ser desenvolvidas em estágios distintos, sem oferecer prejuízo à formação dos participantes. Ainda na fase de organização das Ação Educativa, foram realizados contatos com as Secretarias de Educação de Cristal e Camaquã (o Parque está localizado na cidade de Cristal e muito próximo da cidade de Camaquã) e com as respectivas Coordenadorias de Educação, bem como com as escolas da rede privada a fim de convidar e envolver os docentes da região.

Na programação das oficinas, realizadas nos dias 22 e 29 de novembro de 2024, constavam palestras com temas pertinentes a exposição e com os curadores da mesma. Todos os profissionais constantes na grade do evento eram referência nas temáticas abordadas. A programação foi amplamente divulgada em redes sociais bem como encaminhada aos meios de comunicação local.

Tabela 1 – Programação da atividade

Data e horário	Tema	Convidado
Dia 1 8h às 12hs	Formação museológica, memória, história e patrimônio	<i>Prof. Dr. Éverton Reis Quevedo</i> IHGRGS <i>Simone Steigleder</i> Conservadora/restauradora - IHGRGS
Dia 1 14h às 16h	Exposição Bento Gonçalves Seu Tempo e Seu Lugar	<i>Arq. Ceres Storchi</i> <i>Arq. Nico Rocha</i> Tangram Arquitetura e Design
Dia 1 16h às 18h	História e memória do Rio Grande do Sul	<i>Prof. Dra. Maria Medianeira Padoin</i> UFSM
Dia 2 8h às 12hs	Acervos arqueológicos	<i>Arqueólogo Cleiton Silva da Silveira</i> MARSUL <i>Arqueólogo Alberto Tavares de Oliveira</i> IPHAN
Dia 2 14h às 16h	Farroupilha e Bento Gonçalves: acervos e imagens	<i>Prof. Dra. Luciana de Oliveira</i> IHGRGS <i>Luiza Rodrigues</i> Museu Histórico Farroupilha
Dia 2 16h às 18h	Oficina Pedagógica	<i>Prof. Dra. Luciana de Oliveira</i> IHGRGS

Fonte: Tabela elaborada pelos autores.

Os temas desenvolvidos, como pode ser observado na Tabela 1, abarcaram formação museológica, memória, história e patrimônio, história e memória do Rio Grande do Sul, acervos (da instituição e cedidos como empréstimo – acervos arqueológicos bibliográficos e tridimensionais), a casa onde funciona a sede do Parque e, obviamente, as questões conceituais da exposição.

Ao serem finalizadas as palestras, foi realizada uma oficina pedagógica com os participantes. Esta tinha por objetivo central propor uma reflexão acerca dos documentos, objetos e exposição do museu do Parque Histórico General Bento Gonçalves, tensionando a forma com a qual ambos podem ser utilizados como material pedagógico.

A primeira parte da oficina foi dedicada às problematizações dos retratos históricos, uma vez que, na exposição, o quadro *Retrato de Bento Gonçalves*, elaborado por Antônio Parreiras em 1915 e sob a salvaguarda do Museu Histórico Farroupilha

(Piratin/RS), fora emprestado ao museu do Parque Bento para a inauguração da nova exposição. A proposta foi pensar como são produzidos os retratos históricos. Para tanto,

foi solicitado aos participantes que, a partir de uma biografia sem autoria, se produzisse um retrato. Ao final, uma diversidade de novos rostos de Anita Garibaldi, dona da biografia apresentada, foi construída.

A segunda etapa da oficina teve por foco a análise do retrato de Bento Gonçalves, problematizando a forma com a qual as pinturas, sobretudo as de história, podem ser importantes documentos de análise e de construção de novos saberes. Nesse sentido, ao serem retiradas do espaço secundário que muitas vezes ocupam, sobretudo quando tratadas como ilustrações de textos, as imagens ocupam protagonismo na construção de novos saberes acerca de velhas questões. Portanto, analisar suas especificidades e levar em consideração suas potencialidades são fundamentais para o trabalho com as fontes visuais.

Figuras 1 e 2 – Produção de material pedagógico.



Fonte: Fotografias dos autores.

Conclusões

A atividade teve por foco qualificar o grupo gestor e receptivo do Parque Histórico General Bento Gonçalves e habilitar professores da região para discussões sobre memória, história, patrimônio e acervos. Observamos que estes objetivos foram alcançados.

Foram convidados profissionais renomados em seus campos, a fim de que dividissem seus conhecimentos com os participantes. Ao final do evento, tendo em vista a riqueza e a importância do material produzido, foi proposto a escrita de um livro, que está em processo de organização. Desta forma, além da difusão da exposição - elemento novo num cenário que ficou por anos sem receber mostras – observamos, nos retornos dados pela comunidade frente a atividade, que os objetivos - discutir os caminhos e as possibilidades da educação para o patrimônio a partir da interação de professores e alunos - foram plenamente exitosos.

REFERÊNCIAS

D'ÁVILA, Sthefane et al. Educação Não-Formal: Qual a sua importância? In: **Revista Brasileira de Zootecias** 17(2): 22-27. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 62º ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GOHN, M. G. **Educação não-formal e o educador social**. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. In: **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, jan./mar. 2006, p. 27-38.

KÜLZER, G. G. L. de L. O papel educativo do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul. In: QUEVEDO, É. R., MOURA, E. R. P. de (Orgs.). **Educação: práticas pedagógicas, aprendizagens e vivências**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022, p. 105-126.

POMATTI, A., KÜLZER, G. “Um olhar sobre o objeto”: exercício para a educação patrimonial no Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul. In: QUEVEDO, E.; SOFIATI, A. **Práticas e novos repertórios para as infâncias e juventudes**. Porto Alegre: Editora Fi, 2021, p. 13- 25.

APOIO



CASA
DE CULTURA
MARIO QUINTANA

PARCERIA



Instituto
Estadual
do Livro

REALIZAÇÃO



Sistema Estadual de Museus/RS

SECRETARIA DA
CULTURA



GOVERNO
DO ESTADO

**RIO
GRANDE
DO SUL**